



GUIMARÃES RODRIGUES
* uma universidade sem muros



UMinho Editora

COORDENAÇÃO DO LIVRO
Paulo Sampaio

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Manuela Martins

CAPA
Bernardo Providência

PAGINAÇÃO
Carlos Sousa | Talento & Tradição

IMPRESSÃO e ACABAMENTOS
Sersilito - Empresa Gráfica, Lda

EDIÇÃO UMinho Editora

LOCAL DE EDIÇÃO Braga 2025

DEPÓSITO LEGAL Nº 543235/25

ISBN digital 978-989-9074-64-4

ISBN impresso 978-989-9074-63-7

DOI <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.193>

Os conteúdos apresentados (textos e imagens) são da exclusiva responsabilidade dos respetivos autores.
© Autores / Universidade do Minho – Esta obra encontra-se sob a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.

Guimarães Rodrigues: uma universidade sem muros



Nota Biográfica de António José Marques Guimarães Rodrigues	9
Prefácio	
<i>António Sampaio da Nóvoa</i>	11
António Guimarães Rodrigues. Um Reitor no seu Tempo	
<i>Rui Vieira de Castro, Reitor da Universidade do Minho</i>	13
Um legado de liderança e visão na EEUM	
<i>Pedro Arezes, Presidente da Escola de Engenharia da Universidade do Minho</i>	23
AGR: Exemplo Maior de Entrega, Dedicção e Compromisso	
<i>Paulo Sampaio, Director do Departamento de Produção e Sistemas, Coordenador do Livro</i>	27
Avô Tozé	
<i>Família</i>	31
Contexto e Gestas de uma Reitoria	
<i>Acílio Estanqueiro Rocha</i>	35
António Guimarães Rodrigues (AGR): um exemplo!	
<i>Adolfo Vidal</i>	41
Professor António Guimarães Rodrigues: Um Exemplo que Permanece	
<i>Adriana Carvalho</i>	45

SUMÁRIO

“O” <i>Ana Carolina Pires</i>	47
António Guimarães Rodrigues, uma Personalidade de excelência <i>António Marques</i>	53
António José Guimarães Rodrigues: A memória de um Amigo <i>António Pouzada</i>	55
Homenagem à memória do Professor António José Guimarães Rodrigues <i>António Sousa Miranda</i>	59
A Melhor Forma de Prever o Futuro é Inventá-lo <i>António Paisana e Guilherme Pereira</i>	63
A marca de um Líder <i>Carla Lavrador</i>	71
Liderança, visão e humanidade continuarão a inspirar... <i>Carlos Silva</i>	73
De como o Professor Guimarães Rodrigues contribuiu para inventar o meu futuro e o do acesso aberto em Portugal <i>Eloy Rodrigues</i>	77
Trajectoria de Excelência: Homenagem ao Legado do Reitor António Guimarães Rodrigues da Universidade do Minho <i>Fernando Lavrador</i>	81
A liderança de proximidade, de motivação e de desafio constante <i>Fernando Parente</i>	83
Uma Figura Ímpar na História da UM <i>Irene Montenegro</i>	85

Pelo sonho é que vamos <i>Íris Saraiva</i>	89
A tragédia maior não é a opressão e crueldade dos maus, mas é o silêncio dos bons <i>João Monteiro</i>	95
O Reitor dos Estudantes <i>Jorge Cristino</i>	97
Professor António Guimarães Rodrigues (1950 – 2023)... que descanse em paz eterna! “in memoriam” <i>José Luís Encarnação</i>	101
Saudosas recordações de uma convivência <i>José Tavares de Oliveira</i>	103
Magnânimo <i>José Valério de Carvalho</i>	107
Guimarães Rodrigues: um timoneiro determinado na defesa da UMinho <i>Leandro Almeida</i>	111
Em memória do Professor António Guimarães Rodrigues <i>Luís Amaral</i>	115
AGR – O Homem e os Valores <i>Luís Carlos Fernandes</i>	117
O nosso Reitor António Guimarães Rodrigues: clarividência, dedicação, e espírito de serviço <i>Luís Lobo-Fernandes</i>	119
Fazes-nos falta, Tozé <i>Manuel Mota</i>	123

SUMÁRIO

Um Reitor Amigo e Um Companheiro de Viagem <i>Manuel Sousa Fernandes</i>	125
Do Tetris a Confúcio <i>Maria Madalena Araújo</i>	127
Professor Guimarães Rodrigues: o exemplo que moldou a minha carreira académica <i>Maria Sameiro Carvalho</i>	131
Guimarães Rodrigues: exemplo de integridade, exigência, rigor e ética <i>Paulo Cruz</i>	133
Tributo de homenagem a António Guimarães Rodrigues <i>Pedro Bacelar de Vasconcelos</i>	137
Um Reitor único e irrepetível... um amigo genuíno dos estudantes <i>Pedro Couto Soares</i>	141
O timoneiro Guimarães Rodrigues: O Reitor e um amigo <i>Roque Teixeira</i>	145
Guimarães Rodrigues: Um Exemplo Ímpar de Civismo <i>Rui Guimarães</i>	147
Professor António Guimarães Rodrigues: In Memoriam <i>Sérgio Machado dos Santos</i>	149
Professor António Guimarães Rodrigues, o ‘velho sábio’, um ‘velho amigo’ <i>Vasco Leão</i>	153
As Minhas Memórias de Guimarães Rodrigues <i>Wladimir Brito</i>	155
Fotos.....	161

NOTA BIOGRÁFICA DE ANTÓNIO JOSÉ MARQUES GUIMARÃES RODRIGUES

António Guimarães Rodrigues, casado e com 3 filhos, nasceu a 7 de setembro de 1950, em Lourenço Marques, Moçambique. Frequentou o Liceu Salazar e em seguida a Universidade de Lourenço Marques, tendo-se licenciado em engenharia mecânica em 1972. Foi contratado como auxiliar de investigação pela Universidade de Lourenço Marques em 1972. Posteriormente, em 1973, foi contratado como assistente eventual da mesma Universidade.

De agosto de 1973 a fevereiro de 1975 cumpriu o serviço militar obrigatório em Moçambique, rescindindo o seu contrato com a Universidade de Lourenço Marques em dezembro de 1974.

Foi contratado pela Universidade do Minho, como assistente eventual e integrado na Unidade Científico-Pedagógica de Ciências Exatas e Tecnologias e no Centro de Investigação de Ciências e Engenharia de Sistemas em setembro de 1975.

Foi bolseiro da INVOTAN no período de outubro de 1976 a junho de 1980, em Inglaterra, tendo concluído o Mestrado em Investigação Operacional na Universidade de Birmingham em 1978 e o Doutoramento em Engenharia de Produção, também na Universidade de Birmingham, em junho de 1980. Em novembro de 1978, na situação de bolseiro no estrangeiro, foi contratado como assistente da Universidade do Minho.

Regressado à Universidade do Minho, reiniciou a sua atividade docente em setembro de 1980. Em novembro de 1980 o seu grau de PhD foi considerado equivalente ao grau de doutor em Engenharia de Produção (Especialidade em Ciências de Computação) pela Universidade do Minho. Foi contratado como professor auxiliar a partir de novembro de 1980. Em julho de 1985, em cumprimento das disposições do ECDU, submeteu o seu relatório de atividade para nomeação definitiva, tendo sido contratado como professor

auxiliar de nomeação definitiva a partir de novembro de 1985. Ainda em 1985, submeteu provas documentais a concurso aberto pela Universidade do Minho para provimento de uma vaga de professor associado no grupo disciplinar de Otimização e Investigação Operacional. Foi contratado como professor associado de nomeação definitiva a partir de maio de 1986. Em dezembro de 1995 apresentou-se a provas de agregação no grupo disciplinar de Engenharia de Sistemas e de Processos Industriais do Departamento de Produção e Sistemas, no âmbito científico da Otimização e Investigação Operacional, tendo sido aprovado por unanimidade. Foi provido como Professor Catedrático de Nomeação Definitiva em julho de 1996.

Foi Vice-Presidente da Escola de Engenharia nos anos de 1995 e 1996. Em novembro de 1996 foi eleito Diretor do Departamento de Produção e Sistemas, desempenhando essa função em acumulação com a Vice-Presidência da Escola até novembro de 1996. Foi eleito para a Presidência da Escola para o biénio 1997-1998, e para o biénio 1999-2000.

Entre 2000 e 2001 foi Pró-Reitor da Universidade do Minho, tendo sido eleito Reitor da mesma Universidade em 2002, cargo que exerceu até 2009.

Em 2014 recebeu a Medalha de Ouro de Mérito Municipal da Câmara de Braga.

Professor Emérito da Universidade do Minho, onde desenvolveu a maior parte da sua carreira académica, António Guimarães Rodrigues, faleceu no dia 5 de novembro de 2023. Detentor de uma forte personalidade, rigor e sentido de justiça, dedicou a sua vida ao desenvolvimento da Instituição em que escolheu trabalhar e onde, no desempenho das suas funções, investiu o melhor do seu tempo e esforço.

Em 29 de fevereiro de 2024, foi condecorado pelo Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa, a título póstumo, com o grau de Grande-Oficial da Ordem da Instrução Pública.

PREFÁCIO

António Guimarães Rodrigues foi Reitor da Universidade do Minho num tempo decisivo, devido a uma série de reformas impostas às universidades pelo poder político: as alterações de Bolonha (2005-2006), a acreditação e avaliação do ensino superior (2007) e, sobretudo, o Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior (2007).

Foram anos duros, marcados também por grandes cortes orçamentais, que colocaram as universidades numa situação difícilíssima. António Guimarães Rodrigues foi um dos reitores que esteve à altura das suas responsabilidades, na defesa da autonomia das universidades, da sua “alma”. E, como escreveu recentemente Alberto Amaral, reitor da Universidade do Porto entre 1985 e 1998, “a alma das universidades deve ser defendida a todo o custo”.

Criada em 1973-1974, a Universidade do Minho fez um percurso extraordinário nas primeiras décadas da sua história. Em pouco tempo, afirmou-se como uma das principais universidades portuguesas, com dimensão europeia e internacional. Para este feito muito contribuiu o talento e o carácter dos seus mais altos responsáveis, nos quais se inclui, plenamente, o reitor António Guimarães Rodrigues.

A Universidade do Minho conseguiu um enraizamento notável na região, mas sempre com os olhos postos no país, na Europa e no mundo. Miguel Torga disse-o numa única frase: “O universal é o local sem as paredes”. Um dos lemas adotados por António Guimarães Rodrigues, como se recorda em vários testemunhos publicados neste livro, foi, justamente, “uma universidade sem muros”. Esta ambição traduziu-se também num trabalho de referência no domínio do “open access” e da “open science”.

Leio nos testemunhos deste livro a admiração de amigos e colegas por António Guimarães Rodrigues – pelo homem, pelo académico, pelo reitor. Merecidamente. Leio também a gratidão e o reconhecimento dos estudantes, que são a razão de ser de uma universidade. São muito marcantes os textos dos quatro Presidentes da Associação Académica da Universidade do Minho

no período dos seus mandatos, quando a lei impôs uma menor representação dos estudantes nos órgãos de governo das instituições. Ainda assim, todos referem a abertura e sensibilidade de António Guimarães Rodrigues, que consideram “o Reitor dos Estudantes”.

Recordo António Guimarães Rodrigues com saudade, como um homem sereno, com grande força e determinação. Não se deixou enganar. Lucidamente, resistiu ao canto de várias sereias. Honrou a universidade.

Num texto célebre, George Steiner escreve que as universidades são bichos frágeis, mas tenazes. A sua existência inscreve-se na duração longa dos séculos, e não no tempo breve de acordos e oportunismos.

Em António Guimarães Rodrigues vejo a tenacidade de universidades que atravessaram séculos e continuam a ser instituições indispensáveis para o futuro da humanidade.

António Sampaio da Nóvoa

ANTÓNIO GUIMARÃES RODRIGUES. UM REITOR NO SEU TEMPO

Rui Vieira de Castro

Reitor da Universidade do Minho

1.

Para um Reitor, falar de um seu predecessor é um exercício de risco, porque pode resvalar para uma prática laudatória, mais ou menos acrítica, exercício que não honra quem dele é objeto, ou, e tal não é menos indesejável, para a realização de uma operação analítica frágil porque o modo como um Reitor interpreta o seu papel é largamente determinado por circunstâncias de contexto nem sempre facilmente acessíveis.

Consciente deste risco, quis, ainda assim, escrever este texto sobre o Professor António Guimarães Rodrigues, e fazê-lo no registo que nele adoto. Faço-o em nome de um valor essencial, que é o do reconhecimento do trabalho que desenvolveu em prol da Universidade do Minho, designadamente enquanto Reitor, função que desempenhou entre 2002 e 2009, com elevado sentido institucional e enorme compromisso, num momento particularmente exigente para a Instituição.

2.

A chegada do Professor Guimarães Rodrigues à Reitoria da Universidade e o seu exercício como Reitor, que se segue à sua experiência como Presidente da Escola de Engenharia, entre 1997 e 2000, e a um curto mandato como Pró-reitor, ocorre num período marcado por mudanças importantes nas políticas públicas e na regulação do ensino superior em Portugal.

É durante o seu mandato que, em 2007, é publicado o Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior (RJIES), o documento que, depois da

publicação da Lei da Autonomia Universitária em 1988, mais profundas e perenes mudanças introduziu na organização e funcionamento do setor.

O período em que dirige a Universidade do Minho é também aquele em que começam a ter efetivos impactos, no sistema e nas suas instituições, as orientações que valorizavam o papel do ensino superior e da investigação na promoção do desenvolvimento económico, social e cultural do País e das suas regiões.

É, ainda, o período em que o Processo de Bolonha conhece um decisivo impulso; a promoção da coerência e comparabilidade entre os sistemas de ensino superior europeu, a maior valorização da mobilidade académica e da empregabilidade dos graduados, a colocação dos estudantes no centro do processo de aprendizagem e a promoção da qualidade dos processos de avaliação e acreditação vão induzir alterações profundas no ensino superior português.

Na *História da Universidade do Minho*, Rita Ribeiro situa no início do século XXI o momento em que, ultrapassadas “as fases de criação, expansão e consolidação, ocorre a reorientação de objetivos, seguindo agora os ditames da internacionalização, excelência e diferenciação” (p.183)¹.

António Guimarães Rodrigues assume, pois, a liderança da Universidade num momento exigente. São visíveis, no seu mandato, preocupações e objetivos que decorrem das novas circunstâncias nacionais e europeias, bem como das tensões e indefinições relativas aos sistemas de ensino superior e investigação em Portugal. Preocupações e objetivos que resultam também de *um olhar próprio* sobre os temas que entendia serem relevantes na agenda académica; tendo como *alma mater* a Universidade de Lourenço Marques, por isso partilhando um caldo de cultura universitária comum aos fundadores da Universidade do Minho, ele é, no entanto, o primeiro Reitor que não provém da sua Comissão Instaladora.

3.

Não cabendo, neste texto, uma análise dos mandatos do Reitor Guimarães Rodrigues, nele procurarei identificar, a partir de alguns dos seus

¹ Ferreira, Fátima (Coord.). 2014. *História da Universidade do Minho 1973/1974-2014*. Braga: Universidade do Minho e Fundação Carlos Lloyd Braga.

discursos², aspetos do seu modo de entender a Universidade, o seu governo e a sua evolução, centrando-me em dimensões como a autonomia universitária, o financiamento da Universidade do Minho pelo Estado, o papel da Instituição na promoção do desenvolvimento regional e as mudanças mais valorizadas na organização e funcionamento da Universidades.

3.1. A autonomia da instituição universitária é um objetivo sempre perseguido, que mesmo quando (imperfeitamente) atingido, está sempre em risco. Matéria presente nos discursos do Reitor Guimarães Rodrigues, a autonomia universitária é entendida como desiderato fundamental da Universidade – *A limitação ao pleno exercício da autonomia universitária traduz-se em prejuízo para a gestão das instituições e para o cabal cumprimento da sua missão*, sendo, por isso, necessário *que a autonomia seja restaurada e ampliada* (2005).

O reforço da autonomia universitária aparece, aliás, inscrito como objetivo primeiro do plano da sua ação como Reitor, uma autonomia entendida *como um direito que se adquire pela demonstração da capacidade para o seu exercício e não como um privilégio concedido* (2006).

O valor da autonomia institucional confronta-se sempre com aquelas que são as circunstâncias concretas em que a Universidade opera e com as condições que lhe são oferecidas para a concretização da sua missão. Neste particular, a escassez de recursos financeiros disponibilizados pelo Orçamento de Estado era um *topos* nos discursos do Reitor Guimarães Rodrigues; falar das dificuldades com que a Instituição se confrontava significava *falar do reduzido e insuficiente orçamento de estado* (2004), que foi sendo objeto de cortes sucessivos, fosse em 2004, fosse em 2009; neste contexto, fazia notar que a cativação das receitas próprias *não só penaliza o esforço desenvolvido pelas instituições, como afeta, a ponto de inviabilizar, o desenvolvimento de orientações estratégicas apoiadas por financiamento programático* (2006).

² Para este exercício, considerei os seguintes discursos, publicados na obra AAVV. 2024. *Os discursos dos reitores (1974-2023)* UMinho Editora: Discurso do Reitor, António Guimarães Rodrigues, Tomada de Posse, 2002; Discurso do Reitor António Guimarães Rodrigues no Dia da Universidade, 2004; Discurso do Reitor António Guimarães Rodrigues no Dia da Universidade, 2005; Discurso do Reitor António Guimarães Rodrigues na Tomada de Posse, 2006; Discurso do Reitor António Guimarães Rodrigues no Dia da Universidade, 2009. No texto, estes discursos são referenciados pelo ano em que foram proferidos.

Em contexto de crítica de um modelo de atribuição de orçamento que recusa a adoção de *critérios de efetiva avaliação normalizada do desempenho das instituições*, denuncia-se o reforço de um “*modelo gravitacional*” para a *distribuição enviesada de um financiamento global previamente fixado para as Universidades* (2005). A Universidade do Minho, nesta circunstância, é duplamente penalizada, seja em resultado do subfinanciamento generalizado do subsistema universitário, seja da adoção de *critérios de financiamento que alternando e evoluindo no tempo entre as regiões periféricas e ultraperiféricas e o litoral discriminam negativa e cumulativamente, por omissão [a Universidade]* (2004).

A introdução de fatores de coesão, na fórmula de financiamento das instituições de ensino superior (IES), foi identificada como um fator de agravamento da situação financeira da Universidade do Minho; neste particular, sustenta-se que *sendo o ‘financiamento da coesão’ normalmente ditado por fatores associados à localização das Universidades, ele reveste contornos eminentemente políticos, não devendo por isso ser incorporado no orçamento normal do Ensino Superior* (2006). Recorde-se, de caminho, que este mesmo argumento foi retomado em debates recentes que tiveram lugar em torno do modelo de financiamento das IES.

Circunstâncias como esta, a que acresceram, em determinado momento, novos encargos financeiros decorrentes de atribuições, não compensados, com os mecanismos de segurança social, assim como uma permanente prática de não reembolso atempado de compromissos financeiros das agências que fomentam a investigação científica *impuseram condições de extrema limitação ao funcionamento e à atividade da Instituição*, que chegaram a conduzir à publicitação de projeções que apontavam *para a impossibilidade da Universidade garantir a cobertura das remunerações dos docentes e funcionários* (2009). A este propósito foram deixados registos que ainda hoje devem ser recordados – *A evidência da qualidade da atividade desenvolvida pela Universidade, que lhe granjeia o continuado reconhecimento, não deve diluir a noção sobre o prejuízo que lhe foi imposto* (2009). Refira-se, de caminho, que apenas em 2022, em sede de preparação do orçamento para 2023, foi explicitamente reconhecido pela tutela o défice anual de financiamento de que a Universidade foi sendo objeto; a diferença entre as dotações iniciais previstas para 2022, que eram de 71,4 milhões de euros, e aquelas que deviam resultar da aplicação da

fórmula então em vigor foi identificado pelo Ministério com estando acima de 17 milhões de euros. Esta foi a ordem de grandeza dos prejuízos que nos foram sendo impostos ao longo do tempo.

A resposta da Universidade ao quadro adverso identificado pelo Reitor Guimarães Rodrigues passou por *uma gestão criteriosa, cumprindo fatores de desempenho de gestão únicos*, mas também por *denunciar publicamente a sistemática discriminação negativa* da Universidade do Minho, para o que se apelava *às forças políticas para a defesa desta Instituição que contribui de forma direta e determinante para o desenvolvimento da Região* (2005). Este apelo à mobilização da Região em defesa da Universidade era o contraponto desejado do esforço e das ações efetivas que a Universidade vinha protagonizando, atuando como motor de desenvolvimento do Minho como “região de conhecimento”.

3.2. A Estratégia de Lisboa, formalizada pela União Europeia em 2010, tinha como objetivo transformar a economia europeia na mais dinâmica e competitiva do mundo. Nesta estratégia, atenção particular era dada ao papel do conhecimento, à inovação, à coesão social e à sustentabilidade ambiental.

A Estratégia de Lisboa é explicitamente convocada pelo Reitor Guimarães Rodrigues no seu discurso de tomada de posse, em 2002, e retomada em discursos posteriores. É particularmente sublinhada a importância das “regiões de conhecimento”, na *tradução das políticas europeias e nacionais e na concretização de projetos regionais de índole estratégica, envolvendo os agentes académicos, políticos, económicos, associativos, financeiros, etc.* (2005).

É neste contexto, que formula uma das suas propostas mais ousadas – *a Universidade do Minho deve situar-se como centro de dinamização de uma estratégia concertada para o desenvolvimento da região* (2002). Assim, em janeiro de 2003, a Universidade do Minho, a Associação Industrial do Minho, os municípios de Braga, Guimarães, Vila Nova de Famalicão e Barcelos firmam um Protocolo de Desenvolvimento Regional. Passado um ano, em janeiro de 2004, os mesmos parceiros, a que se juntam mais 14 municípios e as uniões dos sindicatos de Braga e de Viana do Castelo assinaram um Pacto de Desenvolvimento. O pressuposto em que assentava esta iniciativa era o de que a definição de “*região do conhecimento*”, como *um espaço territorial com*

identidade geográfica e sociocultural, onde se acumulam valências que permitem ‘produzir’ conhecimento, ‘proteger’ e preservar esse conhecimento e ‘propagá-lo’ encontrava correspondência em características do Minho - dinâmica empresarial, indicadores de desenvolvimento científico e tecnológico, [...] projetos [...] em curso nas várias vertentes; tal significava a existência de potencial para, num futuro próximo, se consolidar como uma ‘Região de Conhecimento’ em toda a extensão (2004).

A importância continuamente dada a esta matéria pelo Reitor Guimarães Rodrigues acabou, no entanto, por não encontrar condições de concretização correspondentes à sua concetualização; porventura, o tecido social e económico, por um lado, e a ausência dos instrumentos políticos e financeiros, por outro, impossibilitaram a plena materialização de um projeto que se encontrava em linha com o mandato inicial da Universidade do Minho, que era o de ser um agente ativo na promoção do desenvolvimento integrado da região.

3.3. O segundo mandato do Reitor Guimarães Rodrigues é notoriamente marcado pelo processo de revisão dos Estatutos da Universidade, determinado pela necessidade da sua adequação ao RJIES. Na Universidade do Minho, este vai ser um processo complexo, mas muitíssimo rico, dado que o resultado das eleições para a Assembleia Estatutária, que tiveram uma participação muito importante da academia, se traduziu numa composição do Conselho Geral em que coexistiam, com representação equilibrada, dois projetos distintos para a Universidade. O Reitor Guimarães Rodrigues, que tinha uma visão não necessariamente coincidente com qualquer das perspetivas em debate, geriu com grande cuidado e saber todo o processo, garantindo a convergência do Órgão em torno de uma (re)configuração da Universidade que se manteve no essencial até aos nossos dias; uma exceção nesta permanência foi a passagem da Universidade para o regime fundacional, uma opção de que não era grande entusiasta.

No seu discurso do Dia da Universidade de 2009, sintetiza, de forma curiosamente não judicativa, a conclusão do processo de revisão – *A Assembleia Estatutária, constituída de acordo com a Lei nº 62/2007, concluiu a elaboração do Projeto de Estatutos, que veio a ser aprovado a 5 de julho.*

A Assembleia Estatutária voltou a reunir em 3 e em 22 de setembro para avaliar recomendações sugeridas pelo MCTES. Os Estatutos vieram a ser homologados e publicados em Diário da República a 5 de dezembro (2009).

Foi também durante o mandato do Reitor Guimarães Rodrigues que a Universidade levou a cabo um dos mais importantes processos de reorganização do conjunto da sua oferta educativa, no quadro da concretização do Processo de Bolonha. A sua posição era assertiva face ao que estava em causa: este processo, afirmou, *no que tem de essencial – a evolução do paradigma de ensino/aprendizagem – receberá atenção reforçada na análise das experiências-piloto desenvolvidas em 2004 e na sua ampliação durante 2005 (2005)*. Para a Universidade, pretendia-se que, na sequência daquelas experiências, *a reformulação da oferta formativa [...] se traduz[isse] na efetiva implementação das metodologias de ensino-aprendizagem orientadas à aquisição de competências (2006)*; pretendia-se também que a Universidade prosseguisse na definição de um modelo de formação que permitisse a *permeabilidade, acreditação e creditação da formação e competências adquiridas em percursos não formais*, ainda e sempre considerando a experiência que a Universidade vinha acumulando *na formação de novos públicos e no ensino formal (2005)*.

A proposta para o desenvolvimento da oferta educativa da Universidade, neste contexto, é clara – *deve abrir-se e atrair novos públicos e organizar uma cadeia sequencial de formações conducentes a graus e a diplomas, assegurando diversos formatos de formação e níveis de qualificação (2006)*. Deve, por outro lado, apostar *em plataformas, metodologias e conteúdos de e-learning, [...] favorecendo a inovação pedagógica dos docentes e estimulando a aprendizagem autónoma por parte dos alunos*, correspondendo a estes objetivos *experiências concretas de inovação nos processos de ensinar, aprender e avaliar (2006)*.

A aposta feita numa transição rápida no âmbito do processo de Bolonha era realizada com a consciência de que tal exigiria *um forte investimento científico pedagógico e financeiro e constituirá pano de fundo da vida da instituição por um período de tempo que se estenderá para além de 2010 (2006)*.

Na dimensão da organização e funcionamento institucionais, uma área que vai ser objeto de particular atenção nos mandatos do Reitor Guimarães Rodrigues é a digitalização dos processos administrativos e pedagógicos da Universidade. Neste âmbito cabe destacar as iniciativas relacionadas com *a consolidação e permanente atualização das comunicações digitais bem como [a]*

ampliação do sistema de informação, dando sequência aos desenvolvimentos iniciados em 2002 e ao forte investimento realizado em 2004 e 2005 no âmbito do ‘Campus virtual’ (2006).

Com impacto nos domínios da educação e da investigação, é marcante o impulso dado ao acesso aberto à produção científica através da criação pioneira, em 2003, do primeiro repositório institucional em língua portuguesa, o RepositóriUM; a que se seguiu, em 2005, a formalização da política de autoarquivo da produção científica.

No seu pensamento e na sua ação, o Reitor Guimarães Rodrigues dedicou, também, particular atenção ao tema da qualidade e da garantia da qualidade dos projetos da Universidade - *A Universidade do Minho manterá o seu permanente investimento na Qualidade dos seus projetos de ensino e na valorização dos seus diplomados (2006)*, objetivo que aparecerá associado ao desenvolvimento de um ‘Sistema de Garantia da Qualidade da Aprendizagem’.

3.4. Tal como interpreto os seus discursos, a ideia fundamental de Universidade perfilhada pelo Reitor António Guimarães Rodrigues é a de uma Instituição que deveria ser uma *Universidade de referência e com referenciais*.

Nas suas palavras, *acima de tudo, a Universidade tudo fará para que os seus estudantes nela encontrem os referenciais de exigência, de rigor, de tolerância e de solidariedade que, a par da qualidade da sua formação, lhes facultem uma vivência rica e útil para a sua vida futura (2006).*

A Universidade do Minho quer-se *uma Universidade completa e inovadora (2006)*. Para tal, a autonomia representa um valor essencial; como lapidarmente disse, *a Universidade do Minho não tem passado nem passará procuração aos poderes políticos ou corporativos e [...] de nenhum deles aceitará procuração, continuando desta forma a afirmar intransigentemente a sua autonomia (2009).*

4. Tempo agora para notas finais, num registo mais pessoal. O meu encontro com o Professor Guimarães Rodrigues data dos anos iniciais da primeira década do século. Tive, pois, oportunidade de o conhecer sobretudo no quadro da sua ação como Reitor.

Com ele colaborei de perto quando exerci funções como Vice-Presidente do Conselho Académico, um órgão de Governo da Universidade, presidido pelo Reitor, que era uma especificidade do Governo da Instituição, até que o RJIES veio determinar o seu fim, com a natureza e as funções que lhe eram inerentes.

Tive também ocasião de o acompanhar num processo especialmente rico, muito relevante para a Instituição, que foi a primeira avaliação externa institucional a que a Universidade do Minho se submeteu, no quadro do *Institutional Evaluation Programme* da EUA – Associação Europeia de Universidades, orientado para a promoção do desenvolvimento institucional das universidades europeias.

Tive oportunidade, ainda, de com ele interagir na Assembleia Estatutária da Universidade do Minho, que aprovou os Estatutos publicados em 2009, num tempo que foi para mim de grande aprendizagem sobre a organização e funcionamento da Universidade.

Foram três processos particularmente ricos, porque associados a momentos de debate intenso sobre o presente e o futuro da Universidade, sobre bloqueios existentes e perspectivas de desenvolvimento, tendo como fundo um debate sério entre diferentes modos de entender a missão, os objetivos, a organização da Universidade do Minho. Foram momentos que permitiram a estruturação de correntes de pensamento e ação sobre a Universidade que viriam a ter expressão na sua vida futura durante a década e meia seguinte, com um continuado debate sobre “ideias” de Universidade e posições coletivas organizadas não em termos de lógicas puramente reativas ou federadores de descontentamentos avulsos, mas antes assentes em visões e projetos para a Universidade.

Homem de fortes convicções, o Professor Guimarães Rodrigues foi um exemplo de vida dedicada ao desenvolvimento da Instituição em que escolheu trabalhar. Devemos-lhe gratidão e o reconhecimento pelo exemplo que nos legou de serviço à Universidade, à região e a Portugal.

UM LEGADO DE LIDERANÇA E VISÃO NA EEUM

Pedro Arezes

Presidente de Escola de Engenharia

Entrei na UMinho, como aluno de Engenharia de Produção, em 1991. No terceiro ano do curso – no ano letivo de 1993/1994 – por motivos que ainda hoje não conheço com detalhe, o habitual professor da disciplina de Investigação Operacional, Professor Guimarães Rodrigues, não lecionou a disciplina nesse ano. Em vez disso, a disciplina foi lecionada por um colega mais novo que o citava frequentemente e que deixava perceber a admiração que teria pelo seu “mestre”. O professor mais novo era o colega, e atual Pró-Reitor da UMinho, professor Guilherme Pereira.

Apesar de não ter tido a oportunidade de o conhecer na qualidade de docente, quando em 1995 comecei a trabalhar na UMinho, Guimarães Rodrigues era na altura Vice-Presidente da Escola de Engenharia da UMinho (EEUM), cargo que exerceu nos anos de 1995 e 1996. Em novembro de 1996, quando passei a assistente estagiário, recorde-me de ele ter sido eleito Diretor do Departamento de Produção e Sistemas. De 1996 a 1998 frequentei o mestrado em Engenharia Humana, período em que Guimarães Rodrigues foi eleito para a Presidência da Escola (biénio 1997-1998), com os Vice-Presidentes António Sousa Miranda e Manuel Mota. Quando me encontrava a realizar o meu doutoramento, Guimarães Rodrigues foi eleito para o segundo mandato na Presidência da Escola (biénio 1999-2000) com os Vice-Presidentes Manuel Mota e José Covas. A descrição destes percursos, o meu e do Guimarães Rodrigues, permite perceber que o seu papel na liderança da Escola esteve sempre muito presente ao longo do meu próprio percurso académico.

Como o próprio referiu, no livro da História da Escola de Engenharia, que coordenou e publicou em 2000, Guimarães Rodrigues entendia que a

Presidência não era uma função, mas *“uma missão que se “veste” por inteiro*”. De facto, essa é a imagem que julgo que irá permanecer dele na academia: um colega, um professor, um presidente e um reitor que se dedicou, por inteiro, às funções que assumiu. Sobre as motivações que o levaram a candidatar-se à presidência da EEUM, e para além da potencial influência da anterior equipa da presidência (da qual foi vice-presidente), creio que Guimarães Rodrigues terá sido motivado pela ampla noção do enorme potencial reunido no seu corpo de docentes e funcionários, referindo mesmo que esse potencial *“manifestando-se de forma efervescente e criativa, representava simultaneamente uma complexidade acrescida para a condução da Escola mas, e essencialmente, representava uma riqueza intrínseca de oportunidades e de um campo alargado de actuação”*.

É incontestável, para quem interagiu ou conviveu com ele, que Guimarães Rodrigues era uma pessoa com fortes convicções, que regeu a sua atuação numa perspetiva de primazia da missão coletiva da Instituição para com o exterior e da simultânea obrigação de criar condições para a realização profissional e pessoal do seu corpo de docentes, funcionários e alunos.

Tal como o próprio afirmou, num balanço que fez dos seus mandatos *“(…) a demonstração da mais-valia de uma visão e de uma prática de Escola como Unidade constituiu a linha de fundo que orientou a atuação nos dois mandatos. Procurou-se provar que “o Todo pode valer mais do que a soma das Partes”*. Neste mesmo balanço, expresso no livro da História da Escola de Engenharia já mencionado, Guimarães Rodrigues demonstra outra das qualidades pelas quais é amplamente reconhecido, o rigor, afirmando *“... o exercício da Presidência da Escola exige atenção permanente. Cada atitude e decisão adquire dimensão própria, e é julgada em tempo real, de forma decisiva e implacável. Apenas a adopção de referenciais simples e sólidos permite sobreviver a este exercício de patinagem em gelo fino.”*

Não me é possível, em tão reduzido espaço, mencionar que iniciativas por ele lideradas, enquanto Presidente da EEUM, considero terem sido mais decisivas para o percurso e história da EEUM, mas gostaria de sublinhar como alguns dos seus objetivos estão intrinsecamente associados ao carácter do professor Guimarães Rodrigues: a responsabilidade e a responsabilização, a auscultação, o rigor e a transparência, a capacidade de análise e pensamento estratégico, a liderança sistémica e integrativa, a gestão democrática e

participada, a ambição de elevar a imagem da Escola de Engenharia no panorama nacional e internacional.

Relembro, então, alguns dos objetivos definidos para o seu primeiro mandato, como o reforço da autonomia e responsabilização dos órgãos de gestão da Escola, o reforço do rigor e transparência dos processos, o desenvolvimento de reflexão ao nível da Escola e dos Departamentos - traduzida num exercício que se designou por Workshop 99 - a definição de valências e missões, o estabelecimento de orientações estratégicas, a criação do Departamento de Sistemas de Informação, o desenvolvimento de ferramentas de apoio à gestão e à tomada de decisão, entre muitos outros. Já para o segundo mandato, os objetivos eram a realização do Workshop 99, o desenvolvimento de procedimentos de afetação de recursos em sintonia com as definições estratégicas, a promoção da identidade da Escola, o desenvolvimento de estruturas de investigação e desenvolvimento, o enquadramento da prestação de serviços especializados, o desenvolvimento de um modelo unificado de ensino graduado e pós-graduado, a revisão do Regulamento da Escola de Engenharia, a criação de Conselhos Consultivos de projetos de ensino, entre muitos outros.

Outras iniciativas aqui não elencadas foram fulcrais para uma gestão mais eficiente da Escola, dos seus processos e serviços, nomeadamente, o apetrechamento dos serviços de apoio à Presidência e dos Departamentos com equipamento informático; a criação de uma página web da Escola de Engenharia ou a criação de um Gabinete Informático de apoio à Escola.

E estando a EEUM a comemorar em 2025 os seus 50 anos, considero oportuno referir algumas iniciativas importantes levadas a cabo em 1995, pelo então Presidente da EEUM, a pretexto da comemoração dos 25 anos de atividade da Escola. Nessa altura, e para este efeito, a Presidência da EEUM elaborou um programa ambicioso com eventos ao longo de todo o ano, em que foram debatidos temas fundamentais à definição da missão das Universidades, e um programa paralelo de semanas temáticas organizadas pelos vários Departamentos que permitiu a divulgação e promoção das áreas de competência em engenharia.

O conjunto de todas as ações desenvolvidas contribuiu para uma visibilidade permanente da Escola, dos Departamentos e da Universidade na comunicação social. A produção do livro de História da Escola de Engenharia (que referi antes e do qual retirei muitos dos excertos e referências deste

texto) e a criação da Galeria de ex-Presidentes promoveram a consciência da identidade da EEUM. Todas estas iniciativas representaram um investimento significativo, financeiro e de trabalho, mas traduziram também a visão e a ambição de Guimarães Rodrigues: o reconhecimento da necessidade de divulgação concertada da Escola e das suas atividades, posicionando-a entre as melhores a nível nacional e internacional.

Guimarães Rodrigues referiu ainda que *“o significado e a repercussão da ação desenvolvida nos dois mandatos só será suscetível de uma avaliação crítica isenta dissociada da opinião de quem se identificou com essa ação. Deveria também ser feita distanciada no tempo”*. Sem pretensão de poder fazer aqui esta avaliação crítica e detalhada do seu trabalho, creio que hoje, como presidente da EEUM, poderei a esta distância perceber que a nossa Escola lhe deve muito do seu progresso, motivo pelo qual lhe estaremos sempre gratos e reconhecidos.

AGR: EXEMPLO MAIOR DE ENTREGA, DEDICAÇÃO E COMPROMISSO

Paulo Sampaio

Director do Departamento de Produção e Sistemas da
Escola de Engenharia da Universidade do Minho
Coordenador do Livro

Escrever sobre o Professor Doutor António Guimarães Rodrigues, Catedrático do Departamento de Produção e Sistemas da Escola de Engenharia da Universidade do Minho, é, sem dúvida, um exercício que impõe grande responsabilidade. Contudo, aventurei-me nesta tarefa, deixando as palavras fluírem “ao sabor da pena”.

Guimarães Rodrigues: o Professor, o Orientador, o Chefe, e, acima de tudo, o Amigo. Esta foi a sequência de papéis que ele assumiu na minha vida.

O Professor. O meu primeiro contacto com o Professor Guimarães Rodrigues ocorreu no ano de 1999, quando tive a honra de o ter como docente das aulas teóricas da cadeira anual de Investigação Operacional – o mítico “cadeirão” do curso de Engenharia de Produção. Desde o primeiro instante que senti uma profunda admiração e fascínio pelo Homem que se encontrava diante de mim. Ser seu aluno era, sem dúvida, um privilégio. As suas aulas iam muito além da simples transmissão de conteúdos curriculares; eram repletas de histórias e experiências de vida – dos tempos de Moçambique, de quando queria ser astronauta, de como foi parar a Engenharia Mecânica, entre muitas outras – enriquecendo cada momento de forma ímpar. Lembro-me particularmente dos célebres acetatos, onde, de forma magistral, mas “ao vivo e a cores”, resolvia problemas de programação linear, utilizando o algoritmo Simplex, enquanto explicava, de maneira clara e envolvente, a teoria subjacente – certamente conseguem imaginar a “obra de arte” com que nos íamos deparando e que resultava no final. Obviamente que ninguém, quando a aula terminava, conseguia perceber o que estava no acetato... De tempo a

tempo lá nos dizia... “Vamos fazer um intervalo”. Esses momentos de pausa eram passados na entrada do anfiteatro, acompanhados pelo cigarro e por uma conversa cativante. Estes foram também os anos em que AGR – forma como era conhecido e uma das formas como frequentemente assinava – era Presidente da Escola de Engenharia, sendo que dizia muitas vezes que as aulas eram o momento onde conseguia relaxar do intenso trabalho em que estava mergulhado enquanto Presidente. Certo dia, já não me recordo quando, houve um evento na Escola, tenho na minha memória que era um evento importante, e o Professor não nos conseguiu avisar a tempo de que não conseguiria dar a aula. Porém, na porta do anfiteatro, encontramos um bilhete simples, mas revelador da sua preocupação para conosco: “Hoje não posso dar aula. Peço desculpa por não vos ter avisado mais cedo”. Um gesto aparentemente pequeno, mas que espelhava o respeito e a consideração que nutria pelos seus estudantes.

O Orientador. Em 2003, enquanto ponderava dar o próximo passo na minha formação académica e doutorar-me, enfrentei os desafios típicos de quem não integrava a carreira universitária. A minha única hipótese de prosseguir seria através de uma Bolsa de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Todavia, para tal, precisava de encontrar um orientador, alguém que fosse uma autoridade na área da Engenharia e Gestão Industrial, na Universidade do Minho – a única universidade onde pretendia realizar o doutoramento. Foi então que, por intermédio do Guilherme Augusto Borges Pereira, que estabeleceu essa ponte, tive a sorte de reencontrar o Professor Guimarães Rodrigues, desta vez numa fase distinta da minha vida. Em outubro de 2004 começámos uma nova viagem, na companhia do Pedro Saraiva, da Universidade de Coimbra, no papel de co-orientador. Este período, de grande intensidade, coincidiu com o fim do primeiro mandato de Guimarães Rodrigues como Reitor e abrangeu quase todo o seu segundo mandato, terminando em dezembro de 2008. Durante este tempo tive o privilégio de aprender e crescer como investigador, mas também ter lições inestimáveis sobre a vida académica e o serviço público. As nossas conversas, inicialmente focadas no desenvolvimento da minha investigação, rapidamente evoluíam para temas mais abrangentes, desde a vida da Universidade até à política universitária, despertando, aos poucos, em mim, o gosto pela dimensão da gestão académica. Neste período, tive também a oportunidade,

enquanto Presidente do Núcleo Alumni de Engenharia e Gestão Industrial da Universidade do Minho, de homenagear o Professor Guimarães Rodrigues, reconhecendo-o como o primeiro Sócio Honorário do Alumni EGIUM. Recordo, no seguimento do jantar em que esse reconhecimento teve lugar (na Quinta de Castelões, Guimarães), noite já avançada e em que todos os convidados já tinham ido embora, permanecemos a conversar até altas horas da madrugada. Estava apenas eu (o “puto”, como me apelidavam...), o Guilherme, o António Maria Vieira Paisana e o Chefe, numa conversa (eu a essencialmente a ouvir e a aprender) sobre a Universidade e os seus desafios, no âmbito de um dos projetos marcantes da vida da instituição – a constituição da Assembleia Estatutária que viria a trabalhar no processo de revisão dos estatutos da Universidade e adaptá-los à luz do Regulamento Jurídico das Instituições de Ensino Superior (RJIES) que tinha sido, na altura, publicado. A visão do Chefe, sempre à frente do seu tempo, era ouvida com grande atenção. Esses momentos eram autênticas lições de vida académica, das quais guardo memórias preciosas.

O Chefe e o Amigo. Não houve um momento específico que marcasse a transição para o papel de Chefe e Amigo. Desde cedo que vi o Professor Guimarães Rodrigues como mais do que um académico – ele era um amigo e uma referência inestimável. Para todos aqueles que tiveram o privilégio de privar de perto com ele, era o AGR, o Chefe, o Professor, o Reitor... o Velho Sábio, como tão bem o descreveu Vasco Leão no seu texto. Para nós, que o conhecíamos de perto, o Chefe era um gigante, uma presença imponente nas nossas vidas.

Sempre considerei que a melhor forma de homenagear um académico da sua estatura seria através de um livro que explanasse o seu contributo para o desenvolvimento da Universidade do Minho e do ensino superior em Portugal e, ao mesmo tempo, perpetuasse e desse a conhecer, às gerações mais novas, o seu legado. Foi numa tarde chuvosa de fevereiro de 2024, num daqueles domingos de “sofá”, enquanto lia uma obra em homenagem ao Presidente Jorge Sampaio, que a ideia de editar um livro dedicado ao Professor Guimarães Rodrigues ganhou forma. A intenção era clara: convidar os amigos do Chefe a contribuírem, de forma a eternizar a sua história e o impacto que ele teve nas nossas vidas.

Este livro foi enriquecido com a colaboração de colegas e amigos que, em diferentes momentos das suas vidas, tiveram o privilégio de trabalhar com o Professor Guimarães Rodrigues, no Departamento, na Escola ou na Reitoria. Em todos os contributos é palpável a presença do AGR, assim como o orgulho e a saudade com que escrevem sobre as vivências que partilharam com ele. Não posso deixar de agradecer a todos os que prontamente aceitaram o convite para participar nesta homenagem.

Um agradecimento muito especial à Família, em particular à sua esposa, Lígia, a sua companheira de vida, e que, desde o início, apoiou esta iniciativa de forma incondicional. O primeiro contributo deste livro só poderia ser da sua Família, o seu “núcleo duro”, como a sua filha Raquel tantas vezes menciona. Guimarães Rodrigues era um homem que apreciava os momentos passados à mesa, rodeado pelos seus, e que fazia questão de celebrar a vida com alegria. Foi com emoção que recebi o belíssimo contributo da Família, “da autoria” do seu neto, Tiago José.

Espero que este livro vos faça sorrir, tanto quanto eu sorri ao editá-lo. Não se trata de um tributo melancólico à partida do Professor, do Reitor, do Chefe ou do Amigo, mas antes de uma celebração da sua vida, da sua entrega e da dedicação com que nos presenteou. Tivemos o privilégio de ser moldados por um espírito nobre, que a todos nos ensinou o verdadeiro significado de servir uma causa. O Professor, o Colega, o Fundador, o Amigo António Guimarães Rodrigues será sempre um exemplo maior de entrega, dedicação e compromisso. Que Lição tão grande nos deu e deixou, Chefe!

AVÔ TOZÉ

Meu Querido Avô Tozé

Não tive o privilégio de te conhecer apesar de já estar na barriga da minha mãe quando partiste.

Sinto que te conheci e que vais estar sempre comigo pelo legado que deixaste, por todas as histórias que a nossa família partilha, pelos sorrisos e lágrimas, expressões, momentos bons e maus, pelas memórias que guardamos e a tua presença em tudo o que fazemos.

Há muitos anos contou-nos a tua mãe Maria Teresa e o teu pai Joaquim que foste uma criança feliz, de calção curto e joelho esfolado, correndo livre e brincando na rua por terras de Lourenço Marques onde nasceste, crescestes e viveste até seres jovem adulto. Toda a gente me diz que os teus olhos brilhavam quando falavas de Lourenço Marques, das mangas, do caju, do Piripiri, da Laurentina, das águas cristalinas, dos tempos de adolescente e de universidade, e do encanto dessas terras e dessas gentes.

As tuas irmãs Pitucha e Xirica contaram-nos muitas histórias, para além das partidas que pregavas e que tu próprio nos contaste, destacaram o teu fascínio pela exploração espacial, pela NASA, pela lua e como acompanhaste ao segundo o Programa Apollo; como montaste o teu laboratório no sótão da casa onde construías os teus foguetões e algumas das peripécias nos seus lançamentos. A minha mãe Raquel diz-me que ainda agora tinhas uma enorme curiosidade pelo espaço e que seguiste atentamente a missão do Ingenuity a Marte.

E sabes o que me diz a avó Lígia? Tantas coisas! Recordações de mais de 50 anos de uma vida conjunta. De uma vida plena e rica, recheada de desafios, conquistas e felicidade. Desde jovens universitários ainda em Lourenço Marques, com memórias vivas da vossa viagem de final de curso

pela Europa; a vossa vivência enquanto jovem casal; o vosso casamento; a guerra em Moçambique; o nascimento da minha mãe Raquel; a saída abrupta de Lourenço Marques; os tempos difíceis em Lisboa no pós 25 de abril; a ida para Inglaterra e o teu doutoramento; o nascimento do meu tio André; o regresso a Portugal e a escolha de Braga como porto seguro para o resto da vida; a Universidade do Minho; o nascimento da minha tia Margarida; a construção e consolidação da família; a carreira e os vários sucessos na universidade que culminou como Reitor; a nora e os genros; a aposentação; os netos; os amigos; a doença e como te auto impunhas uma rigorosa disciplina diária para lidar com as limitações que te foi criando. A avó Lúcia conta-me como vivias tudo intensamente, a dedicação e rigor que colocavas em cada tarefa que te propunhas a fazer desde um simples plano de férias até ao CESAR. O teu nome e a tua memória surgem em todas as conversas e nos nossos convívios na vossa casa onde nos continuamos a encontrar quase diariamente e claro, sempre para celebrar os momentos especiais. Todos me falam da forma como gostavas de ver a mesa cheia nas nossas festas familiares.

Alguns momentos únicos incluem as risadas à janela em Birmingham quando algum desgraçado escorregava na neve na esquina da vossa casa; as viagens para o Algarve num Datsun velhinho em que distraias a família com as cantorias para que os miúdos se esquecessem do tempo que ainda faltava para chegar ao destino e os célebres piqueniques na beira da estrada; aquela vez em que vieram de reboque para Santarém ou que o teu carro veio de reboque para Braga porque se enganaram no combustível; as longas caminhadas em Lagos; a épica caminhada em Porto Santo até à Ponta da Calheta e as escaldadelas ao sol; os stresses para arrumar a bagageira quando a bisavó Ascensão vinha com mais um saco de laranjas; as noitadas aos tiros no Command & Conquer; as conversas mais sérias e as grandes decisões e comunicados familiares à mesa da refeição; o respeito e admiração que tinhas pelos teus estudantes, e a forma como os estudantes te reconheciam e te trouxeram para junto deles enquanto Azeituno e membro honorário da AAUM; o teu orgulho (e nosso) pela tua carreira e dedicação absoluta à UM; a tua felicidade e realização quando foste eleito Reitor; os convívios com os estudantes que por altura das janeiras vinham até à vossa casa; os primeiros anos após a tua aposentação e os passeios no Douro e em Espanha; o nascimento dos teus netos e as brincadeiras com eles; os almoços inflamados e

bem dispostos com os teus amigos e ex-colegas de grandes desafios na UM; e tantos outros momentos. A avó Lígia diz-me que tinhas os teus filhos sempre no pensamento e que falavam muito os dois sobre as vossas preocupações com eles, mas sabes Avô? Eles aprenderam convosco e pelo vosso exemplo a tomar conta deles e a cuidar da família como um dos seus bens mais preciosos. Todos sabemos que vias na Avó Lígia o teu pilar e que genuinamente te preocupavas com ela. Não te preocupes que estamos a cuidar bem dela como tu pediste aos meus tios e à minha mãe antes de partires.

Os meus tios André e Margarida e a minha mãe Raquel guardam episódios e histórias de meninos, adolescentes e já adultos que não se esgotam aqui e que demonstram bem como a família era importante para ti, o teu porto de abrigo.

A minha mãe Raquel sempre te admirou e te teve como uma grande referência. Herdou de ti muitas características. Diz-me que teve a sorte de ser a primeira e de ter podido desfrutar de ti mais jovem e mais disponível. Diz-me que eras convicto e rigoroso, generoso, humilde, um líder, um visionário e um bom ouvinte; que tinhas um sentido de humor apurado; que eras um sonhador e tinhas sempre um bom conselho para a ajudar a traçar o seu caminho; e que sempre a incentivaste a arriscar e ir atrás dos seus sonhos. Contou-me como a ajudaste a escolher o curso e como a orientaste no seu percurso; como discutiam as vossas visões da universidade; como tu te zangaste mais recentemente com o ChatGPT que adoravas desafiar mas que te irritava pelas inconsistências; ou como partilhavam as histórias caricatas e experiências das viagens que fizeram ao longo da vida, ou como lhe falavas de Lourenço Marques, onde também ela nasceu, e lhe dizias ‘tens de lá ir para conhecer a tua terra’.

O meu tio André conta-me que andou às turras contigo quando era adolescente, mas se calhar porque vocês tinham feitios parecidos. Diz-me que insistias muito com ele para deixar de fumar, para descansar mais, para moderar o impulso e aproveitar a vida. Conta-me como tu, depois de te aposentares, te dedicaste à construção do CESAR e como contavas com ele para arranjar as peças e para discutir os circuitos. O tio André diz-me que gostavas muito de engenhocas e tecnologia, mas que eras um bocadinho teimoso.

A minha tia Margarida, a rapinha do tacho como tu e a Avó Lígia chamavam, foi quem te teve menos disponível porque tu estavas nessa altura

mais focado na tua carreira e bastante mais ocupado. Conta-me como sempre estiveste preocupado com o futuro dela por ter escolhido uma profissão de desgaste; e como a aconselhavas a procurar formas de criar o seu espaço.

E sabes o que diz a tia Ana, o tio Óscar, o meu pai Paulo e o meu irmão Guilherme? Que tu os acolheste na família de braços abertos; que eras um ótimo conversador e ouvinte; e que sempre que podias também lhes davas conselhos.

Os meus primos Sofia, Leonor, Graça, Pedro e João foram uns sortudos porque puderam brincar contigo, sentar-se no teu colinho, tirar selfies, ouvir as tuas músicas e muitas histórias.

Avô, todos me contaram como foi a tua despedida. O dia em que, após quase uma semana a dormir sem saber o dia de amanhã, te encontraram acordado. A tua expressão era serena e de felicidade por os veres todos lá. Deixar partir é um ato de amor.

Partiste. Uma perda irreparável, mas um descanso merecido depois de anos de uma batalha silenciosa.

A tua missão foi cumprida, as tuas sementes ficaram em todos os que por ti passaram e a tua presença está bem vincada no nosso dia a dia em tudo o que fazemos.

Enquanto as nossas atitudes e comportamentos, as nossas alegrias e tristezas se pautarem por aquilo que aprendemos do teu exemplo, dos teus ensinamentos e do que vivemos contigo, a tua presença será eterna.

Até sempre!

Tiago José

CONTEXTO E GESTAS DE UMA REITORIA

Acílio da Silva Estanqueiro Rocha

Professor Emérito da Escola de Letras, Artes e
Ciências Humanas da Universidade do Minho

I. O CONTEXTO: “ENTRE TEMPOS”

Caminhava o século dois passos...
No ímpeto de cândida ansiedade,
Rompendo por impetuosa tempestade,
Içaram velas arrojados braços!

Com espessas nuvens no horizonte,
Conduziam a nau os “sem sorte”;
Tendo ao leme bravo homem forte,
Achando na viagem viçosa fonte.

Com escolhos e conjuntura estreita,
Mesmo quebrando a mão direita,
Cumprimos a navegação a sorrir!

Navegação laboriosa e com demora,
Espargindo feitos e radiosa aurora,
Em dois mandatos de louco existir...

II. *DAS GESTAS (ALGUMAS):*

1.

Das tarefas mil, várias neste cancionero,
Eis os seis obreiros de dois mil e dois,
Tendo Guimarães Rodrigues como timoneiro.
Então, o ‘Campus Virtual’ não seria para depois,
Pelos espaços dos dois ‘campi’ seria pioneiro,
Paço, Associação Académica e Residências, pois,
Por uma Informação e Conhecimento seguros,
Erguer a ovante “Universidade sem muros”!

2.

Momentosa era a constituição sistémica
De ‘Comissão de Acolhimento’ aos estudantes,
Conjuntamente com a Associação Académica,
Apoio e inserção na Universidade constantes.
E um ‘Portal AlumniUM’ hartado de mnémica,
Para antigos alunos e empregadores importantes.
E foi tal que recebeu, verdadeiramente único,
O ‘Prémio Boas Práticas do Sector Público’.

3.

Urgente para a ‘Qualidade de Ensino’ era um Gabinete,
Pela certificação nacional e internacional da formação,
Alta incumbência, e foi um brilharete.
Antes, porém, em dois mil e dois, a aflição
Longe e fora dos ‘campi’ universitários, se repete,
Abrir as portas da Casa Museu de Monção:
O autarca e monçanenses não queriam Casa fechada,
Esforços se envidaram em laboração redobrada.

4.

O ‘RepositoriUM’ foi uma grande gesta,
Logo em Novembro de dois mil e três,
Único em língua portuguesa, foi festa,
Depois copiado por outros, com validez.
‘Campus Virtual’ e ciência, com entrada manifesta,
Volvido apenas o décimo sétimo mês,
Mais de milhão de ficheiros descarregados
E mais de dez mil acessos abnegados.

5.

A mim me retorquiam de várias bandas:
– “Que esperar de Reitor vindo d’engenharia mecânica,
Do ogre tecnocrata onde cibernética manda?”
Resposta houve, e foi mui orgânica:
Cursos de Filosofia e de Música, ciências duras e brandas,
Design e Marketing da Moda, com dinâmica,
Do Teatro, quase concluído, com ânsia futura,
E autonomia das Escolas de Direito e d’Arquitectura.

6.

Se é tão forte já a componente humanista,
Houve ainda o pulcro Hino da Universidade,
A reedição primeva dos *Lusíadas*, quas’espíritualista,
Grafismo da Universidade com áurea idoneidade,
E de cada Escola com emblemática de artista,
Ampla difusão do ‘Braga digital’, com sumidade,
Extensão do Conselho Cultural a todo o Minho,
E a Orquestra da nossa Universidade com pergaminho.

7.

No acme de tão vasta e profícua laboração,
De parceria entre a Universidade e o Município,
Excedendo cenas de antes sem solução,
Tão propaladas nos ‘media’, com litígio,
Corredores do Paço cheios de caixas, sem consecução,
Mas eis que em Dezembro de 2004, com prestígio,
Para todos e cada um, surpresa certa,
A Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva aberta!

8.

Outubro de 2006 é referência oriental,
Foi a fundação do Instituto Confúcio,
Mui cobiçado por Academia da capital.
Entre ‘Hanban’ e UMinho, um projecto convívio
Em línguas e culturas foi fundamental.
No Palácio do Povo, Dezembro de 2008, o vaticínio
Dentre os vinte melhores, o Galardão de excelência,
Por entre mais de trezentos de existência.

9.

Nos dois ‘campi’ houve novos edifícios,
Engenharias, Ciências Sociais, Educação,
Arquitectura, Direito e Medicina, benefícios,
Obras nos Congregados em adjudicação.
A integração da ESE na UMinho, o início,
É Escola de 1912, de grã maturação,
E ao ensino universitário juntou o léxico
Duma unidade do ensino politécnico.

10.

Na vasta rede europeia de ‘Erasmus’,
Uma das duas Universidades sendo,
Das mais de duas mil que cantam “Gaudeamus”,
‘Selos de Qualidade’ a UMinho se comprazendo
Da Comissão Europeia. E foi com entusiasmo
Que projectos científicos surgiam em crescendo,
Mais de trezentos só em dois mil e sete.
E, assiduamente, o Conselho de Escolas reflecte.

11.

Foi criado ainda o Conselho Estratégico,
Com vultos de egrégia experiência e saber,
Desde o ano de dois mil e cinco foi intrépido
Até Janeiro de dois mil nove resplandecer.
O ‘Pacto de Desenvolvimento Regional’ foi um arquétipo,
Por Governo, Universidade e Sindicatos envolver,
E mais dezanove municípios de todo o Minho,
Para o desenvolvimento e inovação, era o caminho.

12.

Grande labor foi o ‘Relatório d’Auto-avaliação’,
Para a ‘Associação Universitária Europeia’.
Do Centro de Computação Gráfica, então criação,
Foi o primeiro dessa agremiação, dessa teia.
Deu-se o ‘Prémio de Mérito de Investigação’
E o ‘Prémio de Mérito de Docência’, foi ideia
De então, outorgados pela primeira vez.
E novos estatutos se fizeram com intrepidez.

13.

O circumspecto engenheiro que foi Reitor,
Prendado com raciocínio vivaz e criativo
– “More geometrico” –, de que era cultor,
E a flexibilidade devida p’ra ser equitativo.
Reuníamos semanalmente sem teias e com fulgor,
Onde só valia o brio argumentativo,
Fosse qual fosse a ideologia própria, ignorada,
E também a religião de cada um, olvidada.

14.

Na última quinta-feira do mês, de sua autoria,
Almoçávamos em amena e caótica arengada,
Por entre iguaria antes elegida, e doçaria,
E copioso néctar dos deuses regada.
Julho de vinte três, a fraqueza já se imporia,
A ágora de Setembro foi postergada.
Desde 6 de Novembro, a amizade pranteia
Com a saudade dessa vida cheia.

ANTÓNIO GUIMARÃES RODRIGUES (AGR): UM EXEMPLO!

Adolfo Vidal

Diretor de Infra-estruturas e Sustentabilidade Grupo DURIT
Antigo Estudante e Técnico Superior da Universidade do Minho

*E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando:
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.*
Luís de Camões , in Os Lusíadas, canto 1

A dificuldade em começar a escrever este texto, relativamente a quem tanto havia para dizer, é imensa.

Nesta ocasião é impossível não falar em algumas facetas que serão com certeza repetidas por outros, mas que marcaram a presença do Professor AGR na minha passagem de quase 15 anos pela UM.

Desde logo como **aluno** de Investigação Operacional, onde para além das aulas que eram em grande medida um momento de **conversa imensamente enriquecedora** (bem necessária porque a matéria teórica de IO era coisa “pesada”), com as interrupções regulares para o inevitável cigarro, me foi permitido conhecer dois colaboradores próximos dele e com eles construir uma amizade e admiração profissionais - o Guilherme Pereira e o Paulo Sampaio.

Depois, um momento único na minha vida académica e que recordo com imensa saudade... o período de preparação para as **eleições da Reitoria em 2002**. Foi um tempo fantástico de **partilha alargada de ideias**, de **debates intermináveis** até às tantas da noite, a maior parte das vezes na sala da cave da casa do Professor. Para além de ter tornado a frase de Peter Drucker

– *“A melhor forma de prever o futuro, é inventá-lo”* como pedra de toque do caminho que o levaria à Reitoria, o verdadeiro *leitmotiv* da candidatura foi a ideia da **“Universidade sem muros”** que constituiu uma autêntica pedrada no charco naquilo que viria a ser um extraordinário trabalho **de abertura da Universidade à sociedade e à região**, salientando a esse propósito e como exemplo, entre tantos outros, a criação do Quadrilátero Urbano, associação que integrou os Municípios de Barcelos, Braga, Famalicão e Guimarães e ainda entidades como a AIMinho e o CITEVE.

Já como **Reitor**, pude testemunhar a extrema **dedicação à Universidade e à causa pública**, a **honestidade** a toda a prova, a procura constante de **gerir com bom senso e sensibilidade** uma instituição com tantas idiossincrasias (e “egos”) e a importância que dava à **relação com a comunidade académica** (dando especial atenção à interação com os **estudantes**).

A notável **cadência de trabalho** que AGR tinha, “puxava” por quem com ele interagia, sublinhando-se aqui a capacidade de trabalhar recorrentemente até altas horas da madrugada “sem perda”. Aliás, constituía sempre um momento interessante ligar o computador ao início do período de trabalho da manhã e já saber que estariam na caixa de correio eletrónico, 2 ou 3 e-mails de “A. Guimarães Rodrigues” enviados às 5 ou 6 da madrugada!

A extraordinária **capacidade de gestão** nas diversas vertentes e uma inigualável **capacidade de síntese** na apresentação de um qualquer tema, por mais complexo que fosse, eram **características** marcadas de AGR que me servirão sempre de inspiração na minha vida profissional e que, modestamente, tento imitar, sabendo de antemão que nunca conseguirei atingir o seu brilhantismo.

Finalmente, por **detrás** de uma **aparência austera**, AGR tinha de facto uma imensa e profunda **preocupação pelos outros**. Todos aqueles que com ele privaram conheceram bem essa faceta. Debaixo de uma capa de distanciamento (que a figura em termos físicos ajudava a manter), era uma **pessoa atenta aos dramas mais reais** de qualquer membro da comunidade académica.

O período em que trabalhei com AGR permitiu-me **aprender** imenso e **crescer** como **homem** e como **profissional**. E constituiu uma **honra** e um **imenso privilégio** ter com ele privado durante esse período.

Termino deixando a nota de que esta publicação, ao pretender perpetuar para as futuras gerações a memória de AGR, cumpre com distinção o desígnio do Canto 1 dos Lusíadas.

Deixo aqui o meu público agradecimento ao DPS e ao seu Diretor por, em boa hora, se terem lembrado deste ato carregado de simbolismo e prene de emoção.

PROFESSOR ANTÓNIO GUIMARÃES RODRIGUES: UM EXEMPLO QUE PERMANECE

Adriana Lago de Carvalho

Coordenadora e Diretora do Gabinete e dos Serviços de
Relações Internacionais da UMinho de 1998 a 2016

É com grande emoção e enorme gratidão que presto homenagem ao Professor António Guimarães Rodrigues, uma figura ímpar que não só moldou a trajetória da Universidade do Minho, mas também marcou as vidas das pessoas que tiveram o privilégio de trabalhar ao seu lado.

Sinto-me verdadeiramente afortunada por ter merecido a sua confiança e por ter integrado o seu círculo mais próximo, testemunhando de perto a visão e a liderança inspiradoras do Professor Guimarães Rodrigues. Durante os seus mandatos enquanto Reitor, fomos impelidos a abraçar uma cultura de pertença e partilha, caracterizada por diálogos francos, abertos e repletos de respeito e cumplicidade, mesmo quando, ocasionalmente, pensávamos de forma diferente. Ele via e estimulava o potencial individual e coletivo, promovendo um ambiente onde sentia-me desafiada a ousar, a ambicionar e a acreditar que tudo poderia ser possível, e onde todos e todas tínhamos o mesmo peso e a mesma importância.

Para além de influenciar profundamente o meu percurso profissional, o Professor Guimarães Rodrigues esteve presente em momentos marcantes da minha vida, celebrando não apenas conquistas académicas e institucionais, mas também vitórias e realizações pessoais.

O seu compromisso incansável com a excelência foi evidente em inúmeras ações pioneiras, sempre escolhendo o caminho mais desafiador, por ser aquele que garantiria maior sustentabilidade. À luz do seu exemplo, desenvolvemos e reforçamos o genuíno valor do trabalho em equipa, da solidariedade e

do esforço conjunto, questionando constantemente a nossa forma de atuação e buscando sempre o aprimoramento.

Ainda enquanto Presidente da Escola de Engenharia, recordo com carinho o seu olhar terno e as longas conversas nos corredores ou à porta dos nossos gabinetes, no Campus de Azurém, onde o Professor Guimarães Rodrigues não só compartilhava as suas ideias, mas também as suas impressões e expectativas. A sua integridade, princípios e visão estratégica foram e continuam a ser uma fonte de inspiração.

Partilho um episódio emblemático da sua determinação e estilo de liderança, quando em 2003, diante do impasse em que nos encontrávamos relativamente à decisão de avançarmos com a missão quase impossível de preparação das candidaturas ao ECTS *Label* e ao Suplemento ao Diploma *Label*, convocou uma reunião, que proporcionou espaço para um debate acalorado entre as pessoas chave, a que assistia recostado na sua cadeira. O primeiro catálogo de cursos online, em português e em inglês, foi concretizado em tempo recorde, e a Universidade do Minho viu aprovadas ambas as candidaturas, tendo integrado o primeiro grupo restrito de instituições europeias a receber estes importantes selos de qualidade. Fomos coletivamente gigantes! E quantas portas se abriram...

Hoje, ao revisitar esses momentos, sinto uma nostalgia reconfortante. O Professor Guimarães Rodrigues não nos via apenas como profissionais, mas como seres humanos completos, com as nossas emoções, necessidades e potencialidades para gerar impacto e fazer a diferença.

Professor Guimarães Rodrigues, a sua dedicação incansável e o seu espírito inovador deixaram uma marca indelével na nossa instituição e na minha vida. O seu sentido de missão, a sua credibilidade e a sua liderança inclusiva, servidora e assertiva continuarão a nortear e a contagiar o meu percurso. É com profundo respeito e admiração que expresso o meu reconhecimento por ter tido a oportunidade de aprender e crescer consigo.

Com saudade.

“O”
[DETERM. ART. DEF. SING. ML)

Ana Carolina Pires

Secretária do Reitor, Professor Guimarães Rodrigues (2007-2009)

O Silêncio

Não sei se haverá algo melhor para o descrever. Silêncios contemplativos, carregados de significado, que aprendi a decifrar com o tempo. O que significava, por exemplo, quando algum e-mail ficava sem resposta? O último que lhe enviei, informando sobre uma alteração relevante, foi recebido com um desses longos silêncios do Professor. Soube, de imediato, a sua opinião sobre o tema. E, no fundo, soube também que ele tinha razão... Confirmou-se, depois. Mais uma vez, viu longe e claramente aquilo que para os restantes ainda era fosco e dúbio.

O Espaço

Era eu ainda uma recém integrada técnica superior no Gabinete de Relações Públicas da Universidade (agora, Gabinete de Comunicação), tinha como incumbência, entre outras, preparar o dossier de *clipping* de notícias relevantes para o Reitor. Descobri, por acaso, que uma das suas grandes paixões era o Espaço – fascinavam-no as descobertas da NASA, as viagens das sondas que nos mostraram Marte e Vénus nos anos 60 e 70, e as promessas do novo milénio, quando novas missões se preparavam para voltar à Lua e, quem sabe, alcançar Marte. Criar um separador final dedicado a este tema tornou-se a minha forma de contribuir para esse interesse e de o convidar a fazer uma pausa no seu dia. Soube depois o quanto ele apreciava essa pequena compilação.

Quando, por motivos alheios, o tive que deixar de fazer, rapidamente tratou de descobrir o porquê e resolveu a questão.

Apreciava e reconhecia o empenho dos que trabalhavam cá dentro, e não lhe passavam despercebidos os pequenos detalhes.

O Transparente e Coerente

Transparência na gestão pública e coerência - foram estas as suas maiores virtudes como Reitor. Em cada decisão que tomou, manteve-se fiel aos seus princípios, guiado por uma premissa clara: beneficiar a Instituição, sempre, e nunca a si próprio nem aos que lhe eram próximos. Ao invés, tantas vezes ocorreu em que preferiu prejudicar-se para que ninguém pudesse sequer insinuar qualquer favorecimento.

Não escapou ainda assim às calúnias. Enfrentou afrontas inimagináveis, ataques descontextualizados, que feriram não apenas o Homem, mas também a Instituição. Não se deixou abater. Manteve-se firme no seu caminho, fiel às suas convicções. Lembro-me de o ouvir citar frequentemente Martin Luther King, sobretudo na fase final do mandato: “O que me preocupa não é o grito dos maus. É o silêncio dos bons”.

Não se agarrou, depois, ao poder. Com o novo Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior aprovado, embora podendo legalmente terminar o mandato – tal como o fizeram muitos dos seus homólogos, entregou a liderança da Instituição à decisão dos seus pares, num exemplo de respeito pela Instituição e desprendimento que nunca deverá ser esquecido.

O Forte e Resiliente

Nos momentos importantes, estive sempre presente, mesmo quando ausente fisicamente. Não deixava um convite sem resposta e, quando não podia comparecer, fazia questão de enviar mensagens manuscritas, cuidadosamente preparadas.

Nunca se afastava muito do seu ofício. As maiores viagens em trabalho que lhe recordei foram apenas até Lisboa, com a exceção de uma vez em que integrou a comitiva oficial para a China (em reconhecimento por ter sido com ele ao leme que a UMinho recebeu o primeiro Instituto Confúcio português e que criou a Licenciatura em Estudos Orientais) a convite do então Primeiro-Ministro. Nem de gozo de férias – para além de uma semana em família, durante agosto – guardo memória. Fosse onde fosse, ainda assim,

preocupava-se sempre em saber como tinha corrido o dia daqueles que trabalhavam consigo.

Foi ele quem lançou o primeiro website da UMinho, ainda como pró-reitor; foi ele que teve a coragem de “tirar da gaveta” o estudo da nova identidade gráfica da UMinho e, ainda como Presidente de Escola, avançar com o projeto vencedor da autoria do Prof. Providência implementando-a primeiro (na Escola), antes da própria Reitoria (que só veio a avançar anos mais tarde, com Guimarães Rodrigues a liderar); foi ele o ideólogo e impulsionador do Pacto de Desenvolvimento Regional; foi ele quem promoveu a primeira avaliação externa internacional da UMinho; foi ele quem criou o Conselho de Escolas e o Conselho Estratégico da UMinho trazendo pela primeira vez, para o seio da Instituição, o contributo de personalidades externas tais como Filipe de Botton, Leonor Beleza, Carlos Encarnação, João Salgueiro, entre outros; foi ele o ideólogo da “Universidade sem Muros” e da “Universidade na região mas não regional”; foi ele quem lutou pela abertura dos cursos de “Música” e de “Filosofia - a “área fundamental” que faltava para a Universidade ser de facto “completa”; foi a ele a quem coube a difícil missão de adequar a UMinho ao novo RJIES, liderando a Assembleia Estatutária... E... era ele quem ainda conseguia guardar pelo menos 5 minutos do seu dia para oferecer um chá e partilhar um cigarro com o Professor Lúcio Craveiro da Silva, antigo Reitor e então Presidente do Conselho Cultural da UMinho.

Não partilhei com ele jantares prolongados ou outras conversas e momentos informais, mas tive o privilégio de testemunhar, no dia-a-dia profissional (que começava cedo e terminava muito tarde), esta sua força inesgotável, o seu espírito de missão, o seu trabalho árduo, a sua resiliência.

Nunca fraquejou nem cedeu, nem mesmo diante das maiores provações.

Tinha uma visão clara do caminho que queria seguir, sabia que passos dar para o alcançar. Talvez não tivesse previsto o quanto teria de enfrentar em termos de “canibalismo académico” ao longo do percurso. Aquele foi um tempo hostil, marcado por egos exacerbados e ferozes ambições de progressão na carreira, que apenas cessaram porque alcançadas - e que não me recordo de ter voltado a ver.

Recordo que a única emoção que me permiti (atrevi...) expressar-lhe ao longo desses anos foi um abraço discreto, nas suas costas, disfarçado na

forma de ajustar-lhe a toga e o capelo, na sua última entrada no Salão Nobre como Reitor, no dia da tomada de posse do seu sucessor.

A força que o acompanhou até esse momento foi deveras notável.

O Atual

O pensamento de Guimarães Rodrigues recorda-me a designada “atualidade queirosiana”. Tal como em Eça, cujo discurso possui um “rostro discreto, mas muito mais consequente, pela sua intemporalidade” (*Reis, Carlos in Sobre a atualidade de Eça de Queirós | Jornal PÚBLICO. 24.set.2023*), também encontramos muito facilmente essa atualidade – e utilidade – em qualquer discurso do Reitor Guimarães Rodrigues.

O tempo presente é um tempo sem tempo.

É um tempo que se quer de serenidade, para manter sempre presente o que somos e ao que estamos, mas também de determinação.

O primeiro objetivo da Universidade não é a eficiência.

O ensino e a investigação não podem resumir-se ao valor utilitário ou de mercado das formações.

Os critérios de desempenho não podem ser os de menos docentes por aluno, maiores propinas por aluno ou menores custos por aluno.

Este é um tempo que se quer de ambição e de imaginação.

A. Guimarães Rodrigues
in discurso “34º Aniversário da Universidade”
18.fev.2008

O Pensador



“Em 1973, num miradouro da cidade de Porto Amélia, atual cidade de Pemba (com o mesmo nome da baía – Baía de Pemba, ou seja, Baía das Moscas), negocieei com um artesão a compra de uma pequena escultura do “Pensador Maconde”, talhada em pau-preto. Outras obras apresentavam figuras de elefantes talhadas em dentes de marfim.

Questionei o artesão sobre a dificuldade da execução deste tipo de trabalho. A resposta foi célere e simples. Explicou-me o artesão que era fácil. Que olhava o dente de elefante e via o elefante dentro dele. Depois, limitava-se a tirar o que estava a mais.

Comprei o “Pensador Maconde”, que me acompanha, na minha secretária, desde então.

É de facto, simples, basta ver o todo coerente, e tirar o que está a mais.”

A. Guimarães Rodrigues

Anotação no final do discurso “31º Aniversário da Universidade”

17.fev.2005

O Recto

Espinha Dorsal

Inspirada nele – posso hoje confessar (porque, entretanto, já a alterei!) – adotei uma password baseada nesta expressão que, mais do que uma parte do corpo, tem um significado simbólico mais profundo: retidão, firmeza,

convicção. Era isso que ele representava. E, se comecei este texto referindo que o Silêncio era o que melhor o caracterizava, termino recordando dias mais agitados.

Vivi com ele anos muito difíceis, repletos de problemas infundáveis. Em algumas (poucas) ocasiões, desabafava, argumentava alto e, por vezes, exaltava-se um pouco mais. Olhava para mim - que, imagino, estaria com ar assustado - e logo retomava a forma e o registo habitual, invariavelmente dizendo: “A Carolina não tem culpa alguma. Sabe que eu estou a ralar, mas não é nada consigo!” Até que um dia, enchi-me de coragem e respondi: “Sabe, Senhor Reitor...mas a verdade é que sou eu quem o está a ouvir e não quem de facto o apoquentou!”

Colocando a haste dos óculos no canto da boca, recostou-se levemente na cadeira e sorriu com satisfação - com um trejeito que interpretei como sendo de orgulho da “miúda atrevida” que finalmente tinha ganho coragem e “voz” perante a figure iminente do Reitor.

Que saudades de “o” ouvir, Senhor Reitor.

“O”

O Professor Agostinho da Silva, numa entrevista (Conversas Vadias, RTP2, 1990) a Maria Elisa, afirmou “Nós efetivamente cultivamos uma certa personalidade que vem na folha de vencimento e que determina todas as coisas da nossa vida”. Pois foi mesmo assim com o Professor Guimarães Rodrigues - as características da sua personalidade fora de série determinaram tudo o resto.

Guimarães Rodrigues não foi apenas um grande Reitor. O que o diferenciou foi a forma como fez disso um verdadeiro ofício - dedicando-se a ele integralmente.

Ele foi “O” Reitor.

ANTÓNIO GUIMARÃES RODRIGUES, UMA PERSONALIDADE DE EXCELÊNCIA

António Marques

Presidente da Associação Industrial do Minho (2002-2018)
Membro do Conselho Estratégico da Universidade do Minho (2005-2009)

É com orgulho que me associo à homenagem ao Professor Doutor António José Marques Guimarães Rodrigues.

A vida apresentou-nos, pelo ano de 2000, ainda António Guimarães Rodrigues desempenhava as funções de Presidente da Escola de Engenharia da Universidade do Minho. Foi nesse contexto que tivemos as primeiras conversas e pude constatar, desde logo, que a Universidade do Minho e a região tinham um Académico e uma pessoa disponível para ajudar a estreitar o sempre difícil relacionamento e trabalho entre Universidades e Empresas.

Só mais tarde consolidei e aprofundei o conhecimento institucional e pessoal com António Guimarães Rodrigues, quando pelo ano de 2002 iniciou as funções de Reitor da Universidade do Minho. Além de inúmeras participações nas atividades da Universidade, a convite de António Guimarães Rodrigues integrei o seu Conselho Estratégico, órgão no qual participei e em que pude testemunhar o seu alto sentido de serviço para com a sua Universidade, mas também a sua disponibilidade para pensar e operacionalizar soluções para os problemas da comunidade envolvente e da Região.

E, por isso, foi com toda a naturalidade que, pelos anos de 2003 e 2004, a Universidade do Minho e a AIMinho delinearam uma estratégia para a região do Minho, que viria a ser a base de trabalho do designado PDR-Pacto de Desenvolvimento Regional, que foi apresentado publicamente em 10 de janeiro de 2004, em cerimónia presidida pelo então Primeiro-Ministro, Dr. José Manuel Durão Barroso.

O documento pretendia agregar um conjunto de Entidades do Alto Minho, Ave e Cávado, numa ideia estratégica que apontava caminhos desafiantes visando a promoção de dinâmicas conducentes ao desenvolvimento equilibrado da região.

Essas circunstâncias, sobretudo as referentes à montagem do PDR como caminho para aprofundar e concretizar ideias e metodologias, em ordem a acelerar o desenvolvimento inovador e competitivo, foram um palco privilegiado para muitas conversas e reflexões, de perfil profissional e pessoal.

E por tudo isso, posso afirmar que António Guimarães Rodrigues foi um universitário autêntico e singular, de visão alargada e inovadora, nas várias geografias do território e do conhecimento. Assumiu, desde que o conheci, um total e permanente compromisso com a Região envolvente da Universidade, e acreditava que a Região, e as Empresas, poderiam ser um fator decisivo também para o crescimento da Universidade do Minho.

Essa convergência permanente entre o conhecimento, a investigação e a comunidade empresarial era uma das preocupações de António Guimarães Rodrigues, que tinha muito claro que esse caminho podia ser a ignição para o crescimento da Universidade do Minho na região.

Essa relação institucional, que muito contribuiu também para uma excelente relação pessoal, autoriza-me a afirmar, com admiração e saudade, que António Guimarães Rodrigues possuía, como poucos, a ambição de fazer, de fazer bem e depressa.

Com uma invulgar capacidade de trabalho, que se estendia até altas horas da noite, e uma ímpar disponibilidade intelectual possuía, como características individualizadoras, lealdade e confiabilidade absolutas. Mas também uma enorme frontalidade, sem temer as consequências de afrontar o que fosse, caso as suas convicções fossem questionadas. Sempre no respeito pelo compromisso com a missão da Universidade e com a sua envolvente.

ANTÓNIO JOSÉ GUIMARÃES RODRIGUES: A MEMÓRIA DE UM AMIGO

António Sérgio Pouzada

Professor Catedrático Aposentado da Escola de
Engenharia da Universidade do Minho
Presidente da Escola de Engenharia 2001-02/2003-04

Um encontro de *retornados*

Desde 1975 a recém-criada Universidade do Minho ia recrutando o seu corpo docente maioritariamente oriundo das Universidades de Lourenço Marques, em Moçambique, e de Luanda, em Angola. Quando, retornado de Angola, fui convidado para integrar a Área de Metalomecânica nos finais de 1976, já o Eng^o António José Guimarães Rodrigues, retornado de Moçambique, se encontrava a trabalhar nas primeiras instalações da Universidade, num prédio de apartamentos adaptado na Rua D Pedro V.

Por casualidade, muitos dos jovens docentes da novíssima Universidade viviam perto em apartamentos próximos num bairro em que ainda se encontravam disponíveis para alugar, circulando em pequenos veículos trazidos das antigas colónias com as suas matrículas originais. Assim, embora trabalhando em Áreas (hoje, Departamentos) diferentes quis o acaso que fossemos quase vizinhos o que nos deu possibilidade de comparar as experiências de vida profissional e militar, em Moçambique e em Angola, e estabelecer relações duradouras de amizade entre as duas famílias

A atividade na Escola de Engenharia emergente

Depois de um interregno em que fizemos a formação pós-graduada em Inglaterra, voltámos a encontrar-nos, já nos anos 90, com gabinetes próximos no segundo andar do edifício do campus de Gualtar, embora pertencendo

a dois departamentos diferentes. Nesse tempo, o serviço docente realizava-se no Palácio de Vila Flor em Guimarães e também no Campus de Gualtar em Braga. Entre os dois polos, docentes e alunos deslocavam-se diariamente na carrinha Toyota da Universidade ou em carros particulares partilhados.

Inovação na pós-graduação

Depois da primeira eleição do António Guimarães Rodrigues para a Presidência da Escola de Engenharia em 1997, tivemos oportunidade de discutir e avaliar as nossas conceções sobre o que deveria ser a formação pós-graduada em Engenharia e a formação contínua em Engenharia ao longo a vida. Neste processo, reforçou-se o papel da Coordenação dos Cursos de pós-graduação da Escola de Engenharia, criada durante a presidência anterior. Este gabinete na direta dependência do Presidente da Escola, permitiu acelerar o processo de conclusão das dissertações de mestrado e das teses de doutoramento, que tendiam a ficar paradas no tempo. Neste contexto, foram publicados durante alguns anos os Manuais dos Cursos Pós-graduação em que se compilavam os resumos alargados das teses e dissertações aprovadas, o que se revelou um inesperado incentivo aos alunos de pós-graduação.

Recordo, desses tempos, a presença assídua do Presidente no seu gabinete em Azurém, em que havia sempre um cigarro a fumar e a permanente disponibilidade para explorarmos os mais diversos aspetos da atividade técnica e profissional, a ser considerados na estruturação dos projetos de ensino e de investigação na Escola e nas redes de cooperação internacional e intercontinental, que se iam estruturando com impacto na qualificação de profissionais para a indústria nacional e no prestígio internacional.

Foi durante esses encontros regulares que se pensou na importância da Formação Contínua para os Profissionais de Engenharia, em estrita articulação com a Ordem dos Engenheiros. O modelo desenvolvido (Pouzada, A.S.; Rodrigues, A.G. - Case study 11: a new model for CE in the University of Minho, Portugal) foi apresentado e publicado pela EUCEN, a maior associação europeia multidisciplinar de aprendizagem universitária ao longo da vida (ULLL) e de formação contínua universitária, no *The manager's handbook*, Liège, 2000.

A passagem de testemunho

Quando o seu segundo mandato como Presidente da Escola de Engenharia estava prestes a terminar em 2000, e se perspectivava a sua candidatura à Reitoria da Universidade, recordo uma conversa muito informal à mesa de um café em Braga, depois do jantar. Falou-me da sua visão da Escola de Engenharia, do seu papel relevante na Universidade e da expectativa que tinha que o seu trabalho, que tinha vindo a desenvolver ao longo de quatro anos, pudesse ser continuado.

O resto é história e este um tempo de saudade e de recordação de uma bela amizade.

HOMENAGEM À MEMÓRIA DO PROFESSOR ANTÓNIO JOSÉ GUIMARÃES RODRIGUES

António A. Sousa Miranda

Professor Catedrático Aposentado
Escola de Engenharia da Universidade do Minho

Privei mais continuamente com o Prof. Guimarães Rodrigues entre 1995 e 2000, período em que desempenhou os cargos de Vice-Presidente (1 mandato) e Presidente (2 mandatos) da Escola de Engenharia da Universidade do Minho. No mesmo período exerci as funções de Vice-Presidente da Escola (1995-1998) e de diretor do Departamento de Engenharia Mecânica (1999-2000). Pude testemunhar a sua elevada competência, enorme dedicação e espírito de missão, e grande capacidade de persuasão no desempenho daquelas funções de gestão académica. Interlocutor de grande honestidade intelectual e extremamente racional, era fácil compreender e aceitar as suas propostas e sugestões. Mais difícil era reunir argumentos suficientemente fortes para as contradizer.

O meu primeiro contacto com o Prof. Guimarães Rodrigues não foi o mais auspicioso. Foi no início do ano de 1984, tinha eu regressado há poucos meses do Reino Unido depois de ter concluído o doutoramento. Era, então, diretor do curso de Engenharia Metalomecânica e os representantes dos alunos do curso apresentaram-me as dificuldades que estavam a sentir numa das disciplinas da responsabilidade do Prof. Guimarães Rodrigues, que exigia conhecimentos do domínio da estatística que estariam para além da formação prévia dos alunos. Reuni-me com o Prof. Guimarães Rodrigues no seu gabinete dos Pavilhões, na Rodovia. A sua posição sobre o assunto foi perentória – não havia outra forma de abordar estes temas que considerava importantes, iria recomendar aos alunos alguma bibliografia adicional

relevante. Foi o meu primeiro embate com os condicionalismos do nosso sistema matricial, que haveria de ser suavizado, e ganhar aceitação mais generalizada, à medida que a Escola cresceu em dimensão e qualidade dos seus recursos humanos. O Prof. Guimarães Rodrigues haveria também de trazer contribuições relevantes para a melhoria do funcionamento do sistema quando teve a responsabilidade da gestão da Escola.

Enquanto Vice-Presidente da Escola durante o 1º mandato do Prof. Guimarães Rodrigues como Presidente (1997-1998), fui testemunha do seu grande empenho no desenvolvimento harmonioso da Escola. As suas qualidades de liderança e determinação estiveram sempre presentes nos momentos mais críticos. Recordo o seu empenho na consolidação dos cursos oferecidos pela Escola e na identificação das áreas científicas preponderantes de cada departamento, e dos respetivos meios humanos disponíveis ou em formação. Momento particularmente preocupante foi o do conhecimento do resultado do processo de avaliação do curso de Engenharia de Materiais pela Ordem dos Engenheiros, concedendo a acreditação por apenas 3 anos, o que implicava uma profunda reestruturação do curso.

Este curso era uma criação do nosso sistema matricial, sem origem num departamento específico da Escola. Sem uma profunda reestruturação do curso o risco de uma não acreditação subsequente era real, com graves consequências para a Escola e para os futuros licenciados. O Prof. Guimarães Rodrigues, com a colaboração de docentes desta especialidade, assumiu a liderança do processo de reestruturação, demonstrando uma muito clara visão do significado estruturante para a Escola deste domínio do conhecimento.

No final deste mandato, estando eu de saída do cargo de Vice-Presidente da Escola, recordo ter tido uma conversa com o Prof. Guimarães Rodrigues no gabinete da presidência. Revisitámos as dificuldades e os sucessos dos últimos anos, e eu quis exprimir a satisfação e o reconhecimento que sentia por ter trabalhado com ele naqueles dois mandatos na presidência da Escola, e a minha convicção de que ainda o veria assumir maiores responsabilidades institucionais no futuro.

Na sua primeira visita a Azurém depois da tomada de posse como Reitor da Universidade do Minho, cruzámo-nos, e parámos por momentos, no átrio da Secretaria da Escola. De chofre, com um sorriso enigmático e

apontando-me o dedo indicador, disse-me: “A culpa foi tua!...”. Obviamente que não foi culpa minha. Sorri e desejei-lhe felicidades no desempenho do cargo.

O meu relacionamento com o Prof. Guimarães Rodrigues foi sempre fácil, amistoso e leal. Guardo dele as melhores recordações de amizade, companheirismo e cumplicidade.

A MELHOR FORMA DE PREVER O FUTURO É INVENTÁ-LO

António Paisana e Guilherme Pereira

Professores Associados da Escola de Engenharia da Universidade do Minho

ANTÓNIO JOSÉ MARQUES GUIMARÃES RODRIGUES, o Tó Zé, o AGR, o “velho sábio”, o professor, o *boss*, o amigo genuíno dos estudantes, a pessoa íntegra, o líder inspirador, aquele que discutia “quase todos os assuntos” que respeitavam à universidade com quem privava, o reitor que abria as portas de sua casa aos estudantes, o reitor que cativava pelos seus pensamentos intensos e pela lisura nos relacionamentos... foi o sétimo reitor na galeria de reitores da UM entre 2002 e 2009 – e é sobre este amigo que o diálogo abaixo flui...

Guilherme Pereira (GP) – “A Melhor Forma de Prever o Futuro é Inventá-lo” – para além de ser o mote da primeira candidatura a Reitor do Professor Guimarães Rodrigues (mandato 2002-2006), acho que é também uma boa forma de o descrever como homem e como profissional. O que sobressaía na sua forte personalidade era o pensamento estruturado e a antecipação. Há mil outras características do *Boss* (era assim que começava qualquer email que lhe dirigisse – e foram tantos...), mas eu elegeria estas duas como bastante vincadas e muito diferenciadoras...

António Paisana (AP) – O inconformismo, o desinquietar (quase) permanente dos seus públicos na procura de novas ideias e/ou aceitação das suas (novel) ideias. Um mote, que por isto mesmo veio a significar rutura com o imobilismo de então. Porque está associado a um desejo de movimento que um qualquer caminho para o futuro exigiria. Contudo, e no contexto do que referes sobre a característica do Professor de estar sempre “à frente” em qualquer tema em análise, o que agora somos convidados a concluir é que ele de facto há muito que havia inventado o futuro da Instituição. E o que se

veio a confirmar posteriormente em muitos campos de ação foi exatamente o (mero) percorrer desses caminhos. Interrompidos amiúde, mas sem grandes incumprimentos ou desvios.

GP – A este propósito deixa-me referir um episódio que me ficou no ouvido, por alturas da primeira reunião do Conselho Consultivo do Departamento de Produção e Sistemas a que pertencíamos (lá nos idos anos 90). O Prof Guimarães Rodrigues era então o Director do Departamento. Preparou a reunião (dia inteiro) como sempre fazia – todos os assuntos muito bem estruturados, tudo muito bem pensado e articulado... E sobre as diferentes dimensões da atividade do Departamento, foi explanando as suas ideias, enfim, foi partilhando a sua visão para o futuro do Departamento. Houve, claro, tempo bastante para conversa com todos, para acertar o que ficaria nos compêndios desta reunião. E foi isso mesmo que, no final, ele fez – acertos a outro documento que previamente preparara e que, de facto, passou a ser o documento oficial sobre as conclusões daquela reunião... Ficou o comentário de um dos membros do Conselho Consultivo, em tom de absoluta admiração – fantástico, o Guimarães Rodrigues já havia preparado as conclusões do nosso longo dia de trabalho...

AP – Ainda sobre o impacto que o Professor provocava nas pessoas com quem dialogava recordo que, tal como tu, vivenciei muitos momentos de interações – maioritariamente informais - do Professor com outros em que ficavam muito evidentes, para além dos traços que relevaste, outros como a empatia (ficava-se com a ideia de que procurava “conhecer” previamente os seus interlocutores, os seus anseios, as suas dúvidas, condicionando assim as suas abordagens), a intelectualidade e a sabedoria que caracterizavam as suas intervenções, a atualidade com que tratava os diferentes temas, entre outros. Estas constatações, embora amplamente reconhecidas por nós dois – julgo que corroborarás – eram-no igualmente feitas por muitos outros no mesmo tom de “absoluta” admiração do membro do Conselho Consultivo que referiste. Não estarei a cometer nenhuma inconfidência se contar que logo no primeiro “café” que o Professor teve com o então Presidente da AAUM, o Vasco Leão, aquando da sua primeira candidatura a Reitor, aquele dirigente da Academia minhota me anunciou ter ficado “arrebataado” com tudo o que ouvira e que muito dificilmente alguém o convenceria a apoiar outro candidato a Reitor da UM. E assim viria a acontecer. O Professor sabia tudo

sobre tudo o que falaram e falaram sobre tudo o que cada um queria falar. De uma forma sábia e eloquente. Foi assim o início de uma relação única de grande proximidade e de respeito e solidariedade institucional que ainda hoje perdura entre a UM e a AAUM.

GP – Lembro-me bem desse “café” transformado em “finos”, na esplanada do Astória... Lembras bem essa relação dele com os estudantes – inigualável, eu acho... Talvez até a primeira vez que alguma vez ouvi alguém dirigir-se aos estudantes numa perspectiva de autonomia e responsabilização – que as sucessivas direções e respetivos Presidentes tão bem adotaram. Aliás, uma boa franja das sucessivas direções da AAUMinho ainda hoje se refere ao Professor Guimarães Rodrigues como o “velho sábio”... Mas há, como sabes, muitas formas de nos dirigirmos ao Professor Guimarães Rodrigues – dependendo da pessoa e até do momento... Comecei por ser aluno de Licenciatura do Professor Guimarães Rodrigues, depois seu Assistente (já como docente), depois orientando de doutoramento (aqui começou verdadeiramente a crescer e sedimentar-se a relação de amizade), colega e amigo... Não obstante as infindáveis tentativas do Professor Guimarães Rodrigues para que o tratasse por “tu”, isso nunca consegui! A imagem do Prof. a dar aulas de Investigação Operacional, só interrompidas pelo intervalo para o cigarro (nunca de outra forma interrompidas, mesmo com falha de energia e a dar aulas com auxílio de acetatos e projetor), não me ajudavam a transformá-lo num par – que era, que sempre foi, mas aos meus olhos sempre foi o meu Professor... Foi então que, nos infindáveis emails que trocamos (não sei se sabes mas tenho comigo todos os emails trocados entre ambos desde 2001 – altura da sua primeira candidatura a Reitor e resultado (também) do orgulho que tinha em supostamente poder vir a ter um amigo Reitor), “fugi” ao vocativo Professor e passei a dirigir-me a ele por “Boss”... E era assim que começava cada mail...

AP – Pois eu não fui aluno do Professor. Graduei-me em Economia na Universidade de Birmingham em 1978, Universidade onde o Professor terminaria o seu mestrado (1978) e doutoramento (1980). Não chegámos a conviver pois por essa altura não conhecia o Professor dado que a minha entrada na Universidade do Minho só acontece em 1988 e a saída quase após esta data para doutoramento (Universidade de Loughborough) significa que o meu regresso definitivo e passagem a Professor Auxiliar se desse em 1992. Isto para dizer que verdadeiramente partilhei a vida

universitária no Departamento Produção e Sistemas com o Professor a partir de 1992. Em 1996 o Professor ascende à categoria de Professor Catedrático do Grupo Disciplinar de Engenharia de Sistemas e de Processos Industriais, do Departamento de Produção e Sistemas da Escola de Engenharia, assume a Direção do Departamento de Produção e Sistemas e posteriormente a de Presidente da Assembleia do DPS. É importante salientar que nestes tempos o DPS estava organizado em 2 grandes grupos disciplinares, um baseado em Braga e outro em Guimarães. Afetos a cada um destes grupos os docentes distribuíam-se por 5 subgrupos disciplinares. Tu e o Professor no subgrupo denominado OIO baseado em Braga e eu no de Engenharia Económica sediado em Guimarães. Isto para dizer que as interações entre docentes dos subgrupos eram reduzidas e limitavam-se invariavelmente às reuniões dos órgãos do Departamento. Contudo, havia docentes de subgrupos diferentes que, por uma maior proximidade de interesses académicos e/ou por empatia natural entre eles mantinham ligações informais próximas. Assim, diria que foi no contexto deste último conjunto que nasceu e cresceu um grupo mais restrito de pessoas à volta do Professor e que o acompanharam em todas as suas vitórias eleitorais a cargos de chefia na Escola e na Universidade. Decorrente desta vivência e também do modo como o resto da Academia o via e considerava, achei que a sua figura ativa e até algo severa por vezes, conjuntamente com o modo e conteúdo de comunicar com outros “convidava” a que eu sempre o tratasse por Professor. Pela deferência, respeito e naturalmente pelo distanciamento hierárquico. À semelhança aliás do que fizeram todos os dirigentes associativos. A propósito dos estudantes, e em particular dos seus representantes máximos, nomeadamente os Presidentes da AAUM, é importante dizer que o seu papel nas eleições para o cargo de Reitor foi marcante desde exatamente a primeira eleição do Professor em 2002. Não só porque faziam parte do órgão que elegia o Reitor, mas pelo impacto de se obter o seu apoio público junto dos restantes membros votantes da Academia. É que tal como um jornal local relatou na altura “a campanha para a eleição do novo reitor foi a primeira em 15 anos com mais de uma candidatura e que ficou marcada pelo clima de crispação entre os dois proponentes ao cargo, depois do envolvimento de figuras externas à Universidade do Minho”. Não admira, portanto, que o impacto do apoio público do Vasco Leão ao Professor (que o fez em nome individual no decorrer de uma famosa conferência de imprensa

no Bar Insólito - mas que a comunicação social não se coíbiu de o associar ao cargo que ocupava) tivesse sido porventura mais importante que o (suposto apoio) das tais figuras externas à Universidade e à outra candidatura.

GP – Estamos de acordo aqui também, evidentemente. Pois então o *Boss*, que já era *Boss* por alturas dessa primeira candidatura a Reitor da UMinho, adorava utilizar “ditos” para retratar vivências que experimentava ou episódios que se sucediam na sua vida – e fazia-o de forma muito marcante. Tenho alguns na retina que são muito engraçados. Não me peças para os reproduzir aqui, porque alguns são mesmo irreproduzíveis neste contexto – mas de facto todos muito apropriados e todos muito pedagógicos... Há um, de que gosto particularmente e que o Professor atribuía à sua mãe (também ela professora) e que assentava que nem uma luva em vários contextos – e em várias pessoas... Coloco-o entre aspas, embora possa não ser rigoroso na sua formulação, mas o sentido é inequívoco: “quando as pessoas não sabem, temos o dever de ensinar”... É tão bom... Gostas? Mas há mais...

AP – Sim, claro que gosto ... Mas também recorro a maneira como o Professor gostava de introduzir os temas nas conversas que tinha com determinados intervenientes. Como é reconhecido por todos o Professor era uma pessoa muito rigorosa, criteriosa e em reuniões em que participei com vários Presidentes da AAUM, invariavelmente desafiava-os a percorrer caminhos no sentido de que aquilo que ele planeava pudesse vir a ser atingido conjuntamente. Muitas vezes com sucesso, outras com fins indefinidos. O Professor costumava chamar a isto “inquietar” as pessoas para temas de interesse comum. Acresce que estas reuniões – umas mais formais, outras menos – eram caracterizadas por diálogos intensos em que o saber, a experiência, o longo prazo, a compreensão, a irreverência, a inteligência, o curto prazo, a busca por novas ideias se misturavam de um modo muito exigente. De tal modo que no final destes encontros havia que visitar muitos destes diálogos – que fazíamos nessa altura no BA (Bar Académico) de que julgo o Professor nunca terá tido conhecimento. E foi do resultado de muitos destes encontros que nasceu e cresceu o respeito, a admiração e o reconhecimento mútuos. Cedo se criou então um padrão no relacionamento entre o Professor e, ousa dizer, muitos intervenientes com quem ele lidava mais assiduamente e com maior proximidade. Na relação com alguns dos Presidentes da AAUM de então tornou-se um hábito passarem entre eles as linhas principais deste

relacionamento e que faziam parte do que ficou conhecido genericamente, na altura, como o “caminho das pedras”.

GP – O “caminho das pedras” – sabes que o “caminho das pedras”, também conhecido como “stepping stone”, é uma metodologia de investigação operacional para encontrar o “melhor caminho” para a resolução de um problema de programação linear – em concreto, um problema de transportes... Essa expressão do Professor era de facto muito utilizada nos contextos que referes e dizem também muito da forma como explanava as suas ideias, sempre tão bem suportadas por muitas horas de pensamento sobre os mais diversos temas da vida da Universidade. Brincávamos muito com ele, com alusões permanentes ao método científico, que ele “ousou” caracterizar numa comunicação num congresso de Investigação Operacional. E ficou... Mas era mesmo isso que fazia em torno dos mais variados problemas que tinha em mãos e até da antecipação dos problemas que poderiam surgir... Antes de todos, já definira ele o dito “caminho das pedras” – e a sistematização e a sistémica do seu pensamento eram de facto muito sólidas... A ideia, junto dos estudantes, do “velho sábio”, vem daqui, certamente... As conversas com os estudantes a que aludes, nos contextos a que aludes, disso dão perfeita nota – junto dos pares, a “coisa” era semelhante... Quer no contexto do Grupo Disciplinar (lembro-me dos mais “velhinhos” – com o Tavares de Oliveira, o Valério, a Sameiro), em que tínhamos conversas intermináveis e memoráveis, do próprio Departamento (acrescendo ao Grupo a Madalena e tu próprio), da Escola, por alturas dos seus mandatos como Presidente e da própria Universidade, durante os 7 anos como Reitor... Muitas vivências e muitas aprendizagens...

AP – E o que dizer da atualidade dos seus pensamentos? Vindos a público de um modo mais visível aquando das suas candidaturas à Presidência da Escola de Engenharia e posteriormente a Reitor da UM. Quer nos seus escritos quer nas suas intervenções de campanha. Neste contexto, deixa-me recordar três ideias que guardo como referências para o tempo presente e futuro. Todas têm a ver com especificidades do novo modelo de governação das IES, nomeadamente no que concerne o (propalado) reforço dos poderes do Reitor e em particular o exercício da sua autoridade e com o Conselho Geral. A este propósito vou recorrer a escritos do Professor em que este defendeu que “quem governa a universidade tem que exercer responsabilidade

e a autoridade tem que se exercer com parcimónia” e acrescentou acerca das UOEI que “se, porventura, [o debate] não for feito num determinado instituto, não é a reitoria que tem que responder por isso”. No que diz respeito ao Conselho Geral, o Professor destacou a “grande responsabilidade cometida ao Conselho Geral no novo modelo de governação”, e que não deve ser entendido como “um miniparlamento nem um mero órgão de avaliação ou validação da ação do Reitor”. Haverá certamente muitos outros bons exemplos do seu legado de aprendizagens...

GP – Tu estás a puxar-me para a conversa séria... para a conversa profunda... para a conversa densa... E eu estou aqui a balançar... Porque me apetece falar... pois... do que não podemos falar... Pensando bem, não podemos mesmo... Porque se pudéssemos... Bem, falaria da ida a Helsínquia a uma Conferência da IFORS (International Federation of Operational Research Societies) – de elevadores que param em todos os pisos, da cave camaleónica do Hotel, do Sibelius desaparecido, da entrada frustrada numa Discoteca; ou de uma ida a Tróia a uma Conferência da APDIO (Associação Portuguesa para o Desenvolvimento da Investigação Operacional) – e novamente de elevadores com encontros difíceis, de dormir no carro à espera da travessia do Tejo (ainda a tempo do início da Conferência, claro); ou dos processos eleitorais para Reitor, sobretudo da candidatura para o mandato 2002-2006 (não queremos escrever um livro sobre isto?) – mas isto aqui não teria mesmo fim – e o editor ficaria muito inquieto)... Ou dos almoços para que me desafiava com frequência (e lá vinha eu de Azurém para o centro de Braga para uma conversa ao som da sua chamuça na Cozinha da Sé... Ou dos nossos jantares a 3, todos absolutamente memoráveis, em que “obrigávamos” o *Boss* a comer uma (prévia e prevenida) sopa em casa (nunca o apanhávamos antes das 21h e ele fazia sempre questão de nos falar da bendita sopa)... Isto para dizer o quê? Não sei se concordas, mas o ar do AGR (do Chefe, do *Boss*, como queiras...) não se alterava nunca (as pessoas não mudam, dizia ele com frequência) – diversa era a forma como diferentes pessoas o viam... Eu nunca “vi” o seu semblante austero, distante, muito menos autoritário – nem quando numa aula (ainda no Palácio Vila Flor) em que ocorre falha de energia e ele, impávido e sereno, continua a dar a sua aula e a passar os seus acetatos, um a um, pelo retroprojektor... O semblante de sempre poderia ter muitas interpretações, muitas leituras... Mas

eu sempre vi nele uma pessoa próxima, atenta, astuta, amiga, desafiante...
Love you, Boss!

AP – Pois as minhas experiências foram (naturalmente) distintas. Mais distante enquanto pessoa, mas sempre me senti muito “livre” para fazer aquilo que é comum dizer-se a “figura do diabo”. Estou maioritariamente a falar das (longas e muitas) conversas que houve com, e sobre, assuntos relacionados com os estudantes. Questionando coisas, mas também partilhando as minhas próprias ideias e experiências sobre o papel dos dirigentes associativos na governação da Instituição. E o Professor mantinha a sua paciência para ouvir e, claro, retorquir. Eu acho que ele sabia que eu eventualmente faria a ponte com os estudantes, acompanhando-os na interpretação de pensamentos e ações do Reitor... e os estudantes, por outro lado, confiavam em ter (mais) alguém que os acompanhasse na virtude das suas posições...e foi assim que fui compreendendo o porquê de ser chamado para estar presente em tantas e tantas reuniões, cafés, almoços e jantares entre aquelas partes. E que os convites viessem de ambos os lados. E que recordo também as vezes em que me ligaram da Reitoria à procura do Presidente da AAUM porque ninguém mais sabia do seu paradeiro...Não admira, portanto, que tenha testemunhado o desenvolvimento de um padrão de relacionamento entre os sucessivos Presidentes da AAUM e o Professor/Reitor. E foram 4 os Presidentes diferentes com quem o Reitor lidou. O “passa-palavra” entre aqueles sobre a figura do Professor facilitou o percorrer do tal “caminho das pedras” - que, em muitos casos foi muito para além do método científico de que falas para se tornar algo de (muito) mais pessoal – e que, inclusivamente, dirigentes associativos de outras IES invejavam não ter. É que as pessoas são como são, e na essência, não mudam...

Muito fica por dizer, muito fica por comentar, muito fica por partilhar... Porque muito há a dizer, muito há a comentar, muito há a partilhar, quando o tema é o Tó Zé, o AGR, o “velho sábio”, o professor, o *boss*... Fica a referência – e essa será eterna!

A MARCA DE UM LÍDER

Carla Lavrador
Directora de Serviços na Universidade do Minho

Escrever umas linhas sobre o Professor Guimarães Rodrigues não é uma tarefa fácil pois todas as palavras parecem poucas e insignificantes para se conseguir descrever a sua forte e, ao mesmo tempo, afável personalidade. Procurarei, no entanto, ser breve e sucinta associando-me ao seu lado pragmático, determinado e descomplicado, e partilharei, por isso, em poucas linhas, o que recordo com saudade dos seus tempos de Reitor. Penso que dessa forma conseguirei cumprir o meu desígnio e enaltecer o seu lado mais humanista, de pessoa sensível, preocupada e dedicada à sua causa, mas também às causas dos outros. É muito disto que guardo do Homem e Reitor que marcou um momento muito importante da minha vida profissional.

A minha convivência com o Professor Guimarães Rodrigues foi estritamente profissional, mas vi-o, em todo o seu mandato, como um líder e amigo que tinha tanto de rigoroso e exigente como de compreensivo e afetivo. Era uma pessoa de ação e resolução lógicas. A sua visão e a vontade de concretizar, sem adiamentos e embaraços, os seus projetos deixaram bem patente o seu enorme contributo para a Universidade do Minho.

Recordo bem quando em 2003, logo no início do seu primeiro mandato, se avançou com a implementação das pautas eletrónicas. As reações adversas da comunidade académica foram, incompreensivelmente, muitas. Como os tempos eram outros e a resistência aos avanços tecnológicos, em algumas áreas, era bem patente, era preciso atuar, mas também explicar, convencer, acalmar os mais inconformados com a mudança. E da mesma forma que havia o seu cunho e firmeza na decisão e na ação, também no acompanhamento, na clarificação e na explicação se contava com o Professor Guimarães Rodrigues, noite dentro a responder a emails, sempre por perto no apoio às suas equipas, aos seus colaboradores, e sempre disposto a apaziguar

os ânimos mais exaltados. Como neste, também em outros projetos do âmbito da gestão acadêmica e, sobretudo, de gestão dos sistemas de informação, a sua presença era garantida e não havia nada mais reconfortante do que sentir o seu apoio, a sua compreensão e a sua firmeza, aliados à sua exigência. Mais do que hesitar e adiar, o importante era acreditar, atuar e apoiar depois o resultado e as consequências das decisões, sempre numa perspectiva de melhoria contínua.

Quando cessou as suas funções como Reitor, num bonito gesto de agradecimento e reconhecimento, reuniu no seu gabinete os dirigentes, mostrando a importância que todos tiveram no sucesso dos seus projetos e dando ânimo para continuarem a dar o seu melhor pelo futuro da UMinho.

Na parte que me toca, consegui sempre contar com a sua compreensão, a delicadeza no trato, o respeito e em muito lhe devo a oportunidade e a confiança. Foi com o Reitor Guimarães Rodrigues que muito cedo fui designada para coordenar os (então) Serviços Académicos. Não posso afirmar que tenha sido a sua melhor decisão, foi apenas mais uma, à qual espero, acima de tudo, ter correspondido. Estou certa, isso sim, que o seu voto de confiança mudou em muito o rumo da minha vida e estar-lhe-ei eternamente grata por isso.

Aprendi com o seu estilo de liderança. Aprendi que o trabalho árduo, mas planeado e bem orientado, sem perder tempo com o que manifestamente não acrescenta valor, é fundamental. Aprendi também a importância da decisão e da ação, mas também da compreensão e da entejada.

O Professor Guimarães Rodrigues soube sabiamente escolher a sua equipa, em quem depositava toda a sua confiança, garantindo com isso, e com a sua personalidade marcada pelo rigor e exigência, tudo o que precisava para a qualidade e o sucesso de diferentes projetos.

Como Professor, e apesar de não ter tido o privilégio de o conhecer nessa faceta, são muitos os amigos com quem falo que enaltecem a sua inteligência, a sua sabedoria e que o descrevem como um profissional marcante.

Todos sabemos que a ação, boa ou má, desperta a crítica e que a mudança estimula a resistência, mas, mais ou menos críticos, mais ou menos resistentes, todos aqueles que tiveram o privilégio de privar e trabalhar de perto com o Professor Guimarães Rodrigues terão certamente aprendido muito e guardarão, como eu guardo, um exemplo de força, persistência, respeito e amizade para o resto da vida. Um grande bem-haja ao Professor Guimarães Rodrigues!

LIDERANÇA, VISÃO E HUMANIDADE CONTINUARÃO A INSPIRAR...

Carlos Silva

Administrador dos Serviços de Ação Social
da Universidade do Minho (2003-2017)

O Professor António Guimarães Rodrigues partiu a 6 de novembro de 2023, deixando um legado profundo e indelével. Foi um sábio, um mentor e um visionário que sempre colocou o ato de ensinar como prioridade na sua vida. Em todas as suas missões, os princípios orientavam as suas decisões. Ele tinha uma habilidade única de envolver as pessoas nos projetos em que participava, sendo um negociador nato cujo objetivo era sempre partilhar conhecimentos e ensinar o caminho mais correto.

Em tudo o que fazia e se envolvia, conseguia prever o futuro e os resultados das suas ações, e assim foi reinventando caminhos que levaram ao sucesso coletivo. Na sua maior missão, enquanto Reitor da Universidade do Minho, esta sua capacidade de prever e moldar o futuro foi especialmente notável.

Quem não o conhecia profundamente, poderia, erroneamente, pensar que ele trilhava os seus caminhos em solidão. No entanto, essa visão estava longe da verdade. Em tudo o que fazia, o Professor Guimarães Rodrigues sempre ouvia as pessoas ao seu redor, tomando decisões ponderadas e antecipando os seus resultados.

O primeiro mandado com Reitor da Universidade do Minho, não foi fácil, com um período de mudanças brutais na Universidade, com um trabalho intenso do Reitor que puxava pela sua equipa e por todos os que de perto trabalhavam com ele.

Registo algumas **TAGS** que marcaram as grandes mudanças, com a certeza de que faltarão muitas outras.

#UniversidadeUMinhoSemMuros
#AcolhimentoAosNovosAlunosDaUMinho
#EnvolvimentoReitorFestasAcademicas
#HinoAcademiaUMinho
#NovaImagemUMinho
#AdequaçãoCursosBOLONHA
#ECTS_Label&DS_Label
#SuplementoAoDiploma_Implementação
#INL
#CCG_CVT_PIEP
#CampusVirtualUminho
#PortalAlunosUMinho
#IntranetUMinho
#PortalAluminiUM
#ELEARNING
#AvaliaçãoEUA
#PactoDesenvolvimentoRegional
#IntegracaoEscolaEnfermagem
#CursosMAPUTO_ISCTEM
#ReitoriaCampiAzurém
#AssembleiaEstatutáriaUMinho
#ConselhoEstatégicoUMinho
#ConselhoGeralUMinho
#InstitutoConfucioUMinho
#RevisãoOrgânicaServiçosUMinho
#DelegaçãoCompetenciasESCOLAS
#OpenAccessSDUM
#RepositoriUM
#NovosEdificios_ECS&ED
#RJIES

Uma das formas que tinha para libertar o seu espírito ou o seu “estado de alma” era escrever o seu dia, a sua semana, as suas projeções para o futuro e perspectivas de resolver os problemas. Raramente se queixava do esforço, do seu trabalho, que não era nada fácil, pois nada acontecia por acaso.

O Professor António Guimarães Rodrigues foi quem mais influenciou o meu percurso profissional e a minha formação como indivíduo. Partilhei muitos dos seus sucessos e algumas das suas angústias, tendo tido o privilégio de frequentemente ir ouvindo as suas reflexões. Foram mais de dez anos de convivência que me enchem de orgulho. Grande parte dos seus pensamentos foram registadas por escrito – a sua maneira preferida de garantir que o caminho certo era encontrado.

Ao rever as mais de 5 mil mensagens de e-mail que recebi durante o período em que ele foi Reitor, sou inundado por memórias felizes e pela gratidão de ter partilhado uma parte significativa da sua vida. Guardo-as a todas, com carinho, reconhecimento e humildade ao saber-me detentor de parte de um legado tão precioso.

A sua liderança, visão e humanidade continuarão a inspirar todos aqueles que tiveram a sorte, o privilégio, de aprender com ele. Até sempre, Professor AGR!

DE COMO O PROFESSOR GUIMARÃES RODRIGUES CONTRIBUIU PARA INVENTAR O MEU FUTURO E O DO ACESSO ABERTO EM PORTUGAL

Eloy Rodrigues

Director de Serviço, Universidade do Minho

Sobre a importância e o impacto da ação do Professor António Guimarães Rodrigues na Universidade do Minho, sobre a sua personalidade, ou sobre as qualidades pessoais e profissionais, como a sua aparentemente inesgotável capacidade de trabalho (recebi centenas de emails enviados às 3h, 4h ou 5h da madrugada), outros, que mais de perto e intensamente trabalharam com ele, poderão certamente dar testemunho mais qualificado que o meu. Neste pequeno texto concentrar-me-ei, portanto, na importância que o Professor Guimarães Rodrigues teve no meu percurso, bem como no avanço de algumas das minhas “causas” nas últimas décadas.

Conheci o Professor Guimarães Rodrigues pouco depois de eu ter vindo trabalhar para a Universidade do Minho em 1992. No entanto, só na segunda metade da década de 1990, quando assumiu cargos dirigentes, como Vice-Presidente e depois Presidente, na Escola de Engenharia, é que comecei a ter um contacto mais frequente com ele.

Mas foi a sua candidatura e eleição como Reitor da Universidade do Minho que teve um profundo impacto no meu percurso pessoal e profissional. E penso não ser um exagero afirmar que o Professor Guimarães Rodrigues mudou a minha vida ou, dito de outra forma, que a minha vida teria sido certamente diferente (e muito provavelmente menos interessante) sem a influência do Reitor Guimarães Rodrigues.

Desde logo porque a conversa que tive com o Professor Guimarães Rodrigues, ainda como candidato a Reitor, nos primeiros meses de 2002, foi decisiva para eu permanecer na Universidade do Minho, desistindo da minha intenção de sair para outra instituição, processo que naquele momento estava já em andamento e prestes a concretizar-se. Nessa conversa, o Professor Guimarães Rodrigues fez-me acreditar que, se a sua candidatura fosse vitoriosa (como tudo parecia já indicar que aconteceria), seriam proporcionadas melhores condições para o funcionamento dos Serviços de Documentação e das bibliotecas, e para o desenvolvimento de novos projetos, nomeadamente na área digital. E enfatizou que contava comigo para esse novo futuro.

Para além deste momento, devo destacar outro que foi absolutamente determinante para o meu percurso profissional nos últimos vinte anos, e deu origem a um processo com grande relevância e impacto, não apenas na Universidade do Minho, mas também a nível nacional e internacional. Refiro-me ao momento que estive na origem da criação do repositório institucional da UMinho, o RepositóriUM.

O Professor Guimarães Rodrigues convocou-me para uma reunião no dia 26 ou 27 de dezembro de 2002 (sei que foi imediatamente após o Natal, porque interrompi os meus dias de férias). Nessa reunião deu-me conta que tinha recebido alguns dias antes a visita de Diogo Vasconcelos, que então dirigia a recentemente criada UMIC, anunciando o lançamento do programa e-U Campus Virtuais, e incentivando a Universidade do Minho a participar ativamente nesse programa, apresentando a respetiva candidatura nos primeiros meses de 2003. Neste contexto, o Reitor perguntou-me se eu tinha alguma ideia de projeto que pudesse ser integrado na candidatura que a Universidade do Minho iria preparar. A minha resposta foi a sugestão da criação de um repositório institucional, e a proposta foi acolhida muito favoravelmente pelo Professor Guimarães Rodrigues.

O projeto de criação do repositório institucional veio de facto a ser integrado na candidatura da Universidade do Minho, dando origem ao programa e-UM Campus Virtual que operou uma verdadeira transformação digital na Universidade, entre 2003 e 2005, em particular com a disponibilização de acesso wireless à Internet nos principais espaços dos campi, e a generalização da utilização de computadores portáteis. O Professor Guimarães Rodrigues acompanhou sempre com interesse o processo de criação do repositório e fez

questão que se organizasse uma sessão pública, com a sua participação, para a apresentação do RepositóriUM, o que veio a ocorrer no dia 20 de novembro de 2023, no Salão Nobre do Largo do Paço.

Mas o interesse do Professor Guimarães Rodrigues no RepositóriUM, e o seu entendimento e apoio à agenda do acesso aberto (que na época era designado acesso livre) ao conhecimento não se esgotou no processo de criação do repositório¹. Compreendendo que alinhavam muito bem com a sua visão estratégica para a Universidade, e com o lema da UMinho como “Universidade sem Muros” que adotou, o Professor Guimarães Rodrigues continuou a apoiar o RepositóriUM e a impulsionar a afirmação da UMinho como pioneira no acesso aberto. Nesse sentido, acolheu com entusiasmo a proposta que lhe apresentei, no outono de 2004, para a definição de uma política institucional de auto-arquivo e acesso aberto, tendo até reforçado a minha proposta inicial com a inclusão de incentivos financeiros que, sendo essencialmente simbólicos, se revelaram, no entanto, determinantes para o sucesso da política e do RepositóriUM nos anos seguintes. A política de auto-arquivo e acesso aberto estabelecida pelo Despacho RT-56/2004, que entrou em vigor em janeiro de 2005, foi um passo corajoso e inovador, pois terá sido a segunda política universitária de acesso aberto a nível mundial (existiam algumas anteriores, mas apenas a nível de Faculdades ou Centros de Investigação), contribuindo para tornar a Universidade do Minho reconhecida pelo seu pioneirismo nesta área.

Por outro lado, entendendo também a vantagem de envolver o conjunto das Universidades portuguesas neste movimento, como Reitor da Universidade do Minho o Professor Guimarães teve também um papel essencial no processo que conduziu à criação do RCAAP – Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal. De facto, por sua iniciativa, o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas tomou uma posição pública, e aderiu à Declaração de Berlim sobre o Acesso Aberto ao Conhecimento, em novembro de 2006. Nesse momento, o Professor Guimarães Rodrigues foi designado para coordenar um grupo de trabalho de Open Access no CRUP,

¹ Por ocasião do 10º aniversário do RepositóriUM o Professor Guimarães Rodrigues gravou um testemunho sobre o processo de criação do RepositóriUM e a promoção do acesso aberto na UMinho e em Portugal que se encontra disponível na Biblioteca Digital da Universidade do Minho: <https://www.bdigital.uminho.pt/s/home/item/39011>

que esteve na base da proposta apresentada ao Ministro Mariano Gago para o desenvolvimento de uma iniciativa nacional. Essa proposta viria a dar origem ao RCAAP em 2008, com coordenação científica e técnica da Universidade do Minho desde início. O RCAAP é hoje uma infraestrutura robusta e consolidada, oferecendo um leque alargado de serviços, e reunindo uma vasta comunidade em quase uma centena de instituições do sistema científico e académico nacional.

Por isso, se hoje a Universidade do Minho e Portugal são reconhecidos no domínio dos repositórios, do acesso aberto e da ciência aberta, isso também se deve, em grande medida, à visão, à ousadia e ao empenho do Professor António Guimarães Rodrigues enquanto Reitor entre 2002 e 2009. Neste, como noutros domínios, o Professor Guimarães Rodrigues demonstrou acreditar, na prática, no que inscreveu, por duas vezes, no seu programa de candidatura, datado de maio de 2002: **a melhor forma de prever o futuro é inventá-lo.**

Quanto a mim, só posso estar profundamente grato pelas oportunidades, pelo estímulo, pelo apoio e pela amizade que me foi dedicando ao longo do tempo. Tudo isso foi muito importante, e em vários casos decisivo, para poder concretizar as ideias e projetos que desenvolvi nas duas últimas décadas. Muito obrigado e até sempre, Professor Guimarães Rodrigues.

TRAJETÓRIA DE EXCELÊNCIA: HOMENAGEM AO LEGADO DO REITOR DA UNIVERSIDADE DO MINHO ANTÓNIO GUIMARÃES RODRIGUES

Fernando Lavrador Ventuzelos

Técnico Superior, Universidade do Minho

Em memória do amigo e ex-reitor António Guimarães Rodrigues.

Presto homenagem a um líder visionário, cujo legado continuará a inspirar as gerações vindouras na Universidade do Minho. António Guimarães Rodrigues não foi apenas um reitor, foi também um defensor apaixonado da educação, um promotor de mudanças positivas e um exemplo de excelência e integridade.

Sob a sua liderança, a Universidade do Minho cresceu e consolidou-se, tornando-se uma das maiores instituições de ensino superior no que concerne ao conhecimento, investigação e progresso. A sua visão audaciosa e o seu compromisso com a qualidade elevaram os padrões de excelência e deixaram uma marca de referência em todos os que tiveram a honra de trabalhar sob sua tutela.

Além das suas realizações profissionais, António Guimarães Rodrigues era conhecido pela sua humanidade, empatia e dedicação inabalável ao bem-estar da comunidade académica. Ele não apenas promoveu a excelência académica, como cultivou um ambiente inclusivo e acolhedor onde todos se sentiam respeitados e valorizados.

Embora a sua partida deixe um vazio nos nossos corações, estou grato pelos sete anos que compartilhei com ele e pelo impacto duradouro que ele

deixou nas nossas vidas e na Universidade do Minho. O seu espírito continuará a guiar-nos enquanto seguimos em frente, honrando o seu legado.

Descanse em paz, estimado amigo António Guimarães Rodrigues. A sua visão, paixão e liderança serão lembradas com gratidão e admiração por todos.

Até sempre!

A LIDERANÇA DE PROXIMIDADE, DE MOTIVAÇÃO E DE DESAFIO CONSTANTE

Fernando Parente

CDO, Deputy Secretary General da Federação
Internacional de Desporto Universitário
Diretor de Serviços de Desporto e Cultura dos SASUM 1994-2018

Guimarães Rodrigues, Reitor da Universidade do Minho entre 2002 e 2009, deixou um legado material e, sobretudo, imaterial junto dos que tiveram a sorte da sua proximidade, que será eternamente lembrado. Demonstrou todas as qualidades que se esperam de um líder institucional. Tive a sorte de estar envolvido como dirigente da Universidade, particularmente na área do desporto, onde pude testemunhar de perto o impacto profundo e a longo prazo da sua liderança.

A liberdade e responsabilidade que nos concedia para implementar programas e projetos, após a discussão e definição de objetivos, metas e processos, era algo invulgar. Assegurava sempre que tivéssemos os recursos necessários, contribuindo para o projeto educativo dos estudantes e criando oportunidades para todos os que frequentavam o campus diariamente. A sua visão de uma "Universidade sem muros" permitiu um crescimento harmonioso, tanto dentro quanto fora dos campi, cultivando uma relação próxima com todas as partes interessadas.

Guimarães Rodrigues era um apaixonado pela proximidade com os estudantes, suas associações e grupos culturais. Respeitava a sua autonomia e ideias, sempre discutindo e contribuindo para o crescimento pessoal daqueles com quem contactava. Nunca adotou uma postura paternalista ou procura de vantagens políticas, nomeadamente juntos dos dirigentes associativos. Em vez disso, focava-se no interesse de todos e da instituição a longo prazo, evitando pequenas vitórias instrumentalizadas por subsídios pontuais.

Os resultados materiais e as realizações no setor do desporto durante os seus oito anos de reitoria são um testemunho do seu compromisso com a promoção da atividade física e do desporto. Sob sua liderança, a Universidade do Minho tornou-se uma referência nacional e internacional, continuando o trabalho iniciado por Machado dos Santos e posteriormente ampliado por António Cunha. Em 2019, esse compromisso e trabalho anterior foi reconhecido com a primeira condecoração da Universidade do Minho pelo Governo Português, através da Medalha de Mérito Desportivo, além da distinção de Melhor Universidade Europeia pela Associação Europeia de Desporto Universitário para a década de 2009/2019.

Guimarães Rodrigues passou a mensagem de que é importante “não mexer” no que funciona bem, otimizar a gestão, trabalhar e procurar resultados e desafiar-nos constantemente para fazer melhor, de forma diferente e com sucesso. A sua visão de uma Universidade sem Muros, de servir as pessoas e instituições, permanecerá como uma inspiração duradoura para os que têm verdadeiro espírito de Missão.

Um legado material e imaterial, com discursos curtos e objetivos, e com o mais longo e emotivo aplauso, que eu e muitos presenciamos a um Reitor, numa Gala do Desporto em dia da sua merecida homenagem daqueles de quem dizia “são os meus atletas, são as minhas equipas” (15.07.2009).

Obrigado por tudo Professor, o seu exemplo e liderança continuam a ser uma inspiração. Eterna gratidão.

UMA FIGURA ÍMPAR NA HISTÓRIA DA UM

Irene Montenegro

Professora Catedrática Aposentada
da Escola de Ciências da Universidade do Minho

O Professor António José Guimarães Rodrigues partiu demasiado cedo deixando um vazio indelével na vida de todos os que tiveram o privilégio de com ele trabalhar, conviver e partilhar momentos únicos da vida da instituição à qual dedicou com afincamento todo o seu saber, disponibilidade e experiência.

Conheci-o em 1980 quando ingressei na Universidade do Minho e, embora constatasse desde o início que possuía um espírito inovador e entusiasta, só o vim a conhecer bem melhor depois de um convite que me formulou, em finais de 2001, para fazer parte da equipa com que se propunha candidatar à Reitoria para o período de 2002-2006. A minha primeira reação foi negativa pois, após vários anos em que desempenhei funções administrativas na minha Escola, tinha prometido iniciar o novo milénio com dedicação exclusiva ao ensino e à investigação. Mas não desistiu, como nunca desistia das ideias em que acreditava. E soube convencer-me. Sabia do meu interesse e já de alguma dedicação da minha parte ao tópico da Avaliação e Qualidade do Ensino e por aí conseguiu com sucesso interessar-me e envolver-me num tema que nunca mais deixei de perseguir durante os 8 anos seguintes. E assim iniciei a minha jornada com o Professor Guimarães Rodrigues e a sua equipa. Não imaginava nessa altura os desafios que juntos iríamos enfrentar, as dificuldades que encontraríamos, a ansiedade e o sofrimento que muitas vezes vivemos, mas também os êxitos conseguidos ao transportar a Universidade para patamares nunca anteriormente alcançados. Os êxitos celebrávamos com entusiasmo porque grande parte deles eram conseguidos com muito esforço e dedicação, mas aprendemos com o Professor Guimarães Rodrigues que na

nossa equipa não havia lugar para desânimos, e provou-nos diversas vezes que tinha toda a razão.

E assim iniciámos reuniões longas e frequentes para concluirmos o programa para a candidatura. A sua ideia central era apostar numa “universidade de excelência e sem muros”. Comecei a perceber nessa altura que o Professor Guimarães Rodrigues era dotado de uma capacidade de trabalho e inteligência invulgares e de uma persistência sem limites para atingir objetivos.

Não me vou referir aqui aos múltiplos êxitos que conseguiu nem à inovação que introduziu nas várias vertentes do governo da instituição. Não haveria espaço suficiente neste simples testemunho, mas não posso deixar de mencionar o empenho que dedicou à Avaliação e Qualidade do Ensino, tendo criado em 2004 o GAQE (Gabinete de Avaliação e Qualidade do Ensino), como um dos vetores estratégicos da consolidação da UM, ao qual competia coordenar e executar todos os procedimentos associados à avaliação do desempenho institucional na vertente do ensino, organizando projetos orientados à formação e apoio aos estudantes e docentes. Foi uma inovação conseguida no tecido universitário português tendo servido de exemplo a muitas outras instituições. E como resultado desta visão estratégica a UM foi uma das duas Instituições de Ensino Superior da Europa a receber simultaneamente dois importantes “selos de qualidade” da Comissão Europeia, o ECTS Label e o Diploma Supplement Label.

Já no segundo mandato foi sua intenção requerer uma avaliação institucional externa tendo para tal submetido à EUA (European University Association) um relatório de autoavaliação. Em 2007 a EUA publicou o Relatório Final da Avaliação reconhecendo a UM como referência internacional no ensino e no modelo de Bolonha e classificou-a como uma universidade de investigação. Em 2009 realizou-se o ‘follow-up’ da avaliação tendo a EUA apreciado o grau de execução do plano proposto pela UM para dar resposta às recomendações então identificadas.

Sempre atento aos problemas e expectativas dos estudantes, o Professor Guimarães Rodrigues manteve com todos os Presidentes da AAUM diálogos frequentes, motivando-os sempre para uma participação ativa no governo da Universidade. Para ele a universidade existe para os estudantes e a Associação é um parceiro indispensável. Acredito que tenha deixado em todos eles ensinamentos úteis e valores humanísticos que marcaram as suas vidas futuras.

Não posso deixar de mencionar o seu empenho em manter uma equipa coesa tendo conseguido da nossa parte uma lealdade indestrutível. Depois de terminado o segundo mandato, em finais de 2009, mantivemos almoços mensais onde dominaram sempre as recordações de uma Instituição a que dedicámos o nosso melhor. Foram sempre momentos de alegria, trocas de opiniões e de celebração. Apesar da partida do nosso grande amigo, pretendemos manter essa tradição e celebrar a sua vida, mantendo sempre viva a transformação e a aprendizagem que com ele conseguimos.

O ano de 2008 marcou o início de uma doença que viria a transformar os restantes anos da sua vida. Recordo o seu esforço por manter uma rotina diária que minorasse os efeitos malignos que começara a experienciar. Sabendo do meu interesse na prática diária de atividade física, relatava-me amiudadas vezes os seus planos de caminhadas, utilização de pesos e como procurava rotinas adequadas seguindo-as com todo o detalhe. Como sempre, até neste aspeto foi um perfeccionista. Nas circunstâncias difíceis e angustiantes em que passou a viver, muito admirei a sua coragem e persistência. Infelizmente a doença foi vencendo-o aos poucos fisicamente embora o seu cérebro se mantivesse ativo e perspicaz como sempre, seguindo a vida da instituição que serviu assim como os destinos do país e do mundo.

Teve a felicidade de ter a seu lado uma família amiga, acolhedora e preocupada, em particular a sua esposa, minha amiga e colega de muitos anos, a Professora Lígia Rodrigues, que dedicou totalmente a sua vida ao acompanhamento e cuidado de uma doença irreversível. Estou certa de que sem esse amparo familiar a sua vida teria sido bem mais curta.

A vida do Professor Guimarães Rodrigues, o nosso Chefe como carinhosamente o apelidámos, é um exemplo que não esquecerei. Para mim foi um Mestre pelas suas qualidades humanísticas, pelo seu saber, pela sua energia inesgotável e por acreditar no impossível. Como tive a oportunidade de lhe dizer ele soube “guardar todas as pedras que lhe foram atiradas e com elas construir um castelo”.

Obrigada, Chefe, por tudo o que fizeste pela UM e por todos nós!

PELO SONHO É QUE VAMOS

Íris Saraiva

Técnica Superior, Universidade do Minho

O Professor Guimarães Rodrigues? Tenho muito clara na minha memória a primeira conversa que tive com ele: 1999, cumpria ele o segundo mandato como Presidente da Escola de Engenharia. Estava a organizar o programa das Comemorações dos 25 Anos de Engenharia na Universidade do Minho (2000) e procurava alguém para apoiar a comunicação e divulgação das várias iniciativas. Pretendia promover a identidade da Engenharia e queria fazê-lo, não apenas através da criação de uma imagem coesa e da divulgação da já então muito significativa atividade da Escola, mas sobretudo através do desenvolvimento de um sentido coletivo de pertença à Unidade (Escola), de missão e de serviço, em que todos se revissem.

Essa conversa inicial, sei hoje, foi uma das mais marcantes e determinantes de toda a minha vida profissional, ainda que as minhas memórias tenham pouco a ver com a agenda de trabalho definida – desenhar uma estratégia de comunicação interna e externa para a Escola de Engenharia. As minhas memórias prendem-se sobretudo com o impacto que o Professor Guimarães Rodrigues me causou:

- marcou-me desde logo a atenção com que me ouviu – uma “miúda” acabada de sair da Universidade – e o respeito e cordialidade que demonstrou na discussão de ideias que fomos tendo. Na verdade, o Professor tinha uma enorme consideração pelas gerações mais jovens, nomeadamente pelos “nossos” estudantes. Dava-lhe imenso gozo inquietá-los e desafiá-los. Fazia-o com exigência, mas com enorme abertura, fazia-o sempre com um sorriso escondido atrás

- do ar mais austero. Acreditava que as pessoas se comportam da maneira como são encaradas e tratadas;
- surpreendeu-me o Presidente de Escola, engenheiro de formação, com a sua clara consciência da importância da comunicação nas organizações – coisa muito rara, à data, no meio académico. O Professor teve, na verdade, uma grande sensibilidade para o que devia ser uma “boa” estratégia de comunicação, que não procuraria manipular ou “fazer parecer”, mas sim informar, motivar, promover envolvimento;
 - marcou-me finalmente o Professor de mente prática, objetiva e sistémica (um engenheiro, sem dúvida) que, curiosamente, demonstrava uma grande sensibilidade para a importância da cultura e dos valores humanistas na educação e na sociedade em geral. A imagem das celebrações dos 25 anos de Engenharia – a figura do Homem Vitruviano, de Leonardo da Vinci (1490), uma das mais famosas obras do Renascimento – procurava precisamente traduzir essa visão humanista da engenharia e do engenheiro.

O Programa das Comemorações dos 25 anos de Engenharia na UMinho foi delineado com ambição. Foram debatidos temas importantes na definição da missão das Universidades, da Engenharia e suas diferentes áreas de especialidade. O Livro de História da Escola e uma Galeria de ex-Presidentes promoveriam a consciência e identidade da Escola procurando demonstrar que “o Todo pode valer mais do que a soma das Partes”.

Em 2001, findo já o mandato como Presidente de Escola, foi tempo de começar a abraçar a candidatura a Reitor da Universidade do Minho, que culminaria com a sua eleição, a 29 de maio de 2002. A posse decorreu no dia 22 de julho. Mas antes desse dia 22 de julho, e durante longos meses, muitas noites foram dia de reunião e trabalho: ele e a equipa com que se apresentava à reitoria sempre presentes, com muita regularidade também alguns dos subscritores e apoiantes da sua candidatura (professores, alunos, funcionários...). Gente e perfis muito diversos, mas um todo que se fez coeso, mobilizado por uma ideia e por um ideal de mudança.

Na sala de jantar, na casa do Professor, discutiu-se uma nova visão para a UMinho, delinearam-se estratégias e planos de ação, alinharam-se as

melhores palavras para exprimir ideias e objetivos. Partindo do pressuposto que “a melhor forma de prever o futuro é inventá-lo”, que deu o mote à campanha, queria-se romper com o modelo de crescimento que a UMinho tinha vindo a desenvolver nos anos mais recentes e devolver-lhe a irreverência. Defendia-se uma Universidade que apostasse em projetos estratégicos. Queria-se uma Universidade que não se afirmasse pela juventude, mas pela excelência e pela competência académica. Propunha-se uma reorganização orgânica e funcional, respeitando e assumindo as potencialidades do modelo de gestão matricial da UMinho, em cujo valor o Professor Guimarães Rodrigues acreditava profundamente. Queria-se envolver as Escolas e a Associação Académica. Defendia-se (muito) uma “Universidade sem Muros”, uma Universidade que fosse motor e agente central do desenvolvimento regional (social, económico e cultural) e que, estando numa região, fosse uma instituição de ensino e investigação de referência internacional. Sonhava-se, de facto, inventar o futuro.

Nesses meses, bem como nos mandatos como Reitor que se seguiram, nem tudo foi sobre trabalho. Não raras vezes, sobretudo em momentos de descompressão, as conversas desviavam-se: fugiam para Lourenço Marques, em Moçambique, onde o nosso Reitor e muitos dos docentes e funcionários “fundadores” da UMinho tinham vivido e iniciado as suas vidas profissionais; passavam pela discussão de temas da atualidade noticiosa; saltavam por vezes para a gastronomia (o Professor gostava muito de queijos); ou desviavam para uma espécie de sarau cultural onde se contou por vezes com a companhia de Camões, Pessoa e, entre outros, Sebastião da Gama, porque, claro está, “pelo sonho é que vamos”.

Acontece que os sonhos e objetivos do professor Guimarães Rodrigues eram daqueles que davam enorme trabalho e afugentavam o sono, materializando-se em longas horas pela noite dentro. Impossível não esboçar um sorriso perante a memória dos emails recebidos durante a madrugada, às duas, três e quatro horas da manhã. Eram uma espécie de “imagem de marca” do nosso Reitor e ninguém, dos muitos que com ele trabalhavam, achava estranho, ainda que a dúvida permanecesse: *Ele não dorme?*

Outra memória visual que guardamos será, sem dúvida, a do Professor com o cigarro sempre na mão – o maço de Marlboro (vermelho e branco) em cima da mesa durante as reuniões, em regra acompanhado por uma chávena de café (apenas uma das múltiplas que bebia ao longo do dia).

A visão do nosso Reitor para a UMinho materializava-se através do forte compromisso, rigor e exigência que colocava em tudo o que fazia – e que inspirava as pessoas e equipas que o rodeavam. Os seus mandatos corresponderam a 7 anos de enormes desafios – alguns dos maiores “impostos” externamente – e foram marcados pela necessidade acomodar uma acelerada (e difícil) viragem na envolvente do Ensino Superior em Portugal. Em todos os momentos, a preocupação do Professor foi sempre a de amortecer o impacto desses fatores externos nas pessoas e na estrutura e preservar a coesão institucional. E apesar dos desafios, sem precedentes, que ele e a sua equipa enfrentaram, lutou-se sempre “por uma Universidade do nosso tempo e do futuro” (mote da candidatura ao segundo mandato como Reitor), uma Universidade do Minho focada no conhecimento, em busca da sabedoria.

Do legado, tangível e intangível, que nos ficou dos dois mandatos em que o Professor Guimarães Rodrigues esteve à frente dos destinos da UMinho destacaria, apenas por me ser a realidade mais próxima, a aposta na Comunicação. É impossível não evocar a criação, em 2003, do então designado Gabinete de Comunicação, Informação e Imagem, bem como a criação, em 2004, no âmbito das comemorações do 30º aniversário da Universidade, de uma nova identidade gráfica para a UMinho, que definiu os logótipos e demais elementos gráficos que ainda hoje identificam a Universidade e suas Unidades Orgânicas. São dois singelos exemplos, mas traduzem ideias muito caras ao nosso então Reitor. Conforme referiu na posse para o seu primeiro mandato, em 2002, “a informação é a moeda da democracia” e, numa Universidade democrática, ele queria “promover a comunicação interna e externa, na convicção de que ela propiciaria o ambiente indispensável para a vital participação de todos”. Era também importante “garantir a defesa e a promoção externa da imagem e dos melhores interesses e aspirações da Universidade, incluindo a sua adequada representação e imagem pública”, quer fosse junto dos potenciais estudantes (num tempo de mercado decréscimo dos acessos ao Ensino Superior), quer fosse junto dos agentes regionais, nacionais e internacionais. Era ainda fundamental promover o sentido de pertença e o envolvimento que o Professor tanto valorizava, encontrando projetos aliciantes para cada Unidade e indivíduo, porque nesses, as pessoas estariam sempre preparadas para se empenhar.

Na base de tudo o que o Professor se propunha alcançar estava um pressuposto muito simples: a grande diferença reside nas pessoas. E é este princípio que enforma também a essência, quer da pessoa que foi o Professor Guimarães Rodrigues, quer da aspiração que ele tinha para a UMinho. Conforme escreveu no preâmbulo do seu programa de ação para 2002-2006, “o nosso propósito é esse: mudar para sermos exemplares na globalidade do ser, do fazer e do estar.”

A TRAGÉDIA MAIOR NÃO É A OPRESSÃO E CRUELDADE DOS MAUS, MAS É O SILÊNCIO DOS BONS

João Monteiro

Professor Catedrático da Escola de Engenharia
da Universidade do Minho

O desafio que me propuseram é particularmente complicado por várias razões simples: falar de um colega e de um amigo sem repetir o mesmo que muitos outros provavelmente disseram e escreveram. Acresce, para mim, uma renitência intrínseca à minha visão sobre testemunhos da vida após a morte de individualidades raras...

Por outro lado, não escrever seria contrariar a sua maneira de ser expressa numa outra frase de Martin Luther King, pessoa que muito apreciava *“In the end, we will remember not the words of our enemies, but the silence of our friends”*¹.

O Professor Guimarães Rodrigues era, provavelmente, uma pessoa como muitas outras... e, como todos, diferente dos outros...

O professor pertencia ao grupo dos que não se calavam perante injustiças o que lhe trouxe dificuldades no percurso que tentava imprimir às obras que tomava em mãos, mas este foi um princípio de que nunca abdicou. Esta faceta, associada à capacidade de fazer (montar um modelo e implementá-lo), permitiu criar boas equipas com dedicação e ligações pessoais profundas...

Foi o que fez na Universidade do Minho nas diferentes vertentes de ensino, investigação e gestão. Foi um dos fundadores desta casa, e esta deve-lhe o que ainda não conseguiu perceber.

¹ Uma simplificação da frase de Martin Luther King: “The ultimate tragedy is not the oppression and cruelty by the bad people but the silence over that by the good people.”

Exemplos disso são: a implementação de uma universidade sem muros, a imposição da UM como universidade completa e de referência no nível nacional (com tantos entraves das entidades centrais – especialmente protagonizadas por alguns ministros da tutela), a ligação à comunidade com implicação direta na economia e sociedade (Quadrilátero urbano e Pacto regional), a ligação internacional (mestrado em Moçambique e Instituto Confúcio – são apenas 2 exemplos), a instalação de 3 interfaces no campus de Azurém, a promoção da qualidade de ensino e a avaliação internacional (com a liderança da pró-reitora Irene Montenegro), o investimento focado e concretizado nas comunicações digitais, a criação de uma estrutura de sistemas de informação, o acesso livre a publicações – em que a UM foi pioneira, enfim, apenas para referir algumas...

Mas acima de tudo caracterizava-o um pensamento humanista, e humano. Discordámos várias vezes, mas sempre chegámos a consensos partilhados. O tempo dedicado às discussões livres e abertas não tinha como limite a sua vontade. Nos dois mandatos na equipa da reitoria, nas reuniões semanais – nunca falharam – a decisão final era do “Chefe”, mas nunca foi necessária uma votação. Era um modo de funcionamento coletivo!

Isto só era possível pelo seu carácter, lucidez, dedicação à UM e uma enorme capacidade de trabalho!

Muito obrigado Professor.

O REITOR DOS ESTUDANTES

Jorge Cristino

Presidente da AAUMinho 2004

Tempos houve em que vivemos momentos tão fortes e irrepetíveis que se tornaram memórias magníficas. O Magnífico Reitor Guimarães Rodrigues, como muitas vezes o tratámos, é protagonista de muitas dessas memórias, pela marca indelével que deixou em muitos de nós e pela forma como influenciou a minha vida pessoal, académica e profissional. Sinto-me um privilegiado por ter convivido com uma pessoa tão determinante da nossa contemporaneidade.

Entrei na Universidade do Minho, na Escola de Engenharia, como estudante deslocado, em 1997 e foi aí que as nossas vidas se cruzaram. Primeiro, na frequência da disciplina de Investigação Operacional, em que nunca mais esqueci a forma prática e os exemplos extraordinários com que transportava a matéria daquela unidade curricular para a vida quotidiana. Cedo captou a minha atenção quando, através de um exercício, usou um exemplo eleitoral para aplicar a Investigação Operacional. Logo ali, como professor, ganhou um admirador. Num segundo momento, e noutra contexto, cruzei-me com o Professor António Guimarães Rodrigues como Presidente da Escola de Engenharia e como Pró-Reitor, considerando que naquela altura eu representava os estudantes nalguns órgãos pedagógicos da Universidade, primeiro como Delegado de Curso e depois como dirigente da Associação Académica, na função de Diretor do Departamento Pedagógico. Neste contexto, a nossa relação acabou por não ser tão próxima e tão marcante como a anterior, nem tão pouco, como viria a ser a seguir. Nesta altura, lembro-me da sua ação essencialmente executiva e na capacidade de inovar, trazendo uma dinâmica espantosa à Escola de Engenharia, de onde não se pode excluir o papel essencial da Professora Rosa Maria Vasconcelos e do seu antecessor Professor Carlos Bernardo, que permaneceu no Campus de Azurém como Pró-Reitor, na mesma época.

Neste tempo, se as nossas vidas tivessem seguido rumos distintos e divergentes, muito pouco teria ficado para contar. A verdade, é que foi a partir da sua primeira eleição como Reitor da Universidade do Minho que muito se construiu. Em 2001, Vasco Leão ganha as eleições para Presidente da Direção da Associação Académica da Universidade do Minho, equipa de que me orgulho de ter feito parte, sobretudo pelas amizades que construímos nas direções ao longo de 3 mandatos. Em 2001/2002, estávamos precisamente no último ano, do último mandato do Reitor Licínio Chaínho Pereira, onde as relações entre os estudantes e a Reitoria eram frias e distantes. Eis que chamados a eleger um novo Reitor, onde os estudantes tinham um peso significativo (em parte por em norma votarem em bloco) fomos tendo um contacto progressivo com o Professor Guimarães Rodrigues, ainda enquanto candidato. Apresentou-se na altura, como o candidato da rutura, contra o seu rival José Vieira, que era Vice-Reitor à época. Guimarães Rodrigues distinguiu-se por defender uma maior transparência, uma maior participação e envolvimento dos estudantes, das escolas e dos institutos, designando o seu projeto como uma “universidade sem muros”. Rapidamente decidimos que aquele seria o nosso candidato e várias foram as sessões que se seguiram onde marcámos presença, acabando as noites muitas vezes à conversa com os Professores António Paisana e Guilherme Pereira, que durante anos se tornaram os nossos melhores “guias de alma” de Guimarães Rodrigues.

A sua vitória foi vivida com uma explosão de alegria. Sentíamos que muito ia mudar. E mudou. Seja na relação entre estudantes e a Reitoria, seja na relação entre a Associação Académica e as autarquias de Braga e Guimarães, que eram também marcadamente tensas e difíceis. Sentíamos que tínhamos ganho todos, como uma equipa e um coletivo, porque Guimarães Rodrigues era um líder inato e tinha o dom de nos inspirar e fazer seguir juntos, estudantes e professores, no mesmo sentido. Mais tarde, em 2004, enquanto Presidente da Direção da Associação Académica, tive a oportunidade de viver aqueles tempos de forma muito próxima com o “nosso” Reitor, onde não raras vezes trocávamos mensagens e documentos até de madrugada, definíamos questões essenciais da vida da Universidade, mas também da política educativa do ensino superior. Eram tempos de enorme contestação estudantil, com muitas greves e manifestações, com um ambiente, a nível nacional, muito tenso, com várias reuniões no Ministério do Ensino Superior e mesmo na

Presidência da República. A agenda estava marcada pelo aumento significativo das propinas e com uma enorme carência de políticas de ação social, no acesso a bolsas e alojamento (residências). Ao nível dos temas da Universidade, em que semanalmente, às quintas-feiras de manhã, reuníamos o Conselho de Gestão, recordo-me da preocupação do Reitor Guimarães Rodrigues, em que os estudantes estivessem envolvidos nos processos de decisão do financiamento das Universidades, da construção dos novos edifícios nos *Campi*, nomeadamente na Biblioteca de Azurém, do Centro de Computação Gráfica, na Escola de Arquitetura, no novo Instituto de Estudos da Criança, na localização do novo Hospital de Braga, onde se revelava importante a abertura da Escola de Ciências da Saúde e o curso de Medicina, e também, não raras vezes, do projeto da nova sede da AAUM. Ao mesmo tempo que muitas vezes articulávamos as estratégias e decisões para a administração da Universidade e dos Serviços de Ação Social, em articulação com os seus administradores, Guimarães Rodrigues ouvia atentamente os nossos problemas e propostas. Entre as semanas de reuniões em Braga, Guimarães e Lisboa, existiam os fins-de-semana onde marcávamos presença em muitas das iniciativas académicas, como o Enterro da Gata, o Primeiro de Dezembro, a Receção ao Caloiro, os Campeonatos de Desporto Universitário, os Festivais de Tunas e outros momentos académicos.

A frase é da Associação Académica, mas surge nos mandatos de Guimarães Rodrigues, como Reitor, porque a ele também se deve, referindo-se à Universidade do Minho como “A melhor Academia do País”, que se tornou numa das melhores do Mundo.

António Guimarães Rodrigues tornou-se o *Reitor dos Estudantes*, não só pelo apoio que conquistou, mas também pelo que fez e defendeu ao longo dos seus mandatos. Um Reitor com quem sentíamos que o tempo não era um peso e uma guilhotina nas nossas vidas. Um Reitor com quem as conversas eram simplesmente fascinantes. Um Reitor de curtas mensagens e discursos inspiradores, onde muitas vezes numa só frase dizia tudo. Um Reitor cujos silêncios pesavam como palavras, ditas por um olhar convincente e harmonioso. Um Reitor que abriu as portas da sua casa para receber os amigos e os estudantes, e que, com os seus gestos, soube romper as portas dos nossos corações. Um Reitor que participava nos longos momentos académicos, sempre com o mesmo sorriso.

António Guimarães Rodrigues foi para mim, Professor, Amigo e Reitor, mas foi também exemplo, inspiração e admiração. Exemplo pela sua personalidade, pelos seus gestos, onde só havia compreensão, tolerância, compaixão, amizade, tempo para os outros e lealdade. Inspiração pela sua sabedoria, sentido de oportunidade, capacidade de decisão, rigor, exigência e liderança. Admiração pelo seu empenho, dedicação, consistência, solidez e foco no essencial.

António Guimarães Rodrigues será, para sempre, o *Reitor dos Estudantes*. Um amigo nas nossas vidas, que nos incentiva permanentemente à autossuperação, porque como uma vez disse num discurso: Vencer-se a si próprio é a maior das vitórias (Platão). Até sempre AGR.

PROFESSOR ANTÓNIO GUIMARÃES
RODRIGUES (1950-2023)... QUE
DESCANSE EM PAZ ETERNA!

“IN MEMORIAM”

José Luís Encarnação

Professor da Universidade Superior Técnica (TUD) e
Diretor-Fundador do Instituto Fraunhofer IGD e do
Zentrum für Graphische Datenverarbeitung (ZGDV),
Darmstadt, Alemanha

O Professor António Guimarães Rodrigues nasceu em 1950 em Lourenço Marques (hoje Maputo) em Moçambique e faleceu em 2023 em Braga, Portugal. Entre outros cargos que assumiu na sua brilhante carreira universitária no período de 1995 a 2009 destacam-se as posições de Vice-Presidente e de Presidente da Escola de Engenharia, assim como a seguir de Pró-Reitor e de Reitor da Universidade do Minho, demonstrando sempre nestas posições a sua forte personalidade e alta competência.

Nesta fase teve o Professor Guimarães Rodrigues um papel preponderante e fundamental nas negociações e no desenvolver a conceção institucional e operacional necessária para a transferência em 2000/2001 do Centro de Computação Gráfica (CCG), que tinha sido fundado 1993 em Coimbra, para Guimarães, numa cooperação com o ZGDV (Zentrum für Graphische Datenverarbeitung) de Darmstadt. Foi assim e neste contexto que eu tive a oportunidade e o privilégio de o conhecer um pouco melhor e numa forma mais objetiva, nomeadamente no contexto da conceção e da negociação dessa transferência, cujo sucesso foi em grande parte devido à forma construtiva, objetiva, cooperativa e sempre bem-intencionada como ele o fez. Em 2001/2002 ele assumiu a posição de Presidente do Conselho de Administração do CCG, garantindo e contribuindo assim para o sucesso

e consolidação da transferência do CCG para Guimarães, onde este Centro há pouco já festejou os 30 anos da sua existência institucional.

Com isto tive a oportunidade de conhecer melhor e de apreciar com grande prazer a alta personalidade, mas também o carácter íntegro, colegial e amigo do Professor Guimarães Rodrigues. Com o seu falecimento não só a Universidade do Minho perdeu um dos seus grandes Reitores, que muito bem e com grande sucesso sempre serviu os interesses da “sua” Universidade, mas também todos nós, que tivemos a honra e o prazer de trabalhar e interagir com ele. Perdemos um colega e amigo altamente qualificado e respeitado.

As nossas condolências vão para a sua família prometendo-lhes, que nós não o esqueceremos!

Professor Guimarães Rodrigues... descanse em paz!

SAUDOSAS RECORDAÇÕES DE UMA CONVIVÊNCIA

José Alberto Tavares de Oliveira

Professor Convidado Equiparado a
Professor Auxiliar Aposentado
da Escola de Engenharia da Universidade do Minho

Tenho muitos e bons motivos para recordar e manifestar um sentimento de gratidão para com o Professor Guimarães Rodrigues: o favor da sua amizade e confiança, a paciência com que tantas vezes me aturou (mormente, nas longas conversas no final do dia no seu gabinete em Gualtar, donde fomos frequentemente os últimos a sair do departamento), a sua ajuda e apoio em diferentes momentos e tarefas no Departamento de Produção e Sistemas (DPS) (por exemplo: na proposta de reestruturação do plano curricular da licenciatura em 1987, na introdução dos planos de cargas docentes, primeiro no DPS e depois na Escola de Engenharia). E devo-lhe agradecido, a ele e ao Professor Valério de Carvalho, a iniciativa de me passarem para docente convidado equiparado a Professor Auxiliar.

Outros, com mais propriedade e conhecimento, elaborarão melhor sobre a personalidade do Professor Guimarães Rodrigues. Eu não tenho nem esse saber, nem jeito para o fazer, pelo que vou limitar-me a uns quantos apontamentos simples e histórias de circunstâncias de que guardo memória, em que, a meu ver, se evidenciam alguns traços do seu modo de ser e agir (são episódios, eventualmente menos conhecidos, mas bem demonstrativos de como era).

Era laurentino genuíno: recordo bem a saudade com que falava da sua África natal e a profunda nostalgia da sua Lourenço Marques, tão bem descritas pelo Professor Luís Amaral na missa do seu funeral, memória na qual também cabia o seu apreço e admiração pelo seu professor César de Freitas.

Era, e foi sempre, um conhecedor apaixonado pela algoritmia, computação e informática. Não me lembro de alguma vez o ter visto consultar o manual de uma aplicação: partia para a descoberta da estrutura e do modo de utilização do software por experimentação directa. E recorro (com um sorriso) o gozo que lhe davam as “maravilhas” que ele conseguia fazer com um spectrum e também de como conseguia pôr a NEC (a excelente impressora de agulhas do sub-grupo) “literalmente a dançar” (a voltar para trás e para cima e a escrever entre linhas) a partir do velhinho Word Star.

Recordo igualmente a circunstância de uma proposta de revisão do plano curricular da Licenciatura em Engenharia de Sistemas e Informática (LESI), proposta que era bastante lesiva (para dizer o menos) para o DPS. Solicitada uma reunião com o director de curso da LESI (nessa ocasião eu era o representante do DPS na comissão de curso da LESI), o Professor Guimarães Rodrigues não só explicitou o que lhe parecia ser o que o Departamento de Informática (DI) pretendia conseguir com a proposta de revisão, como também explicou e sugeriu as modificações lógicas da mesma que, sem prejudicar o DPS, podiam ser aceites pelo DI. As sugestões foram bem acolhidas e o director de curso da LESI manifestou a sua surpresa e admiração pela forma como o Professor Guimarães Rodrigues tinha conseguido desmontar e analisar a proposta e a pertinência das suas sugestões.

Entre os aspectos que o distinguiam, e eram plenamente reconhecidos, sobressaía o seu sentido institucional, sentido que era manifesto de modos e em circunstâncias diferentes, de que vou referir apenas uma notória preocupação pela pontualidade e pelo antecipado cumprimento de prazos, de que decorria o seu princípio de preparar e planear os projectos e tarefas com uma enorme antecedência.

Esse sentido institucional levava-o a procurar cumprir as suas obrigações sem questionar a frequente falta de condições para o realizar (“o que é necessário fazer-se, faz-se com os meios que há”) - recordo-me de o ter visto a limpar transparências com álcool para poder preparar o material para a aula do dia seguinte, e também o afletivo aperto que foi um ano lectivo dos anos 80 em que, por manifesta exiguidade de pessoal docente do sub-grupo, ele decidiu colapsar turmas práticas para poder manter o pleno cumprimento do plano curricular dos diferentes cursos.

A pontualidade do começo das suas aulas era bem conhecida – chegava sempre à sala de aula antes da hora de início (hélas!), e uma vez começada a aula, à hora marcada, a porta da sala já só voltava a abrir no fim da aula.

Os dois relatos a seguir mostram bem o que referi acima.

Curso do Fundo Social Europeu (FSE)

Era o primeiro dia de aulas numa acção do DPS patrocinada pelo FSE em 1987 para a câmara de uma cidade do norte e cabia-nos a nós, a mim e a ele, sermos os docentes desse primeiro dia de aulas. Tínhamos antecipadamente estudado a localização do edifício onde decorreriam as aulas e o trajecto para lá. As aulas começavam às sete e meia da manhã, mas o Professor Guimarães Rodrigues fixou a hora a que devíamos lá chegar: às seis e meia! (sic: “para poder confirmar in loco onde ficava o edifício e poder tomar sossegadamente um café, algures nas redondezas”).

Aconteceu tudo conforme previsto, café incluído, e antes das sete e meia já estávamos à porta do edifício, que estava fechado. Não se via ninguém por perto, um esporádico passante confirmou que o edifício devia ser aquele. A espera durou até perto da oito e meia, quando chegou uma senhora encarregada da limpeza do primeiro piso (onde funcionava uma secção da EDP), que confirmou o local e que informou que as aulas só começavam às nove e meia.

O Professor Guimarães Rodrigues pediu o acesso a um telefone e solicitou a presença urgente da responsável da câmara pelo curso do FSE, a quem comunicou que ou lhe garantia que dali em diante o edifício estava aberto às sete e meia da manhã e as aulas podiam começar a essa hora ou a acção do FSE terminava naquele preciso instante.

(As desculpas/justificações que outros cursos do FSE que também lá funcionavam tinham aulas das sete e meia às nove e meia, mas eram aulas práticas de informática e os docentes só apareciam às nove e meia, motivou-lhe a resposta imediata: nós comprometemo-nos com aulas das sete e meia à uma e meia da tarde e ou é assim ou o curso nem sequer começa).

Congresso da APDIO em 1994

O Professor Guimarães Rodrigues aceitou a incumbência de organizar o Congresso da APDIO em Abril de 1994, na Universidade do Minho, em Gualtar.

Algures em Setembro de 1993, já bem depois da meia noite, estávamos no departamento, em Gualtar. O Professor Guimarães Rodrigues tinha adquirido uma impressora A3 a cores para o congresso e, apesar dos seus esforços, não conseguia pôr a impressora a funcionar como ele queria. Bem que lhe dizia que já era tarde, que deixasse o problema para o dia seguinte, mas ele respondia que, no seu plano, a impressora devia ficar plenamente operacional naquele dia. Por fim lá se convenceu. A verdade é que na manhã do dia seguinte a impressora ficou plenamente operacional. E também é verdade que pelo fim do ano já toda a logística administrativa de suporte do congresso estava pronta e informatizada (com os magníficos cartazes incluídos).

Era sempre assim: plano(s), tarefas identificadas e calendarizadas, e cumprimento dos prazos com enorme antecedência.

requiescat in pace

MAGNÂNIMO

José Valério de Carvalho

Professor Catedrático da Escola
de Engenharia da Universidade do Minho

Terá sido no hostil norte de Moçambique, para onde fora destacado para prestar o serviço militar, que terá sentido mais fortemente saudades do futuro. Uma ou duas décimas na classificação final do curso de Engenharia Mecânica tinham-no afastado de uma saída direta para o doutoramento. Não teve dúvidas sobre o que deveria fazer para “*erguer armas*” contra “*os golpes e as setas da fortuna*” que punham em perigo os seus sonhos. Nada deixou ao acaso. Motivou a guarnição, reforçou a vigilância e as defesas, cumpriu a sua missão. Regressou depois à sua doce Lourenço Marques para realizar as promessas de vida. As qualidades de liderança que demonstrara viriam a fazer dele um homem extraordinário.

Foi a “vontade de saber mais” que conduziu o Professor António Guimarães Rodrigues à Universidade, e o destino que o trouxe a Braga. Fez parte da primeira geração de professores e funcionários, que construiu os alicerces da Universidade do Minho, e lançou as sementes do seu desenvolvimento. O grão de mostarda que cresceu, e se tornou naquilo de que todos nos orgulhamos.

Ainda deu aulas no edifício do Largo do Paço, partilhando salas, compartimentadas por divisórias precárias, com outros professores. Eu próprio, que entrei na Universidade do Minho em 1983, assisti a aulas suas, no Palácio de Vila Flor, sobre tópicos que não tinha abordado na minha licenciatura. A disciplina era exigente, era um “cadeirão”, mas ele era um excelente professor. Foi dos primeiros a adotar a tela de cristais líquidos que se colocava no retroprojetor dos acetatos, ligada ao computador portátil. Era tudo muito pesado, e o sistema caiu depois em desuso.

Foi com ele que escrevi os meus primeiros artigos, na área de Simulação Discreta de Eventos, um sobre modelagem e simulação de um sistema de elevadores, publicado numa revista dos alunos de Sistemas e Informática, em 1984, e o outro sobre o uso do CAPS–ECSL para avaliar a performance de protocolos de comunicação de computadores, publicado nas atas da conferência MELECON’85. Os meus interesses científicos mudaram com a realização do mestrado, e foi ele também o orientador do meu doutoramento.

Eram os tempos do computador azul da rua da Gulbenkian e dos primeiros computadores pessoais, com capacidades, écrans e desempenhos ridiculamente incipientes, sem as facilidades de utilização que há hoje em dia. Oh!, as voltas que se davam às listagens em papel do código, para espiolhar os erros! Oh!, as longas horas nos pequenos laboratórios dos pavilhões verdes da Rodovia, cheios de fumo! Cada cigarro adicional ajudava-nos a escrever mais linhas de código ou a encontrar mais um *bug*. Nunca faltaram a vontade e a inquietação para chegar mais longe.

O percurso académico e a ação do Professor Guimarães Rodrigues são bem conhecidos. Coordenou o Grupo de Optimização e Investigação Operacional, foi diretor do Departamento de Produção e Sistemas, presidiu à Escola de Engenharia, e cumpriu dois mandatos como reitor da Universidade do Minho. Em todos os cargos, sempre apoiou e defendeu os seus, desde o pugnar por critérios mais justos na distribuição do serviço docente até ao erguer a voz contra a escolha de fatores de fórmulas que penalizavam o financiamento e asfixiavam o orçamento da instituição, travando os seus planos de “projetar a afirmação” da Universidade. Em todos os casos, aliou à firmeza fundada em convicções fortes a suavidade que temperava as suas intervenções.

Nunca lhe ouvi queixas, nem sequer sobre o destino que lhe roubou as raízes. Há versos dos Vislumbres de Imortalidade de Wordsworth que descrevem bem a sua atitude perante a vida:

*Though nothing can bring back the hour
Of splendour in the grass, of glory in the flower;
We will grieve not, rather find
Strength in what remains behind;*

Todos lhe reconhecemos a integridade profissional, a inteligência, a visão inspiradora, e a vontade concretizadora do lema: “A melhor forma de prever o futuro é inventá-lo”, que adotou no programa com que concorreu ao seu primeiro mandato como reitor. Dedicou o seu melhor esforço e muito da sua vida pessoal à Universidade do Minho. A determinação em cumprir cada missão fez-lhe esquecer a própria saúde e isso infelizmente levou-o a uma etapa “em que a minha condição determina os meus dias e as minhas horas”.

Homem de família, os seus filhos eram o seu orgulho e a sua alegria. Fruto do amor à sua querida esposa, com quem partilhou muitas décadas, uma vida, desde a juventude. Cruelmente não pôde ver crescer as suas três netas e os seus dois netos, a sobremesa da vida, mas era feliz, por serem muitos. À família, deixo uma palavra sentida, de solidariedade na dor.

Aristóteles define e reflete longamente sobre a disposição de carácter que deu o título a este texto de homenagem. Para mim, ter convivido com Professor António Guimarães Rodrigues foi um enorme privilégio.

GUIMARÃES RODRIGUES: UM TIMONEIRO DETERMINADO NA DEFESA DA UMINHO

Leandro S. Almeida

Professor Catedrático da Escola
de Psicologia da Universidade do Minho

Conheci mais de perto Guimarães Rodrigues aquando das funções de vice-reitor, para a área do ensino, durante o seu segundo mandato como Reitor. Mesmo assim, já no decurso do primeiro mandato deu para entender que era uma pessoa de princípios, convicções e muito determinado nas suas crenças e posições. Nesse seu primeiro mandato, estava ele como Reitor e presidia eu ao Instituto de Educação e Psicologia. Como tinha concorrido nessa altura à reitoria numa outra lista antecipei algumas dificuldades no relacionamento; no entanto isso não aconteceu. Aliás recorro a desilusão de algumas pessoas que tendo afirmado o apoio à sua candidatura não viram isso converter-se, *a posteriori*, em algumas atenções...

Durante este seu primeiro mandato, face a dificuldades de orçamento da UMinho que ele próprio incansavelmente denunciava nas cerimónias do “Dia da Universidade”, aproveitando a presença de alguns políticos e a cobertura pelos *media*, decidiu a apropriação pela Reitoria dos saldos existentes nas escolas. Nessa altura o Instituto de Educação e Psicologia (IEP) tinha um bom saldo decorrente dos cursos de pós-graduação (mestrados e doutoramentos) e prestação de serviços, e certo que lhe foi retirado um milhão de euros da sua conta. Com o meu vice-presidente, Professor Bento Duarte Silva, decidimos protestar. Nessa altura, o Reitor nos informou que essa verba iria ser recolocada no saldo orçamental do IEP no início do ano financeiro seguinte, tendo cumprido a sua palavra! Em síntese, não existiu da sua parte qualquer ressentimento pelo fato de termos estamos em listas opostas de candidatura

à reitoria, nem foram criadas dificuldades ao IEP presumidamente uma das escolas que menos o apoiou na sua primeira eleição como Reitor.

Foram tempos difíceis (a nível financeiro), mas os seus mandatos coincidiram com a afirmação regional, nacional e internacional da UMinho. Recordo a conclusão de edifícios que instalaram as novas Escolas, a criação de estruturas internas de avaliação e qualidade ou a adequação da oferta formativa às orientações de Bolonha. Neste quadro, recordo uma das suas decisões de bastante impacto institucional, estando eu já na sua equipa reitoral. A reitoria tinha decidido avançar junto da *European University Association* (EUA) com uma avaliação institucional da UMinho, por sinal a primeira universidade portuguesa a tomar essa iniciativa. No fecho da sua visita e atividades de avaliação, a Comissão deixou as primeiras notas orais da sua avaliação, e futuro relatório, e uma delas não agradou ao Reitor: a UMinho tinha uma boa estrutura, organização e projetos, contudo a Comissão não conseguia atribuir uma classificação de “Muito Bom” em virtude de duplicar na sua estrutura organizativa duas escolas de Educação e dois departamentos de Matemática. Recordo o desapontamento e a pergunta do Reitor: quando terminam vocês o vosso relatório? Certo que nesse fim de semana tinha tomado uma decisão: por despacho agregou o Instituto de Estudos da Criança (IEC) ao Instituto de Educação e Psicologia (IEP), e uma decisão similar tomou relativamente aos dois Departamentos de Matemática. Partilhada esta decisão com o Presidente da Comissão da EUA, certo que umas semanas depois a UMinho recebia o relatório dessa avaliação com a classificação desejada “Muito Bom”.

Na altura pediu-me para liderar a fusão IEC/IEP, tendo acedido nessa nomeação, mas alertei da grande dificuldade e clima de tensão que essa decisão reitoral ia ter nas pessoas. Ainda lhe perguntei se não seria melhor primeiro falar com as pessoas, ao que me retorquiu “pensas que alguma vez estão dispostas a discutir esta possibilidade e a criar alguma disponibilidade para a mesma?” Sabia perfeitamente o alcance daquilo que ele dizia pelo historial de fraca cordialidade e de conflituosa convivência das duas Escolas; na verdade não lhe passava pela cabeça que a UMinho pudesse ficar prejudicada nesta avaliação por situações entendidas externamente, e também por alguma parte da academia, como duplicação desnecessária de recursos e projetos. Estava nas mãos do Reitor uma responsabilidade institucional, e

não se furtou a tomar a decisão. Na sua forma de liderança e governo, não se tratava de não ouvir os outros ou de não valorizar contributos, mas como timoneiro reservava-se o direito de avançar com uma solução por si criada quando não lhe eram dados *inputs* ou alternativas credíveis.

Tomada uma decisão, não voltava atrás. Premeditava bastante no objetivo, no processo, na sequência de passos, no resultado desejado e nas consequências, mas tomada a decisão penso que não voltava atrás. Se para um dado problema solicitava a nossa análise e sugestões, era certo que, se no *timing* fixado nada lhe levássemos, quase de certeza que uma decisão estava por si tomada e dificilmente reconsiderava. Tinha um estilo particular de liderança: a participação dos seus colaboradores deveria ocorrer nos tempos acordados. Preocupado com a afirmação regional, nacional e internacional da Universidade, defino Guimarães Rodrigues como um timoneiro de princípios e convicções, muito dedicado e determinado na defesa do que entendia ser melhor para a UMinho!

EM MEMÓRIA DO PROFESSOR ANTÓNIO GUIMARÃES RODRIGUES

Luís Amaral

Professor Associado da Escola
de Engenharia da Universidade do Minho

Não é fácil traduzir em palavras o meu sentir sobre António Guimarães Rodrigues. Porque foi e é marcante na minha vida, como um exemplo com que tento aprender.

Permitam-me que partilhe muito brevemente três momentos, que traduzem a forma como vejo a minha relação com o Professor Guimarães Rodrigues.

Enquanto Professor

Fui seu aluno em 1982 em Investigação Operacional II. Era um Professor reconhecido e muito respeitado, temido até, com aquele seu ar austero e corpulento, mas sempre pronto para ouvir e ajudar. O Guilherme Pereira e o António Cunha entre muitos outros, lembrar-se-ão dos seus famosos acetatos e da forma imperturbada com que os continuava a utilizar, mesmo quando a energia elétrica faltava e só ele os conseguia ler... Era para todos um exemplo, admirado, e julgo que a muitos influenciou a prosseguirem a carreira académica.

Enquanto Presidente da Escola de Engenharia

Já em 1999, acompanhei-o a Moçambique para o lançamento do que viria a ser o primeiro Mestrado em Engenharia em Moçambique. O Mestrado em Sistemas de Informação em parceria com o ISCTEM (Instituto Superior de Ciências e Tecnologias de Moçambique). Um projeto que ele apoiou entusiasticamente e com a teimosia que também lhe era característica, conseguiu

levar por diante. Foi a primeira vez que voltou à sua "Lourenço Marques" depois de ter sido forçado, pelos tempos, a abandoná-la. Logo na primeira manhã, um sábado, diz-me: "vamos dar uma volta para ver se consigo reconhecer alguma coisa...". Foram 7 horas a andar pelas ruas da cidade, com mil histórias contadas. Parecia que ainda ali vivia. Uma viagem no tempo. Uma fusão de saudade com a vontade de contribuir para aquela terra que ainda sentia como a sua terra.

Enquanto Reitor

Em 2006 conduziu um processo de profunda e verdadeira Transformação Digital da UMinho (ainda não se chamava assim na altura) promovendo o Programa Campus Virtual sob o lema "Construir a Universidade sem muros". Chamou-me a coordenar este processo e depois, já como Pró-Reitor a continuar a acompanhá-lo até 2009. Foi nesse período que pude testemunhar mais intensamente todas as suas qualidades. Homem de profundas convicções e de uma verticalidade inabalável. Ultra-trabalhador. Tão rigoroso quanto exigente. Líder, pelo exemplo. Fiel aos que conseguiam merecer a sua confiança.

Um Amigo. Fica-me a saudade...

AGR – O HOMEM E OS VALORES

Luís Carlos Fernandes

Técnico Superior, Universidade do Minho

Em 2002, o meu caminho cruzou-se com o do Professor Guimarães Rodrigues, no momento em que ele assumiu as rédeas como Reitor da Universidade do Minho. Desde então, fui testemunha da sua notável capacidade de trabalho e devoção incansável à comunidade académica.

Guimarães Rodrigues destacava-se não apenas como um líder, mas como um homem de valores inabaláveis. A sua ética, solidariedade e respeito pelo próximo não eram apenas palavras, mas princípios pelos quais ele vivia e liderava. Trabalhar sob sua direção foi um privilégio que me enriqueceu pessoal e profissionalmente.

O seu legado é verdadeiramente singular. Sob a sua liderança, a Universidade do Minho transformou-se numa instituição sem muros, aberta e comprometida com a sociedade. Ele entendia que a verdadeira excelência académica só poderia ser alcançada através da inclusão e da participação ativa da comunidade.

Além disso, Guimarães Rodrigues demonstrou uma competência e rigor excecionais ao lidar com um período de severas alterações no sistema de ensino superior em Portugal. A sua abordagem firme, porém compassiva, permitiu que a universidade navegasse por essas mudanças com sucesso, mantendo sempre o foco na qualidade e no compromisso com a excelência.

Hoje, recordo não apenas as suas realizações, mas o impacto duradouro que ele deixou em todos aqueles que tiveram a honra de conhecê-lo e trabalhar ao seu lado. Que o seu legado continue a inspirar e orientar gerações futuras, lembrando-nos sempre da importância da ética, da solidariedade e do respeito mútuo.

O NOSSO REITOR ANTÓNIO GUIMARÃES RODRIGUES: CLARIVIDÊNCIA, DEDICAÇÃO E ESPÍRITO DE SERVIÇO

Luís Lobo-Fernandes

Professor Catedrático Aposentado da Escola de
Economia e Gestão da Universidade do Minho

Em outubro de 2004, aquando do desaparecimento de sua Mãe e também de meu Pai – com um intervalo de poucas semanas – assinalava-me o Professor Guimarães Rodrigues: “Passamos agora para a linha da frente. Tal obriga-nos a ser mais exigentes connosco próprios, assegurando o testemunho que nos foi legado para os que vêm a seguir”. Um exemplo singular de humanismo e do sentido das prioridades que foi, também, seu timbre na liderança que imprimiu à instituição, tentando corresponder ao compromisso que a comunidade académica da Universidade do Minho lhe cometeu em dois mandatos sucessivos (2002-2009).

A sua ação à frente da nossa Universidade traduziu, na minha ótica, de forma particularmente feliz o papel contemporâneo das chamadas instituições mediadoras da sociedade civil em democracia, que é o de institucionalizar princípios éticos – no sentido de uma *ética da responsabilidade*.

Como cientista político, não deixaria de referir que o âmbito da atividade da sociedade civil não está diretamente relacionado com a conquista e controlo do poder. Reporta-se, sobretudo, à geração de influência e emulação na esfera pública cultural, bem como no plano da educação *lato sensu*. O papel mediador, autónomo e livre da Universidade entre o mercado e o Estado é crucial, constituindo um dos expoentes do enraizamento e da pujança da própria sociedade civil. Neste sentido, hodiernamente, o revigoramento da responsabilidade social da Universidade está associado à ideia de maior

autonomia. Devo dizer que pude compulsar ao longo dos anos - e mais de perto enquanto um dos seus pró-reitores durante o segundo mandato - um entendimento notável da sua parte em relação a uma ideia apuradíssima de autonomia e de liberdade da instituição universitária. Tal foi mesmo um dos aspetos que mais me impressionou no seu exercício reitoral.

Outra vertente que descortino no seu agir, foi o sentido da inovação e do papel da imaginação, e, também, da diferenciação e competição salutar, planos intrínsecos ao *corpus* universitário. Não teve receio de “ir a jog”, de comparar a *sua* Universidade com as demais. A aspiração modernizadora, no sentido mais interessante do crer e também do querer que imprimiu ao seu trabalho, fez com que o desempenho da Universidade do Minho desse um salto qualitativo iniludível naquela década. Posso – e devo – sublinhar que desde que me propiciou a honra de integrar a sua equipa reitoral, em julho de 2006, senti mais de perto a marcação de um passo e de um ritmo particularmente ambiciosos.

Compartilho um episódio ilustrativo a propósito do pedido da Assembleia da República para a elaboração de um *parecer* da Universidade do Minho sobre o Tratado de Lisboa, recebido nos últimos dias de Janeiro, cujo prazo era 08 de Fevereiro de 2008. Pude testemunhar a preocupação do nosso Reitor em relação ao cumprimento estrito do prazo que – em bom rigor – era para si a medida de todas as coisas: ou cumpríamos o repto ou não valeria a pena! E, o parecer institucional, que eu próprio coordenei, seguiu na data apazada. Pouco tempo depois soubemos através do secretário do CRUP que a Universidade do Minho foi a única instituição de ensino superior que fez chegar atempadamente à AR o respetivo documento. Ora, esta foi a regra geral do seu exercício reitoral em todas as matérias.

Outra nota forte, que recordo em especial, prende-se com a homenagem que o Professor Guimarães Rodrigues proporcionou no Salão Nobre da Reitoria, no dia 23 de julho de 2008, ao Prémio Nobel da Paz e presidente da República Democrática de Timor-Leste, José Ramos Horta - que viria ulteriormente a convidar-me para ser o orientador da sua tese de doutoramento em Ciência Política e Relações Internacionais na nossa Universidade. Aquele foi, sem dúvida, um momento singular para a nossa instituição porquanto a Universidade do Minho foi escolhida pelo presidente timorense para palco do seu primeiro ato público logo que chegou a Portugal, depois da tentativa de

assassinato que sofrera poucos meses antes. Foi, no meu entender, um evento que sintetizaria bem a ação do Reitor Guimarães Rodrigues na vertente da cooperação internacional. Projetou, assim, uma Universidade especialmente atenta às circunstâncias internacionais e às novas exigências externas.

Vivemos hoje um contexto dilemático em que a violência política explícita em nome de convicções desditosas coloca as sociedades perante expressões inusitadas de barbarismo. Os ressentimentos e os recalcamientos impressos na história dos povos são, como sabemos, extremamente perigosos. É, também, papel da Universidade moderar esses ímpetos, projetar racionalidade, corrigir trajetórias, e apontar caminhos de prosperidade. Penso que o Professor António Guimarães Rodrigues contribuiu para adensar esse entendimento – apanágio de toda a instituição – na senda, entre outros, de Lúcio Craveiro da Silva e de Sérgio Machado dos Santos.

Algumas instâncias especiais definem percursos. Foi, seguramente, o caso de Guimarães Rodrigues. Presto-lhe aqui homenagem também por isso. É que o carácter *hipermetropolitano* e o pendor fortemente *centralista* das elites portuguesas ditam, em grande medida, as escolhas públicas, e não é fácil gerar iniciativas de alcance nacional a partir de uma condição estruturalmente “periférica”. A Ciência Política sobre o Sul da Europa é consistente no plano teórico, e evidencia precisamente esse padrão de distorção característico da cultura cívica portuguesa. Enfim, não oculto o privilégio que foi para mim, enquanto investigador deste domínio do conhecimento, fazer parte daquele tempo pungente, do qual foi magnífico fautor.

Neste ensejo, faço questão de evocar o facto de me ter convidado para proferir o elogio de circunstância do presidente Joaquim Chissano por ocasião da outorga do doutoramento *honoris causa* em Relações Internacionais pela Universidade do Minho, no dia 17 de fevereiro de 2005. Cumpre-me ainda sublinhar a experiência de uma deslocação em serviço a Moçambique, em julho de 2008, integrado numa delegação oficial da UM, cujo resultado foi a assinatura de vários protocolos de cooperação interuniversitária, que eu designaria de verdadeiros convénios de *nova geração*, que “fariam escola” com outros países de língua oficial portuguesa.

Sendo um dos “neófitos” da sua Equipa Reitoral no segundo mandato, quero igualmente sublinhar a confiança que me foi então expressa, bem como sublinhar o imenso prazer que foi servir a Universidade do Minho – onde

tinha entrado como Aluno em 1977 – bem como, diga-se, o todo da comunidade nacional, no seio daquele magnífico *team*. Faço questão, também, de afirmar que foi necessário fazer frente a mentes apoucadas e a algum miserabilismo que teima em campear. O Professor Guimarães Rodrigues foi corajoso “por esses quintais adentro”, como cantava Zeca Afonso. Denunciou a cobardia e encolhimentos oportunistas. Com efeito, a Universidade do Minho sob a sua liderança não tergiversou. Mais: mostrou que se pode articular uma postura crítica e uma cultura de dissenso – aliás, atributo do conjunto da sua Equipa – a partir de posições de responsabilidade e de autoridade. Cumpre dizer que aquela atitude de inteligência e, como tal, de tradução viva do próprio espírito universitário, talvez tenha sido o mote mais interessante da sua “magistratura” de cerca de oito anos. E, isso, orgulha-me imensamente! O seu esforço foi, por maioria de razão, exemplar. Esse grande espírito de serviço impeliu-me a tomar a iniciativa pessoal de propor ao Presidente da República a atribuição de uma comenda de mérito, a qual viria a ser concedida no ano de 2023.

Assim, deixo registado este público testemunho da sua clarividência, dedicação, e trabalho em prol da Academia que certamente muito honrariam *Atenas!*

FAZES-NOS FALTA, TOZÉ

Manuel Mota

Professor Catedrático Emérito
da Universidade do Minho

O Professor António José Marques Guimarães Rodrigues nasceu em Lourenço Marques, Moçambique.

Por pouco não o encontrei por lá, mas a diferença de idades não proporcionou esse encontro, apesar de eu ter vivido em Lourenço Marques (hoje Maputo) durante vários anos. Andava ele no 2º ciclo liceal e já eu estava na Metrópole (como nessa altura se dizia) para frequentar o Ensino Superior, pois as Universidades Novas ainda não existiam. A minha irmã e o meu irmão mais novo conheceram muito bem o Tozé.

Um dos fatores da nossa aproximação em Braga foi, sem dúvida, a saudade e o amor a Moçambique. Fui para Moçambique com 4 anos de idade, sendo o meu pai magistrado judicial. As obrigatórias e periódicas transferências do meu pai acabaram por me proporcionar uma profunda ligação à terra moçambicana. Conheci praticamente todo o maravilhoso litoral, tão bem representado pela filatelia que retratava os peixes multicolores. Conheci também a fauna, não só por via da Gorongosa, mas também pela filatelia da fauna terrestre. Fui impregnado pela vasta e múltipla variedade das etnias. Quando frequentei o liceu, havia africanos nas carteiras ao meu lado, mas também hindus, muçulmanos, goeses católicos, chineses budistas, gregos ortodoxos e ingleses protestantes. Esta gente tão diversa, mas capaz de partilhar a sua cultura, acolhia a inclusão da diferença e trazia as roupagens, os móveis, as casas e a religião, as festas periódicas, onde se exibia a culinária com a respetiva paleta de odores, as danças, as canções e os instrumentos musicais.

A saudade de Guimarães Rodrigues era também a minha. Contava-me ele que, tendo ido em missão pela Universidade do Minho a Moçambique,

ficou maravilhado quando, ao abrir-se a porta do avião à chegada a Maputo, voltou subitamente ao passado ao aspirar aquele odor tão rico de histórias.

O Tozé convidou-me para Vice-Presidente da Escola de Engenharia da Universidade do Minho, tendo eu e ele exercido 2 mandatos na Escola, perfazendo 4 anos, entre 1997 e 2000. Seguidamente, concorreu para Reitor da Universidade do Minho e convidou-me para Vice-Reitor, também para 2 mandatos, com outros colegas da equipa reitoral, todos sempre amigos. Falta-nos muito o nosso guia.

Provavelmente foi o seu moçambicanismo que contribuiu para que os nossos dois mandatos tivessem conseguido, entre marés e tempestades, concretizar o programa delineado por toda a equipa. Para além da sua capacidade de trabalho, maior era a sua capacidade negocial, a sua tolerância, assim como a sua capacidade de gestão e planeamento. Dizia-me ele, citando uma frase do Doutor Vasco Soares de Melo, último Governador Geral de Moçambique, que, e cito, ” Quando estamos numa mesa de negociação, a primeira abordagem que devemos adotar é de nos pormos na posição do outro”.

Fazes-nos falta, Tozé, não te esqueceremos.

UM REITOR AMIGO E UM COMPANHEIRO DE VIAGEM

Manuel Sousa Fernandes (Sr. Fernandes)

Motorista do Professor Guimarães Rodrigues

Falar do Professor Guimarães Rodrigues não é tarefa fácil. A emoção apodera-se de mim quando recordo as vivências que tive com ele durante os sete anos em que foi Reitor. Para mim, ele não era apenas o Reitor, era como um pai, um amigo. Um amigo verdadeiro. Durante os muitos anos em que estive ao seu lado, conduzi-o em inúmeras viagens e em cada uma delas sentia que levava comigo muito mais do que um Reitor. Levava uma pessoa generosa, um ser humano incomparável.

O Professor Guimarães Rodrigues era conhecido por abrir as portas do seu gabinete a todos — desde os colegas, professores e funcionários, até aos estudantes.

Lembro-me de como as nossas viagens para Lisboa tinham rituais próprios: as paragens obrigatórias no Pedro dos Leitões, e claro, o café e o cigarro, companheiros inseparáveis dessas longas horas de estrada. Mesmo nesses momentos de pausa, ele nunca deixava de trabalhar. O pensamento dele estava sempre a fervilhar, refletindo sobre a Universidade, os seus estudantes, e o futuro. Mas havia sinais que eu, como outros que estiveram sempre ao seu lado, aprendi a interpretar. Quando começava a mexer no cabelo, eu sabia que algo o estava a incomodar... era um gesto discreto, mas revelador de uma mente sempre ativa, às vezes preocupada com o peso das responsabilidades.

Mas por mais atarefado que fosse, o Professor Guimarães Rodrigues não se esquecia das pessoas à sua volta. Todos os anos, na época de Natal, lembrava-se de mim e da minha família. Tinha sempre uma palavra amiga, um gesto de carinho.

Todos os dias de manhã, antes de o ir buscar a casa, ia-lhe comprar três maços de cigarros Português Suave, um pacote de rebuçados Vita C de Laranja e às vezes um isqueiro. Era uma rotina.

Uma das boas recordações que guardo é a da receção dos colegas e estudantes da Universidade na sua casa, junto da sua família, na época dos Reis. O Professor abria as portas da sua casa sempre com um sorriso, era evidente o quanto ele gostava de receber a sua família académica. Essas eram ocasiões em que a sua generosidade e calor humano se tornavam evidentes para todos.

A amizade entre ele e o Professor Lúcio Craveiro da Silva, outro grande homem, era algo bonito de se ver. Dois gigantes da Universidade. O Professor Guimarães Rodrigues estava sempre disponível para ajudar o amigo.

E, para terminar, um detalhe que poucos sabiam, mas que ele contava com orgulho: era conhecido do grande Eusébio! Mais uma prova de que o Professor Guimarães Rodrigues tinha uma vida rica em histórias e amizades que transcendiam os muros da Universidade.

O Professor Guimarães Rodrigues não era apenas o meu chefe. Era o meu amigo, o meu companheiro de estrada. Humanamente, foi o melhor Reitor que já conheci.

DO TETRIS A CONFÚCIO

Maria Madalena Araújo

Professora Catedrática da Escola
de Engenharia da Universidade do Minho

Conheci o Professor Guimarães Rodrigues na Primavera de 1981, numa entrevista muito breve, aí de uns cinco minutos, num gabinete do Palácio de Vila Flor, em Guimarães, enquanto arrumava acetatos e papéis numa pasta preta dura, que tinha em cima da secretária. E esteve sempre de pé. Pareceu-me muito estranho! Era Director de Departamento, e eu tinha sido enviada pelo Professor Barbosa Romero, decano do Departamento de Produção e Sistemas (DPS).

Não resisto a um muito breve resumo histórico desse período. Acabei transferida do Departamento de Engenharia Química da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra para o DPS, em agosto de 1981. E passei a lidar com o Professor Guimarães Rodrigues desde então, a assistir a aulas dele de IO – Investigação Operacional, enquanto preparava Métodos Numéricos para poder substituir a Professora Edite Fernandes, que estava próxima de uma licença de parto, e Análise de Custos I, com apontamentos do Professor Romero.

Estávamos instalados nos Pavilhões pré-fabricados da Rodovia, em Braga, e nessa altura o Professor Guimarães Rodrigues partilhava um gabinete acanhadíssimo, à entrada do pavilhão, com o Professor Virgílio Azulil Páscoa Machado. Éramos poucos no DPS. Para além deles e da Edite, e referindo apenas os que se mantiveram no DPS, havia o Tavares de Oliveira e não me lembro de mais ninguém. O Sílvio pertencia ao DPS mas estava em Inglaterra, só o conheci em 1987. E o Professor Romero estava destacado no INETI, em Lisboa.

Era tudo bem novo para mim, assim como o ambiente. Duas vezes ao dia lá íamos ao café juntos, ali próximo, em frente à Gulbenkian. Eram

oportunidades para ouvir e aprender. Mas, para quem vinha de uma Universidade clássica como Coimbra, a facilidade de contacto com os “colegas” seniores, sem qualquer distanciamento, era surpreendente. Recordo também aqueles momentos a seguir ao almoço, de preparação para voltar ao trabalho, em que quem entrasse no gabinete do Professor Guimarães Rodrigues, já de um único ocupante, noutra zona do Pavilhão, no CCES, via o écran do computador a dançar freneticamente com o Tetris. E fez escola, como o verdadeiro mestre, que era. O hábito generalizou, particularmente entre os IOs. Qualquer IO que se prezasse devia jogar Tetris.

As reuniões de Departamento tinham lugar numa sala interior, com cerca de 9 m², junto à secretaria da Escola de Engenharia, completamente toldada pelo fumo do tabaco, pois quase todos fumavam na altura.

Foi neste ambiente que tive oportunidade de ir conhecendo melhor o Professor Guimarães Rodrigues. Como professor, deu perfeitamente para perceber o rigor, empenho e dedicação que colocava na preparação das aulas e matérias a transmitir. O respeito pelos alunos e a permanente preocupação com o binómio ensino-aprendizagem granjearam-lhe uma fama merecida de excelente professor, mas muito exigente.

Como responsável científico, a preocupação com a formação dos docentes, no preenchimento de lacunas detetadas, levava a um trabalho de equipa com todos os docentes do Departamento, orientando os que tinham de adquirir formação e buscando informação para encontrar destinos de reconhecido mérito. O Professor Romero esteve sempre presente nestes processos, também, apesar de destacado em Lisboa.

Os cursos de Engenharia começaram por ser todos de Produção, e tínhamos bastante trabalho de responsabilidade e representação em comissões de curso. Havia o trabalho de preparação de todas as disciplinas de raiz, a leccionação e o trabalho de coordenação pedagógico. Restava muito pouco tempo para investigação, nesses primeiros anos.

Foram tempos difíceis, mas cheios de desafios, que o Professor Guimarães Rodrigues sempre abraçou com confiança responsável. Um dos mais importantes surgiu em 1984, 1985 com a criação dos subgrupos disciplinares e as áreas científicas do DPS. Pouco depois as sucessivas alterações de planos de estudo dos cursos de Engenharia de Produção – Ramo Tecnologia levaram a uma mudança radical de paradigma, com o surgimento dos cursos

de Engenharia Tecnológicos “puros”, empurrando o DPS para a criação da sua Engenharia de Produção “pura”, com oferta de conjuntos de especialidades tecnológicas. Esta decisão acarretou grandes consequências para o DPS, que perdeu o protagonismo inicial. Foi um processo moroso e complicado, que levou a grandes e calorosos debates.

Particularmente importante foi a reestruturação da anterior licenciatura de Engenharia de Produção – Ramo Sistemas em Engenharia de Sistemas e Informática. E o Professor Guimarães Rodrigues foi um dos principais obreiros desta reestruturação, em conjunto com o Tavares de Oliveira.

No início dos anos 90 já o DPS tinha uma dimensão de docentes de carreira significativa. Grande parte estava em formação, equiparados a bolseiro para doutoramento no estrangeiro, mas os subgrupos já tinham liderança própria e condições para singrarem sem exigirem permanente atenção dos “fundadores” do DPS. Foi um período de dedicação a outras causas públicas também muito relevantes para o DPS – a Escola de Engenharia. Foi Vice-Presidente da Escola no biénio 1995-1996, e de seguida Presidente em dois biénios consecutivos, 1997-98 e 1999-2000. Introduziu uma gestão baseada em modelos quantitativos. Não vou enumerar todos os desenvolvimentos conseguidos, apenas os que tiveram maior impacto:

- *template* para formatar os relatórios de biénio permitindo uma apreciação quantitativa do desempenho dos docentes, e conseguindo transformar a sua utilização numa rotina periódica, sucessivamente melhorada. São particularmente úteis para detetar problemas de desempenho insuficiente.
- Instituiu a celebração do aniversário da Escola com divulgação na sociedade, em particular dos potenciais clientes-alunos (escolas secundárias), e divulgação interna da investigação científica em curso (doutoramentos e projetos).
- Reanálise das áreas científicas e pedagógicas da Escola de Engenharia – Workshop da Escola de Engenharia, permitindo um mapeamento das capacidades e potencialidades da Escola. Gerou discussão interna em cada departamento, para caracterizar as suas áreas desde as prioritárias às de fronteira com outros departamentos, e detetando potenciais sinergias provenientes da colaboração entre departamentos.

Percebeu-se onde haviam sido alocados os recursos de formação de pessoal docente com mais clareza, tanto em cada departamento como entre departamentos. A Escola conheceu-se e deu-se a conhecer. E em tempo recorde, graças à estrutura matricial, dinamizou a criação de cursos multidisciplinares, envolvendo vários departamentos, como os cursos de Engenharia de Materiais e Engenharia Biomédica. Este enorme projeto deixou as bases para o Presidente da Escola que se lhe seguiu avançar com a internacionalização da Escola de Engenharia e a aposta na ligação com o exterior.

Sucedeu ao Professor Romero na Presidência da Assembleia do DPS, onde nos inquietava e desassossejava para o futuro, colocando temas e questões pertinentes, que ainda mal conseguíamos entrever.

E, como era natural, candidatou-se a Reitor e ganhou. Foi Reitor em dois mandatos consecutivos, de 2002 a 2009. Voltou a enfrentar desafios cada vez mais exigentes e a todos deu a cara. Nem sempre foi bem entendido nas suas decisões. Teve de resolver problemas financeiros inéditos, etc., etc... E conseguiu trazer o Instituto Confúcio para a UM. Ou seja, num quarto de século mostrou-nos como se passa do Tétris para Confúcio, num percurso estruturado e sustentável.

Obrigada pelos ensinamentos, dedicação, empenho, rigor, princípios éticos e exemplo. Até sempre, Chefe!

PROFESSOR GUIMARÃES RODRIGUES: O EXEMPLO QUE MOLDOU A MINHA CARREIRA ACADÉMICA

Maria Sameiro Carvalho

Professora Associada da Escola
de Engenharia da Universidade do Minho

Escrever sobre o Professor Guimarães Rodrigues é um desafio difícil para mim por ter a sensação de que qualquer testemunho que possa dar ficará sempre muito longe de descrever a sua personalidade, obra e contributo para o Departamento de Produção e Sistemas (DPS), a Escola de Engenharia, a Universidade do Minho (UMinho) e a comunidade. Aproveito esta oportunidade para partilhar, muito brevemente, a forma como ele marcou a minha vida profissional, o meu percurso académico e o privilégio que foi conhecê-lo.

À semelhança de muitas centenas de alunos que frequentaram os cursos de engenharia da Universidade do Minho, o meu primeiro contacto com o Professor Guimarães Rodrigues aconteceu nas aulas da disciplina de Investigação Operacional (3º ano de Engenharia), disciplina anual com fama de ser “o cadeirão”. O Professor Guimarães Rodrigues, regente e docente da disciplina, era considerado uma pessoa muito exigente e até um pouco austera, o que intimidava os jovens a meio do processo de obtenção da sua licenciatura (de 5 anos, à data). Como aluna pude testemunhar a sua notável competência, rigor e profissionalismo que, de alguma forma, viriam, mais tarde, a moldar o meu crescimento e desenvolvimento como docente. E foi através do Professor Guimarães Rodrigues que tive o meu primeiro contacto com a área de Investigação Operacional (IO) que marcaria também o meu futuro profissional. Os seus profundos conhecimentos dos temas abordados inspiraram, em mim, um enorme respeito e admiração e despertaram o gosto pela área da IO. Era a primeira vez no curso que encontrava uma área cuja aplicação prática era, para mim, óbvia: a oportunidade de fazer uma

diferença significativa em diversas áreas pela capacidade de transformar dados e modelos matemáticos em decisões práticas e com impacto na tomada de decisão das organizações/empresas.

Mais tarde, em 1985, surge a oportunidade de colaborar como monitora do Departamento de Produção e Sistemas da UMinho, na área da IO e, em 1987, de entrar na carreira académica como assistente estagiária do DPS, para o grupo de Otimização e Investigação Operacional (OIO), que o Professor Guimarães Rodrigues liderava. Estávamos instalados nos pavilhões verdes da rodovia, em condições algo precárias, mas onde o ambiente que se vivia foi uma agradável surpresa. Já conhecia o rigor e competência do Professor Guimarães Rodrigues como aluna, mas a sua personalidade forte de académico e de líder, criando um ambiente de aprendizagem, respeito mútuo e de colaboração, foram marcantes no início da minha carreira académica enquanto lecionava as aulas teórico práticas das disciplinas de IO e Simulação aos cursos de Engenharia. O grupo de OIO era relativamente pequeno, mas vivia-se um clima de camaradagem e convívio, com o Chefe (forma amigável como os colegas mais próximos se referiam a ele) a liderar as atividades pedagógicas e de investigação e a realização ou participação em eventos. No Chefe, apreciávamos a sua capacidade de trabalho, energia e inteligência, mas também a sua amizade e camaradagem.

A visão que tinha para o grupo de OIO e DPS sempre foi para ele muito clara e isso foi determinante em alguns momentos da minha carreira, como a escolha da área da gestão dos transportes para realização do mestrado e do doutoramento na Universidade de Leeds, Inglaterra, ou a motivação e apoio nas primeiras etapas da minha carreira académica.

Como verdadeiro líder levava as equipas consigo e tudo fazia para garantir, de forma firme e assertiva, que os diferentes projetos em que se envolvia eram concluídos com sucesso. E aconteceu assim não só no DPS, como na Escola de Engenharia e na UMinho, deixando em todos nós uma marca profunda e uma profunda saudade.

É difícil expressar adequadamente a gratidão que sinto em relação ao Professor Guimarães Rodrigues. A sua influência positiva na minha vida académica como líder e mentor vai muito além do que as palavras podem descrever. Se tivesse de escolher algumas *keywords* para este breve resumo, em jeito de publicação científica, seriam sem dúvida estas: Visão; Competência; Inteligência; Determinação; Liderança.

GUIMARÃES RODRIGUES: EXEMPLO DE INTEGRIDADE, EXIGÊNCIA, RIGOR E ÉTICA

Paulo J. S. Cruz

Professor Catedrático da Escola de Arquitetura,
Arte e Design da Universidade do Minho

Do período em que o Professor A. Guimarães Rodrigues presidiu à Escola de Engenharia (1997-2000) guardo a memória, enquanto na altura docente do Departamento de Engenharia Civil, da disciplina e eficácia das reuniões do Conselho Científico e a visão e rigor com que procurava comprometer os Departamentos na comparticipação de verbas estratégicas.

Nos anos seguintes, em que o Professor A. Guimarães Rodrigues viria a exercer o cargo de Pró-Reitor (2001) e posteriormente de Reitor da Universidade do Minho (a partir de 2002), fui Diretor Adjunto do Departamento de Engenharia Civil (2001-2003) e Diretor do Departamento de Engenharia Civil (2003-2004). Nesse período tivemos um contacto mais próximo, necessário à concretização do desafiante projeto de beneficiação de uma antiga ala de instalações do Bloco B, em Azurém, que viria a ser ocupada pelo Departamento de Engenharia Civil. Desse tempo destaco, ainda, o Despacho RT-69/2002, pelo qual passei a integrar a Comissão Científica do Departamento Autónomo de Arquitetura.

A 6 de outubro de 2004, através do Despacho RT-44/2004, viria a ser nomeado Presidente do Departamento Autónomo de Arquitetura, com delegação de competências legais e administrativas equivalentes às de Presidente de Escola, sob tutela direta do Reitor. O principal encargo transmitido no convite que, uns dias antes, recebi do Reitor A. Guimarães Rodrigues foi o de, no prazo de dois anos, conseguir demonstrar uma inequívoca aceleração na formação do corpo docente desse Departamento. Criar as condições

adequadas a essa exigente etapa de formação, bem como implementar uma metodologia de acompanhamento eficaz, constituíram preocupações centrais do mandato que então iniciei.

Desse longo período de contacto, muito estreito e profícuo, recordarei sempre a sua preocupação permanente e a sua vontade intransigente de criação de condições para a instalação de uma cultura de investigação, com repercussão no ensino, nomeadamente através dos programas de Qualidade e de atribuição de verbas especiais para beneficiação das condições laboratoriais.

Dos últimos dias de 2008 recordo a sua alegria efusiva pela publicação no Jornal da Comunidade Europeia, no anexo V à Diretiva Europeia, do curso de Licenciatura em Arquitetura pela Universidade do Minho, que entrou em funcionamento no ano letivo de 1997/98, culminando, assim, um processo iniciado em outubro de 2006. A partir dessa data todos os alunos licenciados em Arquitetura pela Universidade do Minho passaram a ser automaticamente reconhecidos em todos os estados-membros.

Na sequência da entrada em vigor do novo Regime Jurídico para as Instituições de Ensino Superior, o Despacho normativo n.º 61/2008 aprovou a versão revista dos Estatutos da Universidade do Minho, publicada na 2.ª série do Diário da República, n.º 236, de 5 de dezembro, passando o Departamento Autónomo de Arquitetura a designar-se por Escola de Arquitetura. O artigo 116.º desses Estatutos definia um regime transitório para a Escola de Arquitetura. Neste regime, a Escola de Arquitetura regia-se por estatutos provisórios, aprovados pelo Conselho Geral, cabendo a este órgão deliberar, no prazo máximo de cinco anos, a passagem da Escola de Arquitetura ao regime de autonomia atribuído nos Estatutos da Universidade às unidades orgânicas de ensino e investigação. O Conselho Geral deveria avaliar a dimensão e perspetiva de crescimento da estrutura de recursos humanos da Escola, tendo em conta referenciais nacionais e internacionais nesta área.

Em 27 julho de 2009 foi entregue ao Reitor A. Guimarães Rodrigues um relatório detalhado com vista à sua apresentação ao Conselho Geral da Universidade do Minho, para que esse órgão pudesse apreciar o pedido de passagem a Escola. A 28 de setembro de 2009 compareci perante o Conselho Geral da Universidade do Minho, para proceder à apresentação e defesa desse relatório e participar na discussão da “Aprovação da passagem

da Escola de Arquitetura ao regime de Autonomia, bem como da aprovação dos Estatutos da Escola de Arquitetura”. Ambas as propostas foram aprovadas por unanimidade.

A Deliberação n.º 2967/2009, de 28 de setembro, publicada na 2.ª série do Diário da República nº 209/2009, de 28 de outubro, aprovou os Estatutos da Escola de Arquitetura e a passagem desta ao regime de autonomia atribuído pelos Estatutos da Universidade às outras unidades orgânicas de ensino e investigação.

Nessa data aproximava-se do fim o segundo mandato do Reitor A. Guimarães Rodrigues. Já então me apercebia que tinham sido anos de uma intensa e leal cooperação institucional entre a Escola e a Reitoria. Tenho vívida memória do seu permanente compromisso com a Escola e das suas respostas rápidas, diretas, incisivas e construtivas.

Foram muitos os assuntos que se resolveram com e-mails iniciados em torno da hora do jantar, a que tipicamente se seguia um par de iterações, noite dentro. Percorrendo a caixa do correio eletrónico encontro, ainda, inúmeras mensagens trocadas às duas e às seis da manhã.

Concluo a redação destas escuras linhas com a emocionada manifestação do meu profundo reconhecimento e sincera admiração, a que junto o penhorado agradecimento da agora Escola de Arquitetura, Arte e Design pelo seu incansável e denodado esforço e pela forma, quase paternal, como durante tantos anos tutelou, diretamente, os destinos do Departamento Autónomo de Arquitetura.

Para sempre recordarei o seu grande exemplo de integridade, de exigência, de rigor e de ética, e celebrarei o privilégio que foi contar com a sua amizade.

TRIBUTO DE HOMENAGEM A ANTÓNIO GUIMARÃES RODRIGUES

Pedro Bacelar de Vasconcelos

Professor Associado Jubilado da
Escola de Direito da Universidade do Minho

Em fevereiro de 2002, fui o mandatário da candidatura do Professor Doutor António Guimarães Rodrigues a Reitor da Universidade do Minho, um convite que muito me honrou e que assumi com o maior gosto e empenho. Fiquei assim “geneticamente” associado a esta fase extraordinária de desenvolvimento e afirmação internacional da Universidade do Minho, firmemente conduzida, ao longo de 2 mandatos consecutivos – de 2002 até 2009 – pelo Reitor eleito, o Professor Guimarães Rodrigues.

Ainda que, durante a maior parte desse período tenha continuado a desempenhar as minhas funções de docência e investigação, além das responsabilidades assumidas na Escola de Direito e no Senado da Universidade do Minho, não pude, infelizmente, aceitar o estimulante desafio que me foi lançado para integrar a nova equipa reitoral. No “Programa de Ação de Abril de 2002” que apresentou à Academia, António Guimarães Rodrigues sublinha justamente o lugar central das Escolas na estrutura singular da Universidade do Minho, define-as como “células fundamentais do funcionamento e definição estratégica da Universidade”, por nelas se encontrarem “reunidas as competências científico-pedagógicas, os recursos e a capacidade de integração que permitem complementar a definição e execução estratégica e operacional”. Em consonância com o pensamento do Reitor, entendi que devia dar prioridade às múltiplas solicitações cuja satisfação revestia importância decisiva para a afirmação e o reconhecimento científico da recém-criada Escola de Direito. Uma Escola por cuja fundação, aliás, fui um dos responsáveis, por oportuno desígnio de Sérgio Machado dos Santos, Reitor que também

soube entender a importância estratégica da inserção das ciências jurídicas na constelação de saberes da Academia.

Seria já sob a égide do novo Reitor que a Escola de Direito criou os primeiros estudos pós-graduados. Com efeito, em março de 2003, o Conselho Científico da Escola de Direito aprovou o Mestrado em Direitos Humanos e a este se acrescentaria, nos anos seguintes, a oferta de novas pós-graduações e a criação do, “Direitos Humanos – Centro de Investigação Interdisciplinar”, instituto que contribuiu decisivamente para a ampliação do prestígio e a projeção internacional da qualidade da investigação produzida pelos juristas da nossa Universidade, nos mais diversos ramos da Ciência do Direito. Também a construção do edifício onde finalmente se alojou, em instalações próprias, a Escola de Direito, iria agora ficar concluída no Campus de Gualtar.

O desenvolvimento e a metodologia aplicada na construção da Escola de Direito constituem ilustração exemplar do ambicioso plano de ação e da visão estratégica de Guimarães Rodrigues e da sua equipa, em todas as dimensões. Pela persistência na qualificação de quadros próprios, pressuposto da sua autonomia científica e pedagógica, pela consciência da importância da ligação aos interesses e aos atores regionais, pelo diálogo permanente com as outras instituições, culturais, sociais, económicas e político-administrativas, nacionais ou estrangeiras, pelo estudo e proteção do património cultural, pelo empenhamento na cooperação com os estados membros da CPLP, pela promoção de uma cultura cosmopolita de afirmação internacional, pela adoção, na sua vida interna, de práticas regulares de avaliação e prestação de contas, no estímulo, enfim, a uma convivência académica séria, exigente e digna.

Em 2006, na justificação da sua candidatura a um segundo mandato, António Guimarães Rodrigues procede ao indispensável balanço do termo reitoral cessante, sendo ali notória alguma amargura pelas dificuldades imprevistas que, todavia, mereceram a coragem e a ousadia indispensáveis para a busca de novas respostas no confronto da queda do financiamento e do decréscimo das candidaturas de admissão, num quadro de mudanças organizativas impostas por lei. Mas perante os desafios destes tempos de mudança, não há lugar para a desistência ou a resignação. Afirmava o Reitor em 2006, no limiar de um novo mandato: “A missão dos quatro anos decorridos considera-

-se cumprida na medida em que o mandato se propunha “devolver a alma à Instituição” e “inventar o Futuro.” E foi este o mote permanente do seu legado reitoral, a mobilização de toda a Instituição, o desafio à participação e responsabilização de cada um pelo êxito do projeto de todos.

E, assim, o Reitor exorta a Academia: – “E, porque a melhor forma de prever o futuro é inventá-lo, desafia a Academia para a sua construção.”

UM REITOR ÚNICO E IRREPETÍVEL... UM AMIGO GENUÍNO DOS ESTUDANTES

Pedro Couto Soares

Presidente da AAUMinho em 2007, 2008 e 2009

Na minha última intervenção como Presidente da Associação Académica da Universidade do Minho (AAUM) deixei uma mensagem para o caminho dos que me sucediam: “A olhar para o futuro, é bem certo, mas lembrando que nunca se deve ignorar o passado. Uma instituição que esquece o passado é uma instituição que ainda não atingiu a maturidade.”

Agradeço, por isso mesmo, a possibilidade de poder dar o meu contributo neste livro de homenagem ao Professor Doutor António Guimarães Rodrigues um autor incontornável e marcante da vida da nossa Universidade.

A sua partida deixou-me profundamente abalado e é com elevada responsabilidade e com extrema emoção, que aqui deixo o meu testemunho. Simultaneamente é um enorme privilégio e um motivo de grande orgulho ter a oportunidade de falar do Professor Doutor Guimarães Rodrigues certo de que muito do que direi é partilhado por muitos e muitos estudantes que com ele lidaram.

Podia demorar-me a recordar o seu enorme legado, tal como por exemplo, a criação de uma pró-reitoria para a qualidade, a nova Escola de Direito, a Escola de Ciências da Saúde, a ligação ao território, à região, a afirmação da Universidade em contexto nacional e internacional, o RepositóriUM e a posição de liderança nesta área, os novos estatutos depois do novo Regime Jurídico das Instituições do Ensino Superior (RJIES), concluindo todo o processo, mesmo antes de deixar o seu lugar de Reitor, as excelentes avaliações externas da European University Association (EUA), entre muito mais que poderia enunciar. Todos

conhecemos o seu legado, porque todos conhecemos a Universidade do Minho. Uma Universidade com uma cultura de intransigência, inconformada, responsável, crítica, criativa e aberta.

Escrever sobre o meu Magnífico Reitor está envolto em enorme simbolismo pois foi com a sua estimada presença que no Salão Medieval tomei, por três vezes, posse como presidente da Associação Académica da Universidade do Minho, o mesmo espaço onde o Professor Doutor António Guimarães Rodrigues, deu as primeiras aulas na Universidade do Minho. Em metade desse salão medieval.

O Professor Doutor Guimarães Rodrigues sempre reconheceu o papel da AAUM, tendo afirmado publicamente, e por inúmeras vezes, que “Associação Académica é um parceiro indispensável da Universidade”. Adicionalmente, as mensagens que por vezes dirigia diretamente à Academia foram sempre de uma singeleza única, expressando um estado de espírito que, no fundo, era aquilo que esperava da sua Instituição. A este propósito, gostaria de referenciar aqui aquilo que afirmou numa sessão de boas-vindas aos novos estudantes:

“...a entrada na Universidade representa sempre um privilégio, para o qual confluem o vosso esforço, o das vossas Famílias e o da Sociedade. É nossa obrigação conjugar o melhor das nossas capacidades para podermos, com ambição, ter a consciência, em todos os tempos, que cumprimos até ao limite. Devemos todos fazê-lo, afinal, com a generosidade, sentido de justiça, exigência e tolerância que caracterizam a juventude...”

Recordo alguns extratos do meu testemunho pessoal que escrevi em tempos acerca do Professor Doutor Guimarães Rodrigues. Escrevi eu na altura que:

“Desde que abracei o associativismo, na Associação Académica da Universidade do Minho, que me recordo de mensagens fortes que iam passando pelos dirigentes máximos da AAUM acerca da personalidade da figura daquele que viria a ser o Reitor de quatro Presidentes da AAUM. Personalidade forte, uma pessoa íntegra, um líder com grandes

desígnios para a sua Universidade, um amigo dos estudantes, foram algumas das qualidades apontadas.”

Quando venci a minha primeira eleição para a Presidência da AAUM, rapidamente compreendi que as suas reflexões nos guiavam para pensamentos únicos e entusiasmantes e que todas eram proferidas com uma enorme alma de quem verdadeiramente acredita na instituição. Concomitantemente, a sua sabedoria e visão aliadas a uma disponibilidade inimaginável (quantos de nós não recebemos correspondência às 4, 5 da manhã?), e a uma intransigência - ora explosiva, ora compreensiva - no cumprimento de responsabilidades (afinal quem se lembraria de marcar reuniões do Conselho de Gestão para a quinta-feira de manhã?) fizeram do Professor Doutor Guimarães Rodrigues um Reitor único.

Não é por isso de estranhar que tivesse sido na Assembleia Estatutária por ele presidida, que os estatutos da Universidade do Minho passaram a reconhecer, pela primeira vez, em 2008, a Associação Académica como a legítima representante dos estudantes. Que, apesar do novo RJIES, os estudantes asseguram uma representação digna nos órgãos de governo da universidade e que se tivesse garantido uma palavra determinante na escolha do Provedor do Estudante.

Todos são unânimes em considerar que, para o Professor Doutor Guimarães Rodrigues, a razão de ser de uma Universidade são os estudantes. Sempre os considerou e sempre reconheceu a importância dos seus representantes, fazendo-os compreender que associada à autonomia estava sempre a responsabilidade.

Dedicava a sua vida à Instituição e muito do seu tempo no diálogo com os estudantes, um diálogo sábio, analítico e com um olhar visionário, muito amplo e inconformado face ao futuro. Um exemplo de dedicação e entrega à Universidade que só podemos agradecer, um nobre Senhor que teve o privilégio de conhecer.

Era de uma grandeza humana indescritível. Abria-nos as portas de sua casa para nos receber com a grandiosidade que só os Homens sábios e respeitados sabem fazer. Era um amigo genuíno dos estudantes.

Foi por isso que escolhi para o meu último ato formal enquanto presidente da Associação Académica da Universidade do Minho e em nome dos

estudantes da Universidade do Minho, a atribuição, aprovada em Reunião Geral Alunos, do título de Sócio Honorário da Associação Académica ao Professor Doutor Guimarães Rodrigues.

O Professor Doutor António Guimarães Rodrigues foi, na melhor academia do país, um Reitor único e irrepetível...

... um amigo que nunca iremos esquecer...

O TIMONEIRO GUIMARÃES RODRIGUES: O REITOR E UM AMIGO

Roque Teixeira

Presidente da Associação Académica
da Universidade do Minho (2005-2006)

“Para além do 32º Aniversário desta casa, foi um ano de um difícil período eleitoral para a Reitoria da Universidade do Minho.

Contudo, a Academia não deixou de analisar e vincular, felizmente de forma categórica, um projeto com objetivos, com o rumo bem traçado, preocupado com um crescimento orientado da Universidade do Minho quer a nível regional quer a nível nacional.

O futuro desta Academia garantidamente será de sucesso”.

Estas foram algumas das palavras que dirigi ao Professor António Guimarães Rodrigues no discurso de cessação de funções como Presidente da Associação Académica da Universidade do Minho, a 12 de janeiro de 2007.

Decidi recuperar este pequeno excerto para realçar aquilo que o então Reitor da UMinho sempre representou para aqueles que com ele privaram. Um rumo traçado, objetivos definidos, um futuro orientado. Eram estes os pressupostos da ação do Reitor e, acima de tudo, eram estes os ensinamentos que tentava passar a todos que tinham a sorte de passar alguns momentos com ele.

Reitor da Universidade do Minho entre 2002 e 2009, António Guimarães Rodrigues será sempre lembrado como o Reitor que para além de timoneiro de uma instituição que estava no caminho de afirmação no panorama universitário nacional, sempre foi um verdadeiro amigo dos estudantes. As decisões, mesmo as menos populares, sempre foram tomadas

de forma ponderada e pensando sempre no todo e nunca nas partes. Teria sido mais fácil atribuir pequenas vitórias aos dirigentes associativos do que respeitar ideias que, por vezes, tinham mesmo de ser opostas, mas que estavam a defender ideais e realidades. O benefício do ecossistema sempre foi o desígnio final que conseguiu incutir em todas as partes.

A dicotomia entre os interesses dos estudantes e os da instituição nunca foram uma questão na relação com os dirigentes associativos. Muito pelo contrário. Desde o primeiro dia que Guimarães Rodrigues procurou demonstrar que o “Caminho de Futuro” que a UMinho precisava, tinha de ser feito com estudantes, com as suas lutas e ideias, não querendo ser paternalista ao ponto de limitar as mesmas. Conseguiu com isto que todas as forças da academia lutassem pelo mesmo. Conseguiu desenvolver uma Universidade do Minho melhor do que o que era antes da sua chegada.

Pessoalmente não posso deixar de me sentir orgulhoso por ter privado com o Professor Guimarães Rodrigues. Mesmo que inicialmente estivéssemos de lados opostos da “barricada”, a sua visão e forma de estar fizeram-me perceber que, não existindo um caminho perfeito, há caminhos orientados e com valores que nos deixarão sempre mais próximos do sucesso. Guimarães Rodrigues deixou-me ensinamentos que nos dias de hoje fazem parte da minha forma de estar na vida pessoal e profissional. Da forma e motivos para ser conciso na escrita de um discurso ou um texto, passando pelo profissionalismo em tudo o que nos responsabilizamos por cumprir, até a algo simples como a forma de receber convidados, muitas foram as horas que passámos a conversar sobre os mais variados assuntos mundanos. Faltou-nos jogar aquela partida de *Command & Conquer* que tanto falámos, mas ainda assim sinto-me um privilegiado por um líder como ele ter feito parte do meu percurso. Hoje consigo perceber o quanto as suas palavras me fizeram crescer e me orientaram.

Obrigado Professor. Eternamente grato àquele que será sempre O Reitor.

E como disse em 2007, a UMinho confirmou o seu futuro de sucesso.

GUIMARÃES RODRIGUES: UM EXEMPLO ÍMPAR DE CIVISMO

Rui Manuel Campos Guimarães

Professor Catedrático Aposentado
Departamento de Engenharia e Gestão Industrial da
Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto

Foi há muito tempo que conheci o Guimarães Rodrigues (desculpem, mas era assim que o tratava), poucos anos depois de depois de, em 1981, ter regressado de Inglaterra para a minha Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Por estar entre os muito poucos que, então, depois de concluírem a licenciatura em Engenharia, prosseguiram os seus estudos em Investigação Operacional, fui convidado pelo Guimarães Rodrigues a dar aulas ao curso de Engenharia de Produção e Sistemas da Universidade do Minho, inicialmente no Palácio Jordão, em Guimarães. Tenho desse tempo boas recordações de alunos (com quem em geral, sempre me dei bem), entre os quais – e só para citar alguns, de memória – o António Cunha, o António Murta ou o José Fernando Mendes, que vim a encontrar mais tarde, ao longo da minha vida.

Foi no decurso destes anos que comecei a conhecer o Guimarães Rodrigues, tendo então, e sobretudo depois, participado, com ele, em diversos eventos, mais ou menos formais, que incluíram reuniões, cerimónias, conferências ou júris (em particular de doutoramento).

E retenho um conjunto de valores, atitudes e comportamentos seus, que não posso deixar de sublinhar. Começando pelos valores, destaco a sua integridade, aliada à independência, simplicidade e sinceridade que o caracterizavam. Desta combinação resultava alguém determinado, mas compreensivo, revelando sempre a tranquilidade de um homem que procurava ser justo.

No tocante às atitudes que marcaram o Guimarães Rodrigues, algumas merecem ser destacadas. Antes do mais a sua atitude positiva, caracterizada pela apreciação favorável de muitas das situações com que era confrontado

(independentemente de serem difíceis), postura que o estimulava a agir de maneira confiante.

Por outro lado, Guimarães Rodrigues distinguia-se por uma atitude geral empática e colaboradora, escutando e facilitando o diálogo com os seus interlocutores, procurando compreendê-los e, mais do que isso, tentando ajudá-los a alcançarem os seus próprios objectivos, mesmo que distintos dos seus, desde que com estes não fossem conflitantes.

Em qualquer caso, tentando manter uma atitude por um lado racional – no sentido de minimizar o efeito de emoções sentidas por si ou pelos seus interlocutores face às suas justificações racionais – e, por outro, flexível – aceitando qualidades ou critérios alheios, sem ignorar os próprios.

Dos seus valores e atitudes, dos quais me limitei a destacar aqueles que mais impacto tiveram sobre mim, resultaram comportamentos que, no seu conjunto, só podem ser descritos como a razão de ser da respeitabilidade do Guimarães Rodrigues. Entre eles, devem ser mencionados a procura de justiça nas suas intervenções, a não apropriação indevida do que não era da sua autoria, o evitar prejudicar os outros ou o respeito pelo convívio social.

Quem ler estas palavras poderá pensar que exagerei na ênfase que dei aos aspectos positivos do carácter do Guimarães Rodrigues. Embora tentasse evitá-lo, é possível que tal tenha sucedido, e se assim foi, o exagero decorreu apenas do enviesamento de quem aprendeu muito com ele e de quem se tornou um grande amigo que só teve oportunidade de, progressivamente, o admirar cada vez mais ao longo do convívio que com ele manteve durante anos.

E, entre aqueles que partiram, foram muito poucos os que me deixaram tantas saudades como o Guimarães Rodrigues.

PROFESSOR ANTÓNIO GUIMARÃES RODRIGUES: IN MEMORIAM

Sérgio Machado dos Santos

Reitor Honorário da Universidade do Minho

Um dos fatores decisivos para fazer da Universidade do Minho um inequívoco caso de sucesso teve a ver com a clarividência dos seus sucessivos gestores, que souberam interpretar quais os elementos-chave capazes de sustentar a criação de um novo estabelecimento de ensino universitário verdadeiramente inovador. Como tive oportunidade de reiterar, em variados contextos, entre esses elementos sobressaíram a identificação de uma visão clara para a missão institucional e de um perfil específico para a Universidade, traduzidos na planificação de programas de desenvolvimento estratégico ambiciosos, bem delineados e com profundidade de análise, incidindo sobre as vertentes nucleares da investigação, do ensino e da interação com a sociedade, tendo sempre como pano de fundo a dimensão cultural da Universidade.

A capacidade e empenho pessoais colocados no planeamento e execução dos muitos projetos inovadores desenvolvidos pela Universidade foram fundamentais para a qualidade, imagem e projeção dos mesmos, num trabalho de equipa(s) onde começou por pontificar um grupo pioneiro de académicos de alto calibre, integrando nomes como Carlos Lloyd Braga, protagonista de uma liderança carismática, e Joaquim Barbosa Romero, Lúcio Craveiro da Silva, Joaquim Pinto Machado ou João Evangelista Loureiro, nas áreas de Ciência e Engenharia, Relações Internacionais e Humanidades, Ciências da Saúde e Ciências da Educação, respetivamente. Verdadeiros mestres em conhecimento, perseverança e rigor, não só imprimiram uma linha de rumo ímpar aos trabalhos da Comissão Instaladora, como souberam transmitir o seu pensamento, valores e entusiasmo aos muitos colaboradores que, com

eles, trabalharam na criação desta nova Universidade, constituindo-se como referenciais incontornáveis para os futuros gestores.

O Prof. António Guimarães Rodrigues (Tozé, para os mais próximos) foi um dos elementos desse grupo inicial de colaboradores que, nas condições precárias próprias dos tempos então vividos, arrancaram com o funcionamento dos primeiros cursos em finais de 1975, numa experiência irrepetível de ambiente de trabalho em que a Universidade funcionava como uma equipa, em verdadeiro espírito de família.

Beneficiou, logo no ano seguinte, do programa de formação acelerada de pessoal docente desenvolvido pelo Conselho Científico da Universidade, com uma bolsa de estudos no Reino Unido, onde obteve as qualificações de mestre e doutor que o lançaram numa carreira académica meteórica na área da Otimização e Investigação Operacional.

Tive oportunidade de, como colega, acompanhar e admirar o seu trabalho como professor e investigador, que muito contribuiu para a implantação e prestígio da área de Produção e Sistemas, na Escola de Engenharia. Tive, igualmente, o privilégio de, a partir das funções que exerci na Reitoria, testemunhar a energia e entusiasmo que sempre colocou na condução e defesa dos projetos em que se envolveu, bem como o rigor e empenho com que assumia os seus compromissos.

Tornou-se bem cedo visível a sua capacidade e apetência para a gestão universitária, que começou por exercer, de forma muito ativa, no âmbito da Escola de Engenharia, como Diretor de diversos cursos, Diretor de Departamento, Vice-Presidente e Presidente da Escola. Em meados da década de 80 lancei-lhe, pessoalmente, um desafio, para dirigir o Centro de Informática da Universidade, uma Unidade de Serviços que, na lógica da estrutura matricial da Universidade, desempenhava um papel importante no apoio informático ao ensino e investigação. Argumentei que, para além da sua óbvia qualificação para o cargo, me parecia ser vantajoso introduzir, na direção desses Serviços, uma visão mais externa ao domínio específico da Informática e Sistemas, a exemplo, aliás, do que se verificava na vizinha Universidade do Porto. Refiro este episódio, em que não tive sucesso, porque foi nesse momento que adquiri a perceção de que o Tozé tinha uma agenda pessoal muito própria, compreensivelmente ambiciosa, mais direcionada à

gestão/ administração acadêmica, que o conduziria inexoravelmente a uma posição de topo.

Não fiquei, por conseguinte, surpreendido quando, em finais dos anos 90, integrou como Pró-Reitor a equipa que me sucedeu na Reitoria, cargo a que viria a renunciar, nem quando teve a amabilidade de me comunicar, pouco depois, que pensava candidatar-se a Reitor. Tivemos, a esse propósito, uma conversa franca, em que ficou esclarecido que nesse momento, por razões de lealdade e compromisso assumido com os colegas que tinham integrado as minhas equipas da Reitoria, não poderia apoiar a sua candidatura. Foi uma conversa de académicos, em que o relacionamento e amizade mútuos não ficaram beliscados.

Avançou e conseguiu o seu objetivo. Colaboramos, de perto, durante os seus dois mandatos como Reitor. Fica-me, desse período, a imagem da coesão do núcleo duro da sua equipa, da forma empática como essa coesão era cultivada, do entusiasmo e eficácia com que foi trabalhada a vertente da interação com a Comunidade (de que foram emblemáticos o investimento na rede de instituições participadas e a dinamização do projeto do Quadrilátero Urbano), da capacidade de planeamento estratégico construído e assumido de forma partilhada – a participação no Conselho Estratégico, a seu convite, foi uma experiência muito gratificante – e da difícil tarefa de revisão dos Estatutos da Universidade para adaptação ao RJIES, em que tive o gosto de servir como ponte na obtenção de alguns consensos entre visões antagónicas no seio da Comissão Estatutária. O Guimarães Rodrigues foi um Reitor sempre presente, entusiasta, combativo, motivador, com um empenho e capacidade de trabalho frequentemente levados além dos limites.

Um pouco mais tarde, quando passei a integrar o Conselho de Administração da A3ES e coordenei o lançamento do processo de auditoria e certificação de sistemas internos de garantia da qualidade, aceitou o convite para presidir à respetiva Comissão de Avaliação Externa (CAE). Nessa função, deu-me uma ajuda preciosa na construção de normativos e instrumentos, na formação dos membros da CAE, nas sessões de sensibilização e esclarecimento com as instituições e no acompanhamento do cumprimento de condições fixadas em sede de certificação.

Conservámos, assim, uma relação muito próxima, onde continuei a encontrar no Tozé um bom amigo, sempre presente quando necessário, num sentimento retribuído de forma sentida.

A certa altura o seu estado de saúde passou a dificultar a sua participação nas visitas da CAE. Mesmo assim, com uma programação logística minuciosa, manteve a sua participação em algumas avaliações durante um período considerável e, mais importante, continuámos os nossos encontros regulares em Braga, em almoços de trabalho planeados de forma a minimizar o esforço físico envolvido.

A sua partida, tão prematura, deixa-nos um grande sentimento de perda, tanto pessoal como para a Universidade e para o sistema de ensino superior, a que se dedicou de alma e coração. A sua memória permanecerá, contudo, bem viva entre nós, não só pela sua presença na Galeria dos Reitores da Universidade do Minho, mas sobretudo como exemplo de pessoa e de académico que se empenhou seriamente – muitas vezes para além do razoável, com prejuízo da própria saúde – em bem-servir a Universidade do Minho e contribuir, de forma decisiva, para a sua projeção regional, nacional e internacional.

Bem hajas, Tozé, o nosso pensamento está contigo!

PROFESSOR ANTÓNIO GUIMARÃES RODRIGUES, O ‘VELHO SÁBIO’, UM ‘VELHO AMIGO’

Vasco Leão

Presidente da AAUMinho em 2001, 2002 e 2003

Escrever sobre uma figura tão distinta como o Professor António Guimarães Rodrigues não é tarefa fácil. O que o distingue e eleva é a presença de um conjunto alargado de traços individuais e, por isso, estou confrontado com a dificuldade de os destacar de um modo isolado. Contudo, é uma história individual que exige ser contada. Porque é também, e essencialmente, a história coletiva de uma Instituição que com ela se confunde.

O testemunho que aqui deixo é o relato de dois aspetos que marcaram a minha vivência com o Professor e que entendo serem relevantes numa biografia de muitas viagens que seguramente empreendeu. O primeiro é factual e reporta ao início daquela que seria uma relação única entre a AAUM e a Reitoria de Guimarães Rodrigues durante os sete anos e meio do seu tempo enquanto Reitor da Universidade do Minho. O segundo é caracterizador da imagem que construí a seu respeito e que perdurará na minha razão, mas também na memória coletiva da AAUM. Tive o privilégio de assumir o meu apoio incondicional à sua primeira candidatura a reitor da Universidade. Esta foi a decisão mais fácil da minha vida associativa. Uma reunião curta, mas densa, simultaneamente de ideais e de pragmatismo, foi suficiente para que a escolha tivesse sido logo ali tomada. Sem reservas ou condições prévias. O mítico Café Viana – local desta reunião – fica assim associado a mais um evento com relevância histórica. Muita, numa perspetiva pessoal. Certamente também de algum significado para a Instituição.

No percurso então iniciado e que duraria três anos percorreram-se locais e experiências únicas. Que, em todos e todas, houve oportunidade

de aprender o muito que se ensinava. Foi neste contexto, e deste modo, que o Professor Guimarães Rodrigues granjeou o epíteto junto dos dirigentes associativos que com ele conviveram de “o velho sábio”. Velho pelo facto de rapidamente se ter tornado um “velho amigo”. Velho porque nos transmitia a certeza de que tudo já tinha ocorrido no seu pensamento. Velho porque havia sempre um tempo futuro e certo, para entender o presente. Velho pela sabedoria natural, fluida e permanentemente acessível a todos os que o procuravam. Sábio, por nas suas viagens diárias levar uma mala repleta de tolerância, otimismo, visão, confiança, integridade, rigor, convicção. Sábio por nelas não caber o rancor, a displicência, a deslealdade.

Tal como a poetisa Maya Angelou afirmou: "Aprendi que as pessoas esquecerão o que disseste, esquecerão o que fizeste, mas nunca esquecerão o que lhes fizeste sentir".

Este texto foi escrito e dedicado ao Professor Guimarães Rodrigues, em outubro de 2009, ano em que deixou as suas funções de Reitor da Universidade do Minho.

AS MINHAS MEMÓRIAS DE GUIMARÃES RODRIGUES

Wladimir Brito

Professor Catedrático Jubilado da
Escola de Direito da Universidade do Minho

1. Os primeiros momentos

Conheci o Professor Doutor Guimarães Rodrigues poucos anos após ter iniciado a minha docência na Universidade do Minho. Na verdade, por ser docente de disciplina frequentada por alunos de diversos cursos de Engenharia, deslocava-me inicialmente ao Palácio de Vila Flor e mais tarde ao Campus de Azurém, que albergavam esses Cursos, e foi nesse contexto que me cruzei algumas vezes, com o Professor Guimarães Rodrigues e limitávamo-nos a um cumprimento formal. Ao longo dos anos, por razões funcionais, encontramos-nos algumas vezes nos locais de trabalho – também no Campus de Gualtar – e, como naturalmente acontece no meio universitário, fui ouvindo falar dele como um Professor cientificamente competente e rigoroso, afável no trato e com, quase que poderia dizer, obsessão pela pontualidade. Falar de Guimarães Rodrigues era também invocar a pontualidade e representá-lo com o seu cigarrito nas mãos. Num país onde dominava (e domina) a falta de pontualidade, essa característica era para mim uma nota marcante da figura de Guimarães Rodrigues na fase em que, como disse, as nossas relações eram somente institucionais e muito ocasionais.

Mas, seis foram os momentos marcantes das minhas relações com Guimarães Rodrigues e são os seguintes:

2. A Pontualidade

E se falo da pontualidade é porque contaram que nos inquéritos de avaliação dos docentes, a que dei sempre pouco crédito (a classificação dos

professores dependia sempre do momento – antes ou depois da publicação das notas – ou do maior ou menor rigor do docente), os alunos de Guimarães Rodrigues no item relativo à pontualidade atribuíram-lhe classificação negativa, considerando que não era pontual. Não sei se a história é verdadeira ou não – mas mesmo que fosse mito, para mim funcionou sempre como o do filme de John Ford – “Quem matou Liberty Valence”. Mas, o certo é que ela confirmou a minha descrença nessas avaliações e passei a justificar o pouco interesse que teriam para uma séria avaliação dos docentes contando essa história em que um Professor da UM devoto e cumpridor da pontualidade, Guimarães Rodrigues, tinha sido “chumbado” pelos seus alunos por falta de pontualidade.

Curiosamente, pude constatar várias vezes essa pontualidade quer quando o encontrava à porta do local onde ia dar as aulas a fazer tempo, fumando o seu cigarro, para pontualmente entrar na sala, quer em reuniões que com ele tive posteriormente.

3. O cigarrito antes das aulas

Outro traço marcante da figura do Doutor Guimarães Rodrigues, era a sua relação com o tabaco. E se agora falo do fumador Guimarães Rodrigues é porque o tabaco foi o primeiro instrumento que contribuiu para aprofundar as nossas relações. Na verdade, como já disse, muitas vezes, quando ia dar aulas, ao passar pelo edifício onde Guimarães Rodrigues dava as suas aulas, encontrava-o à porta desse edifício a fumar o seu cigarrito, fazendo tempo para, pontualmente, entrar na sala de aulas. Por estar aí a fumar, tinha eu a oportunidade de o encontrar e de com ele falar, inicialmente, numa conversa breve e até um pouco formal, mas, progressivamente, em conversas mais longas e menos formais. Conversas que normalmente duravam o tempo que faltava para acabar de fumar e do tempo que ainda sobrava para o início das suas aulas. Poderia dizer que essa sua rotina tabágica contribuiu para, no quadro dessas conversas, nos conhecermos um pouco melhor e para eu me aperceber e apreciar a forma afável como tratava todos os que com ele se relacionavam.

4. O pedido para instrutor de processo disciplinar

As nossas relações pessoais mantiveram-se, ainda que espaçadamente, em encontros ocasionais em cerimónias académicas ou no Campus de Gualtar. Mas, em setembro de 2003 sou contactado pelo Reitor Guimarães Rodrigues para uma tarefa delicada e sempre complicada de ser executada, que era a de assumir as funções de Instrutor de um processo disciplinar (com alguma gravidade, diga-se) instaurado contra uma funcionária. Aceitei a incumbência e fui por ele nomeado Instrutor desse processo, funções que terminaram em 2004 com a acusação e o envio do processo ao então Reitor Guimarães Rodrigues para decisão final. O exercício dessas funções durante um período longo de tempo, implicou uma maior aproximação relacional entre ambos, mas sempre com o devido respeito de Guimarães Rodrigues pelas funções que me tinham sido por ele atribuídas, nas quais nunca teve qualquer outra interferência que não fosse a que lhe era procedimentalmente permitida.

5. O mandatário do candidato a Reitor

Acontece que em 2006, aquando da sua candidatura a Reitor para o seu segundo mandato, por razões que então desconhecia, Guimarães Rodrigues telefona-me para me dizer que queria falar pessoalmente comigo sobre a sua candidatura. É claro que, tendo eu apoiado a sua primeira candidatura e apreciado a forma como exerceu o seu primeiro mandato, disse-lhe que iria ter com ele no dia e no local que me indicasse, como academicamente era o meu dever. Espantado fiquei quando ele me disse que viria a Guimarães (onde vivo) com alguns membros da “*task force*” da sua candidatura para almoçarmos e falarmos dessa candidatura. No almoço, no Restaurante Florêncio em Guimarães, convidou-me para ser seu mandatário, convite que, reconheço, muito me honrou, mas que eu não esperava que viesse a ser feito, pois pensava que me ia pedir apoio na campanha no âmbito da Escola de Direito.

Aceitei o convite e, por força dessas funções, passamos a ter uma mais estreita relação pessoal e de trabalho. É então que constato o rigor que Guimarães Rodrigues colocava na definição das tarefas e das estratégias a adotar na campanha eleitoral, a afabilidade no trato, a preparação e a eficiência na execução da estratégia definida e o respeito pelos adversários. Mais. Constato ainda que Guimarães Rodrigues preparava-se ao pormenor para cada debate ou ação de campanha, que nos debates oferecia com serenidade as suas

opiniões e ouvia também com serenidade e respeito a dos seus adversários, com eles se relacionando com elegância. Contribuía assim para a serenidade e o elevado nível dos debates, o que propiciava o esclarecimento dos eleitores. Terminada a campanha e realizado o ato eleitoral, Guimarães Rodrigues vence as eleições e inicia o seu segundo e último mandato. Após um convívio em sua casa, onde ofereceu um lanche aos seus apoiantes e para, como é natural nessas ocasiões, comemorar a sua vitória, regressei ao meu Gabinete na Escola de Direito, passando os nossos contactos a ser mais espaçados.

6. A frase proferida no final do 2º mandato reitoral: A partir de agora sou um simples funcionário público

Posso dizer que durante esse segundo mandato as nossas relações voltaram ao padrão inicial, agora com uma relevante diferença que consistia no facto de nos conhecermos melhor e de nos unir uma certa amizade, da minha parte, um ainda maior respeito por Guimarães Rodrigues. É claro que, como sempre faço com qualquer dirigente e em especial com aqueles que apoio, estive sempre atento ao modo como exercia o seu mandato, verificando que manteve sempre o seu elevado padrão de conduta ética e funcional, a sua simplicidade e afabilidade, o rigor no tratamento das questões, qualidades essas que reforçavam o meu dever de respeito pessoal e académico pela pessoa de Guimarães Rodrigues, pelo que o apoiei até ao final desse mandato.

Lembro-me ainda que, no dia em que, em cerimónia pública, entregou a Reitoria ao seu sucessor Doutor António Cunha, disse publicamente que a partir desse momento passava a ser um simples funcionário público, indicando o seu número, o que espelha a sua humildade e a forma como pensava e exercia o serviço público, nomeadamente o que, como Reitor, acabava de prestar à sua/nossa Universidade e ao país, e deixava claro que não pretendia qualquer tipo de recompensa (como a de oferta de novos cargos, muito comum na cultura funcional portuguesa). Com naturalidade regressou à sua qualidade de Professor e de cidadão comum.

7. O último contacto. A mensagem de Guimarães Rodrigues

Mesmo nessa qualidade (ou, talvez até, por causa dela) Guimarães Rodrigues continuou a ser uma personalidade que integra a minha exigente pequena lista de figuras que me acompanham como exemplo de ética

republicana e académica. Por isso mesmo, aquando da minha jubilação pedi à organização da Homenagem que me ia ser prestada pela e na Escola de Direito da Universidade do Minho que endereçasse, em meu nome, um convite ao Professor Doutor Guimarães Rodrigues. Em resposta ao convite, dele recebi por mail (que agora divulgo) a seguinte mensagem:

“Por razões de saúde e mobilidade condicionada, não me seria de todo possível acompanhar presencialmente essa ocasião. Procurarei fazê-lo na rede, caso as condições mo permitam.

De qualquer forma, o que queria mesmo era deixar-lhe uma simples mensagem de apreço, e os meus votos de que nesta ocasião encontre a satisfação de poder reconhecer o valor da aprendizagem ao longo do percurso percorrido, e também a oportunidade de equacionar o envolvimento em projectos e causas que poderão agora encontrar a sua oportunidade.

Pessoalmente recordo a disponibilidade que manifestou de imediato quando em 2006 lhe pedi que fosse mandatário da minha 2ª candidatura a Reitor. Recordo também a mensagem que me enviou quando, após aprovação dos Estatutos e constituição do Conselho Geral, solicitei ao Conselho Geral que promovesse eleições por não pretender usar a alínea de excepção do RJIES que permitia que concluísse o 2º mandato. O Wladimir foi a única pessoa que me exprimiu a sua apreciação sobre o sentido do interesse institucional que prevaleceu nessa minha decisão.

Obrigado, e os meus Votos de Felicidades.

Um grande abraço

A. Guimarães Rodrigues”

Este foi o último contacto (infelizmente, não pessoal) que tivemos. Resta-me agora curvar-me respeitosamente perante a sua marcante figura como cidadão e académico.











































































“A Universidade do Minho conseguiu um enraizamento notável na região, mas sempre com os olhos postos no país, na Europa e no mundo.(...) Um dos lemas adotados por António Guimarães Rodrigues, como se recorda em vários testemunhos publicados neste livro, foi, justamente, “uma universidade sem muros”.

Leio nos testemunhos deste livro a admiração de amigos e colegas por António Guimarães Rodrigues – pelo homem, pelo académico, pelo reitor. Merecidamente. Leio também a gratidão e o reconhecimento dos estudantes, que são a razão de ser de uma universidade.”

Do Prefácio de António Sampaio da Nóvoa.

Espero que este livro vos faça sorrir, tanto quanto eu sorri ao editá-lo. Não se trata de um tributo melancólico à partida do Professor, do Reitor, do Chefe ou do Amigo, mas antes de uma celebração da sua vida, da sua entrega e da dedicação com que nos presenteou. Tivemos o privilégio de ser moldados por um espírito nobre, que a todos nos ensinou o verdadeiro significado de servir uma causa. O Professor, o Colega, o Fundador, o Amigo António Guimarães Rodrigues será sempre um exemplo maior de entrega, dedicação e compromisso. Que Lição tão grande nos deu e deixou, Chefe!

Paulo Sampaio, coordenador da obra.